

Francesco Bamonte

# Possessões Diabólicas e Exorcismos

Como  
reconhecer  
o astuto pai  
da mentira

# Índice

Apresentação para a edição brasileira .....	7
Prefácio [por Gaetano Bonicelli] .....	9
Introdução .....	17
1. ALGUMAS PREMISSAS NECESSÁRIAS .....	27
Cristo veio para destruir as obras do demônio ...	27
O demônio não foi inventado pela fantasia do homem, mas é um ser realmente existente .....	28
Quem é Satanás? .....	29
Satanás não é o “deus do mal” .....	33
Por que Deus permite a ação dos demônios? .....	34
Os demônios não podem fazer milagres .....	37
Os demônios não são onipresentes .....	39
Os demônios não podem conhecer tudo de uma pessoa .....	40
Os demônios não podem conhecer o futuro .....	42
O que se entende por possessão demoníaca? .....	44

2. O SATANISMO .....	49
O satanismo e a sujeição demoníaca.....	49
O demônio não está em condições de dar aos seus “consagrados” tudo o que promete ....	50
As duas correntes do satanismo .....	51
Os diversos ritos do satanismo .....	56
A experiência interior do satanista e o seu retorno para Deus .....	58
Testemunhos de ex-satanistas .....	61
<i>A história de Marcos [nome fictício]</i> .....	61
<i>A história de Micaela [nome fictício]</i> .....	63
3. A AÇÃO EXTRAORDINÁRIA DO DEMÔNIO .....	67
O que se entende por ação extraordinária do demônio? .....	67
Quais podem ser as causas da ação extraordinária do demônio? .....	68
<i>Por própria culpa: os pecados de superstição e as             práticas ocultas</i> .....	68
<i>Por especial vocação de oferta a Deus do próprio             sofrimento</i> .....	70
Qual é a finalidade da ação extraordinária do demônio? .....	71
<b>Exame dos vários graus da ação extraordinária do demônio</b>	
Infestação local .....	72
O discernimento da infestação local .....	75
As vexações .....	79
O discernimento das vexações demoníacas .....	81

<i>Alguns exemplos de vexações</i> .....	82
Obsessões demoníacas .....	83
O discernimento das obsessões demoníacas .....	86
<i>Alguns exemplos de obsessões</i> .....	87
A possessão demoníaca .....	90
O discernimento da possessão demoníaca .....	91
<i>Falar ou compreender línguas desconhecidas à</i> <i>pessoa</i> .....	101
<i>Conhecimento de coisas ou fatos que a pessoa</i> <i>não pode saber</i> .....	102
<i>Força física ou peso anormal</i> .....	110
<i>Aversão ao sagrado</i> .....	111
<i>Outros sinais indiciadores</i> .....	121
O que deve fazer a pessoa que é submetida a uma ação extraordinária do demônio e o tempo necessário para a libertação .....	129
Ação extraordinária do demônio e doenças. Distinção entre cura e libertação .....	131
O meu modo de proceder para compreender se existe necessidade de exorcismo .....	141
Um episódio .....	143
 4. O EXORCISMO .....	 147
O exorcismo, do Evangelho até hoje, na Igreja católica.....	147
O termo "obsessão" no <i>Rituale Romanum</i> , no <i>Código de Direito Canônico</i> e no novo rito dos exorcismos .....	153
O exorcismo pode ser feito em todos os casos de ação extraordinária do demônio .....	155

O problema do uso da forma imperativa do exorcismo .....	156
Sugestão e realidade da possessão demoníaca ....	162
Não nos deixemos condicionar pelo racionalismo ..	165
O problema do consentimento a proceder ao exorcismo da parte do possesso .....	169
O exorcismo, meio de evangelização .....	171
As catequeses involuntárias do demônio durante os exorcismos .....	173
Espiritualidade do exorcista .....	186
Considerações finais .....	193
<i>Apêndice I – Testemunhos úteis para aprofundar o discernimento e a distinção entre as falsas e as verdadeiras possessões .....</i>	<i>201</i>
<i>Apêndice II – O malefício no <i>Rituale Romanum</i> e no novo rito dos exorcismos de <i>Exorcismis et Supplicationibus Quibusdam</i> .....</i>	<i>233</i>

## *Apresentação para a edição brasileira*

---

Vivemos a idéia de um Deus-misericórdia. Em boa hora, a teologia nos convida a fazermos a passagem de um Deus-castigador para um Deus-amor, como nos ensina a Boa Nova de nosso Senhor Jesus Cristo. Sua fonte são recentes estudos da Sagrada Escritura que fundamentam cada vez mais, com luzes novas, este tema tão importante.

Como nenhum livro sagrado caiu do céu já pronto, levam-se em conta sua contextualização, a cultura, os costumes da época, bem diferentes dos nossos e assim por diante. Por exemplo, os relatos evangélicos, escritos muitos anos depois da morte de Cristo, são analisados sob a ótica das necessidades das várias comunidades primitivas onde foram construídos.

Em ambas as situações, a conceituação tradicional do demônio tem perdido terreno. Mas isto não nos

impede de examinar estudos como este, elaborado no Velho Continente sobre esse tema, que acompanha o Cristianismo desde seu nascimento.

EDITORA AVE-MARIA

## Prefácio

---

**D**iante do pedido de uma até mesmo simbólica apresentação, instintivamente veio-me a vontade de responder: “Caro padre Bamonte, agradeço-lhe a sua confiança, mas não sei exatamente o que poderei dizer de útil neste campo”. Pensando um pouco melhor, compreendi que não se tratava só de um gesto de urbanidade o que me era pedido fazer, mas a obediência interior quase para sanar um desgosto que faz tempo me acompanha. Um desgosto, melhor dizendo, uma dupla insatisfação. E me explico logo. Lendo com um pouco de calma os santos Evangelhos não se pode deixar de ser tocados pela insistência do divino Mestre. Um dos sinais da nova evangelização é, para ele e para os apóstolos, a libertação de tudo o que prende ao demônio. Não só Jesus fala dos “espíritos malignos”, mas diz claramente que é necessário expulsar os demônios (Mt 10,8). Os discípulos tomam a sério esse assunto e referem: “Senhor, até os demônios

se nos submetem em ter nome" (Lc 10,17). A luta contra o Maligno foi uma das constantes também na catequese das primeiras gerações cristãs. São Paulo fala do "príncipe das potestades do ar, do espírito que agora atua nos rebeldes" (Ef 2,2). E o Apocalipse depois, na famosa cena da luta entre a mulher com o menino insidiados por Satanás, diz que ela venceu, mas que o dragão não largou a presa e vadeia pelo mundo para insidiar os crentes.

A primeira conclusão da leitura destas páginas é que se torna urgente voltar a tomar nas mãos o tratado bíblico-teológico sobre o demônio. Ter abrandado ou esquecido todo este capítulo da doutrina católica foi uma atitude que levou a "libertar-nos" destes condicionamentos considerados superados e relegados a uma concepção mágica e maniquêia da vida, na atualidade não mais sustentável, como costumam dizer. Qual o resultado? Chegamos ao paradoxo de gente que não crê – ou que afirma não crer – em Deus, mas corre atrás das referências astrais ou de ilusões inúteis e igualmente busca combater as influências malignas. O percentual das pessoas que "dependem" da irracionalidade é crescente e poder-se-ia dizer enregelador. A Providência não, o horóscopo sim; a Igreja não, a bruxa sim.

Todavia pergunto-me, talvez um pouco atrasado, por que todo bispo e todo sacerdote não se sente estimulado pelo mandato de Jesus: "expulsai os demônios" (e todo o comércio que faz parte do reino de Satanás). Quando alguém me pede um parecer ou uma intervenção porque se sente vítima do Maligno, quase

sempre me sinto inclinado a esquivar-me, enviando a pessoa aos “especialistas”, isto é, aos exorcistas. E ainda bem que esses existem, mas verdadeiramente posso permanecer de consciência tranqüila? Segundo o padre Gabriele Amorth, que todos consideram um mestre nesse assunto, de três séculos para cá na Igreja católica o aprofundamento do Evangelho nesta direção é *off* [está em falta]. Se penso nos meus estudos no Seminário, posso dar razão ao padre Amorth. E no entanto São João diz: “o mundo todo jaz sob o Maligno” (1Jo 5,19). É possível que depois de vinte séculos a situação tenha mudado? É certo que pode mudar se se tomar a sério o mandato que nos foi dado por Jesus contra “o príncipe deste mundo” (Jo 14,30). Mas é necessário começar a ter idéias claras. Estas linhas, pois, querem ter para mim um caráter de reparação tardia de uma grave desatenção ao mandato que, com o chamado ao sacerdócio, o Senhor me deu. Mas juntamente gostaria que este livro fosse uma salutar provocação para bispos, sacerdotes, educadores, para que não se continue a esnobar um pedido talvez não expressado, mas sofrido por parte de muitos fiéis e talvez infieis que se encontram atormentados. Já se disse que a primeira vitória de Satanás é convencer com pretextos talvez pseudoculturais que ele não existe ou, no máximo, é apenas um boneco agitado para causar medo em crianças más. Tem razão, portanto, o padre Bamonte quando coloca neste seu estudo os pontos fundamentais da doutrina. Se não existem definições dogmáticas sobre a matéria, segundo uma Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé, é porque hereges e fiéis com base na Bíblia nunca colocaram em dúvida

esta verdade: "O Filho de Deus se manifestou para destruir as obras do demônio" (1Jo 3,8).

Tocou-me profundamente a unânime admoestação dos "especialistas" ou "peritos", isto é, dos exorcistas, que reconhecem com pesar a forte divergência neste campo entre os católicos e as confissões cristãs evangélicas, sem falar dos ortodoxos que em todo mosteiro têm pessoas preparadas para acolher e ajudar o povo que padece. Mas então precisamos ver diabos em toda parte? Seria cômodo demais descarregar todo mal sobre o diabo, como para nos apresentarmos, quase sem qualquer esforço, com uma consciência assaz limpíssima. A raiz do mal está dentro de nós e jamais faremos o bastante para combatê-la com os meios que vêm da graça de Cristo em ajuda à nossa inteligência e vontade. Mas as insídias provêm também de fora e se acrescentam às que cada um veicula consigo. Também os grandes santos lutaram contra a fraqueza da natureza. Pensemos em São Paulo que lamentava ser levado a fazer o que a consciência detesta (cf. Rm 7,23). Certamente o diabo agita-se à vontade onde encontra terreno desprotegido ou em situações delicadas. Pensemos, por exemplo, em Santo Antão abade e em outros santos até o Padre Pio [São Pio], que se encontraram quase fisicamente com o tentador. Ou em São Martinho [de Tours] que o encontrou ao lado do leito de morte como besta famélica. O grau de presença e de incidência não é igual para todos. Eis por que é indispensável um conhecimento, ao menos sumário, dos modos habituais de intervenção do Maligno que pode chegar até as raias da possessão.

Exatamente pela gravidade desta possibilidade, é indispensável um conhecimento profundo e sereno de tais casos. E o objetivo desta obra é oferecer critérios seguros para aproximar-se do tremendo mistério que este gênero de luta comporta.

Uma simples palavra sobre o esquema que nos é oferecido pelo autor. Entendo de capital importância o primeiro capítulo que se apresenta sob o título: *Algumas premissas necessárias*. É uma retrospectiva sóbria, mas essencial, da correta posição cristã *diante* do demônio e da sua ação rebelde nos nossos dias. Vejo com alegria uma eficaz síntese das palavras, das referências bíblicas, das incompreensões sofridos em muitos anos de esquecimento, mas também o preciso e eficaz olhar que o autor dá sobre as intervenções de Paulo VI (15 de novembro de 1972) e de João Paulo II (13 de agosto de 1986). O *Catecismo da Igreja Católica* não ignora o assunto e, no plano teológico, as posições de Santo Tomás de Aquino parecem escritas na atualidade.

Mais articulado, não se esqueça, a seqüência do volume, que parte das duas maneiras de agir do inimigo: uma ordinária, vastíssima, que é o reino das tentações; uma extraordinária que se exprime nos fenômenos de infestação, vexação, obsessão e possessão demoníaca. E é sobre esta ampla seção que a atenção e a documentação é recordada. Um capítulo que me pareceu de grande atualidade é aquele referente ao satanismo. Eu próprio o encontrei no campo, como bispo, e muito me haveriam ajudado os esclarecimentos que leio nestas páginas.

O padre Francesco Bamonte movimenta-se com liberdade neste mundo certamente não linear. Sinal

não só de uma preparação acadêmica, mas de uma já longa experiência. À sua mesa de trabalho, com muita modéstia, chama os melhores colegas que atuam na Itália. Daí provém um panorama decididamente variado e envolvente. Certamente, diante das múltiplas modalidades com que o Maligno se revela, é quase desesperador conseguir fazer uma correta tipologia, na qual se possa situar cada caso particular. E esta é a responsabilidade do exorcista chamado a fazer o discernimento: “Esta espécie de demônios não se pode expulsar senão pela oração”, palavra de Jesus (Mc 9,28). Assim a ascética é exigida em muitas circunstâncias como aquilo que se casa com o estudo e a experiência.

Parece-me muito bem posta a parte final do livro porque dedicada exatamente ao protagonista destas batalhas, precisamente ao exorcista. O Espírito Santo, recordemos, pode perfeitamente suscitar, também fora dos esquemas institucionais, testemunhas e agentes em condições, com a sua santidade, de descobrir as trapaças do inimigo das almas. A dimensão da fé e da caridade torna-se, portanto, o verdadeiro paradigma que qualifica da melhor maneira os ministros da Igreja neste campo.

Vendo a lucidez com que o autor trata destes problemas, pode-se esperar que vá em frente e que escreva algo que seja simples e admirável sobre fenômenos que incomodam tanta gente: despachos, malefícios e assim por diante. Que natureza têm, qual o valor a dar-lhes, que atitude particular se deve ter em relação a isso... etc.

Por natural conexão parece-me que perante a ação diabólica tão difundida no mundo de hoje, seja importante voltar a difundir a devoção aos santos Anjos que Deus nos deu como guardas não tanto para evitar um acidente de percurso, mas para nos preservar da influência dos outros anjos que, antes dos homens, renegaram a Deus. Entre os santos Anjos de Deus está o "príncipe" que guia as fileiras celestes. O papa Leão XIII compôs uma oração para ser recitada no fim das "missas rezadas". Não concordo que seja recolocada ali. A missa tem como centro o Senhor Jesus que não tem necessidade de acréscimos desnecessários. Mas na prática pessoal e comunitária por que não reintroduzi-la com uma certa freqüência e com a decidida intenção de sustentar o ministério dos exorcistas?

*São Miguel Arcanjo,  
defendei-nos na luta,  
sede nosso arrimo contra a maldade  
e as insídias do demônio.  
Chefe supremo das milícias celestes,  
fazei afundar no inferno,  
com a força de Deus,  
Satanás e os outros espíritos malignos  
que vagueiam pelo mundo  
para a perdição das almas. Amém.*

+ GAETANO BONICELLI  
*Arcebispo emérito de Siena*

## Introdução

---

Desde os primeiros anos da minha missão sacerdotal venho encontrando numerosas pessoas que acabaram caindo nas mãos dos magos e feiticeiros. As suas histórias suscitavam em mim uma particular indignação, sobretudo se se tratava de pessoas sozinhas, desesperadas, abandonadas e necessitadas de alguém que as ajudasse. Indo procurar sem a necessária cautela a ajuda de feiticeiros, cartomantes, médiuns e charlatões, etc., acabaram caindo, como se costuma dizer, *da frigideira nas brasas*. Vi claramente como os feiticeiros se aproveitam de quem está em dificuldades, de quem está imerso na dúvida ou de quem está mergulhado na dor, para oferecer falsas soluções: e isto é quanto de mais desprezível e detestável possa ser feito! Vi também como o contato com alguns deles pode talvez provocar formas de perturbações *extraordinárias* da parte do demônio, pelo que se torna necessário intervir com o ministério dos exorcismos. Exatamente por este

motivo, hoje a minha ajuda às vítimas das várias formas de ocultismo não se limita somente a ouvi-las, encorajá-las e acompanhá-las em um caminho de catequese e de oração, mas, quando o dano que sofreram o torna necessário, valho-me também do específico ministério do exorcismo.

A particular assistência que dediquei às vítimas do ocultismo levaram-me a anunciar freqüentemente, na minha obra de evangelização, que só Cristo Jesus nos liberta e nos salva das forças do Mal que nos ameaçam. As crenças e as práticas mágico-supersticiosas, ao contrário, são um caminho que permite a tais forças escravizar-nos sempre mais. Eis por que, no Antigo e no Novo Testamento, Deus o proíbe severamente. Ele ama os seus filhos e os coloca em guarda contra tudo o que pode destruí-los espiritual, moral, psicológica e fisicamente. As práticas mágicas, nas suas múltiplas formas, são uma armadilha que os nossos inimigos invisíveis colocam na nossa estrada, para nos afastar do bem e da verdade e para tornar-nos seus prisioneiros. Todavia, na atualidade como no passado, muitos se deixam seduzir por estas estradas falsas e enganosas e procuram nelas o sucesso, a solução fácil dos problemas da vida ou até mesmo o mal para os outros. Também nos nossos tempos, por isso, encontramos pessoas prejudicadas pelo contato com a feitiçaria ou que sofreram danos por quem a empregou contra elas.

Para prevenir a praga social do recurso aos magos, a partir de 1999 organizei alguns ciclos de catequese, primeiramente naquela que então era a minha paróquia

e, a seguir, a pedido de vários párocos, também em outras localidades da Itália. Devido ao forte interesse despertado por aquela iniciativa, fui solicitado, de várias partes, a escrever algo a respeito desta experiência em favor daqueles que haviam caído nas malhas do ocultismo. Aquelas catequeses junto com uma série de testemunhos, recolhidos por pessoas presas nessas malhas enredantes, resultaram sucessivamente em dois livros, publicados por intermédio da casa editora Ancora: o primeiro, em abril do ano 2000, com o título *Cosa fare con questi maghi? Come liberarsi della superstizione e difendersi dai truffatori*, impresso nas respectivas línguas também na Grã-Bretanha, na França, na Polônia e no Brasil [*Magia ou Ciência? Como libertar-se da superstição, da feitiçaria e dos charlatões*. Editora Ave-Maria, 1ª ed. 2005], e o segundo publicado em setembro de 2003, com o título *I danni dello spiritismo. L'azione occulta del Maligno nelle presunte comunicazioni con l'aldilà*, publicado também na Polônia em sua língua nacional. Ambos os textos tinham um duplo objetivo: ajudar as vítimas do ocultismo a libertar-se dessa escravidão e, por outra parte, impedir o mais possível que outras pessoas caiam em semelhante engano. Ofereceram-se assim – aos agentes de pastoral, aos sacerdotes, aos religiosos, aos simples cristãos e aos educadores – informações úteis para prevenir estes fenômenos e para solicitar às competentes autoridades que realizem, no plano civil e legal, todas as iniciativas mais oportunas para impedir esses embustes e charlatanices.

Eis, portanto, de maneira sintética o itinerário que me conduziu ao ministério do exorcismo. Tal mi-

nistério, porém, como se pode imaginar, exige muitas energias e muito tempo. Por essa razão a minha atividade de escuta, de evangelização e de oração, de conselho e de encorajamento em benefício dos que caíram nas malhas dos magos e feiticeiros prossegue na atualidade com o apoio de uma equipe que me coadjuva. Existem muitíssimas pessoas que gostariam de encontrar-se com um exorcista, mas nem todas têm verdadeiramente necessidade dele. Existem, efetivamente, três categorias de pessoas que reclamam o seu ministério: uma primeira, constituída por aqueles que estão erroneamente convencidos de estar endemoninhados; uma segunda, constituída por aquelas pessoas que, voluntariamente ou inconscientemente, aparentam estar endemoninhadas; uma terceira, finalmente, formada por aqueles que apresentam realmente fenômenos e distúrbios devidos a uma ação extraordinária do demônio.

Para não me sentir afogado por uma infinidade de pedidos – que inevitavelmente tomariam muito tempo de quem tem verdadeiramente necessidade deste ministério específico – encaminho, para um primeiro discernimento, quem pede para encontrar-se comigo (com exceção dos que me tenham sido diretamente apresentados por um sacerdote que já tenha avaliado a situação) ao “Centro de Escuta”, formado por uma equipe de religiosos e sacerdotes, com os quais me encontro periodicamente. Estes meus colaboradores, mesmo não sendo exorcistas, têm a preparação necessária para selecionar as pessoas, de maneira que a mim chegam, nos limites do possível, só aquelas que,

provavelmente, têm necessidade do meu ministério. Quer seja o "Centro de Escuta", quer seja o subscrito, valemo-nos, também, da assistência de um psiquiatra, ao qual nos dirigimos para aqueles casos em que permanecemos em dúvida.

O "Centro de Escuta" atua, sobretudo, segundo a sua denominação, *escutando* quem pede para se encontrar comigo e depois acompanhando-o ao encontro com Cristo, em um caminho de vida sacramental, adoração eucarística, oração, catequese. Se durante este percurso chegarem a se evidenciar reais sintomas ou sinais suspeitos de atividade diabólica, então aquela pessoa me é enviada para um posterior discernimento. Todavia, mesmo que resultasse uma efetiva necessidade de exorcismos, o "Centro de Escuta" continuaria a oferecer normalmente o seu precioso serviço de acompanhamento.

Ao mesmo tempo mantenho-me em contato com o responsável pelo Ofício para a Pastoral dos Exorcismos da diocese em que atuo. Este, por sua vez, mantém informados o bispo e o seu vigário sobre a coordenação e o desenvolvimento desta pastoral no âmbito da mesma diocese e está também encarregado de organizar os encontros anuais dos exorcistas da sua região.

Como foi justamente salientado por Giuseppe Ferrari, secretário-geral do GRIS (Grupo Ricerche Informazioni Socio-religiose [Grupo de Pesquisas e Informações Sócio-religiosas]) na aula introdutória ao curso universitário sobre *Esorcismo e preghiera di liberazione* [Exorcismo e oração de libertação] (o primeiro curso no mundo desenvolvido sobre este assunto em um Ateneu Pontifício, o "Regina

Apostolorum”, de Roma, iniciado em fevereiro de 2005), nos últimos dois decênios vieram evidenciando-se cada vez mais as notáveis dificuldades nas quais se debatem não poucos sacerdotes e agentes pastorais. Eles, de fato, precisam enfrentar tanto os problemas apresentados por um número crescente de pessoas que entraram em contato, mais ou menos direto, com o mundo do ocultismo e da magia e que desejam sair dele; quanto por quem se sente visado (erradamente ou com razão) por uma particular ação do demônio. O obstáculo maior, para a solução de tais problemas, é causado exatamente pelo despreparo dos sacerdotes. Eles, o mais das vezes, não se sentem em condições ou não se sentem dotados dos instrumentos necessários para virem ao encontro, de maneira adequada, aos pedidos de ajuda da parte dessas pessoas. Conseqüentemente os exorcistas encontram-se com muita freqüência diante de numerosos pedidos de pessoas que pedem para encontrar-se com eles, mas que nem sempre apresentam males para os quais necessitem de exorcismos, subtraindo assim um tempo precioso de quem tem verdadeiramente precisão dele. Daí deriva, portanto, a necessidade de que todo sacerdote possua aquele mínimo de conhecimento para entender, nos casos concretos, quando uma pessoa deve ser encaminhada a um exorcista ou não.

Outras dificuldades, de não pouca importância, são aquelas que devem ser enfrentadas pelos *neo-exorcistas*, os quais logo se apercebem de que, para desenvolver eficazmente este ministério é necessário antes de tudo uma sólida experiência. E, assim, muitos deles procuram obter esta experiência pastoral indo,

por assim dizer, à escola dos exorcistas de longa data ou então formando-se em livros escritos pelos exorcistas mais experientes. Diante de tais exigências senti no meu coração o desejo de oferecer um texto que possa servir de posterior ajuda, para o discernimento, aos sacerdotes, mas também aos agentes pastorais, aos simples cristãos e aos próprios exorcistas diante do número crescente de pessoas que entendem ter necessidade deles. As fontes das quais me sirvo são as normas dadas no *Titulus XII De exorcizandis obsessis a demonio* do *Rituale Romanum* que, com a permissão do próprio bispo e da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, todo exorcista pode continuar a usar;<sup>1</sup> os *Praenotanda* (Premissas Gerais) ao novo rito dos

---

<sup>1</sup> Congregatio De Culto Divino et Disciplina Sacramentorum (Prot. 1280/98/1.).

*Nota a respeito do rito do Exorcismo* (tradução do autor, para o italiano, do texto original em latim).

“Do momento em que a edição latina do reconstituído rito do Exorcismo – aprovado a 1º de outubro de 1998 pelo Sumo Pontífice João Paulo II – foi apresentada ontem, segundo o Decreto deste Dicastério a edição mesma pode ser já desde agora utilizada por aqueles aos quais legitimamente compete. A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos – em força da particular faculdade concedida pelo mesmo Sumo Pontífice em relação a esta matéria (cf. Carta da Secretaria de Estado n. 434.563 do dia 2 de outubro de 1998) –, estabeleceu e faz conhecido tudo quanto segue. Visto que ao Bispo diocesano na diocese a ele confiada compete a regulamentação da Sagrada Liturgia e o exercício do ofício pastoral, ele mesmo, depois de madura reflexão, com o fim de vir amorosamente ao encontro das dificuldades dos fiéis na sua luta contra o poder do demônio, poderá pedir à Santa Sé que o sacerdote, ao qual é confiado o ofício de exorcista, possa valer-se também do rito até agora usado, extraído do título XII do *Rituale Romanum* (edição de 1952). Finalmente esta Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, acolhendo a interpelação dos Ordinários que conhecem bem a realidade pastoral da sua jurisdição, concederá de boa mente a faculdade pedida”.

*Da sede da Congregação, 27 de janeiro de 1999*

Georgius A. Card. Medina E.  
Marius Marini Subsecretarius

exorcismos, promulgado a 1º de outubro de 1998 com o título *De exorcismis et supplicationibus quibusdam* (Sobre os exorcismos e algumas preces públicas), reapresentado em 2ª edição em 2004; as notas da *Presentazione* [Apresentação] da Conferência Episcopal Italiana (CEI) ao novo rito dos exorcismos, com o título *Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari* [Rito dos exorcismos e orações para circunstâncias particulares]; a experiência de dois milênios de história do exorcismo na Igreja; os testemunhos de alguns sacerdotes da Associazione Internazionale degli Esorcisti [Associação Internacional dos Exorcistas] (AIE), da qual faço parte e com cujos membros me encontro nos nossos encontros anuais; e finalmente alguns momentos mais significativos da minha pessoal experiência neste ministério.

Agradeço vivamente ao padre Gabriel Amorth, presidente emérito da AIE, que tive a honra e o privilégio de assistir durante um ano e que tem o grande mérito de ter feito redescobrir e recolocar em ação, de maneira qualificada, um ministério tão importante na Igreja, cujo longo abandono provocou graves danos ao povo de Deus. Agradeço ao padre Giancarlo Gramolazzo, atual presidente da AIE, o prefácio que escreveu para o meu livro anterior *I danni dello spiritismo* e que está se prodigalizando de maneira especial na coordenação de tudo o que diz respeito a este ministério, tanto com a Santa Sé quanto com as Comissões Episcopais de várias nações. Agradeço a Sua Excelência o Arcebispo Gaetano Bonicelli, pelo que escreveu no *Prefácio* a este livro, demonstrando a crescente atenção pastoral que nos últimos anos os nossos bispos estão manifestando para com o ministério dos exorcismos, dos quais são os primeiros responsáveis na própria diocese.

Agradeço ao Santo Padre Bento XVI que durante a audiência geral de 14 de setembro de 2005 dirigiu a nós exorcistas estas palavras: “Saúdo os participantes do Encontro Nacional dos Exorcistas Italianos, e os encorajo a prosseguir no seu importante ministério a serviço da Igreja, sustentados pela vigilante atenção dos seus bispos e pela incessante oração da comunidade cristã”.<sup>2</sup> Agradeço ao padre Carlo Morelli, Ministro Geral do meu instituto religioso, o qual, considerando a caridade mesma de Jesus Cristo, plena de atenção, acolhimento, disponibilidade, interesse pelos problemas do povo, reconhecendo no exercício do ministério pastoral dos exorcismos a mesma caridade que Cristo manifestou para com aqueles que estavam oprimidos pelo Maligno, compreendeu e sustentou a minha particular atenção para este rosto sofredor do povo de Deus.

Agradeço finalmente aos exorcistas que me autorizaram a narrar os seus testemunhos e a todos aqueles que colaboraram de alguma maneira comigo na preparação e na publicação deste texto.

Com a esperança de ter dado uma contribuição, mesmo modesta, mas que espero seja útil e concreta, em benefício de tantas almas, confio o meu labor à maternal proteção da Virgem Maria e à benévola e cordial atenção de todos os que tiverem a bondade e a paciência de ler este meu trabalho.

O AUTOR.

---

<sup>2</sup> Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2005.

## Algumas premissas necessárias

---

### **Cristo veio para destruir as obras do demônio**

“O mundo todo jaz sob o Maligno” (1Jo 5,19), mas “eis por que o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do demônio” (1Jo 3,8) “para arrancar, por meio dele, os homens do poder das trevas e de satanás”.<sup>1</sup> Toda a missão de Jesus Cristo é uma luta radical contra o mundo demoníaco, do qual Satanás<sup>2</sup> é o chefe e os demônios são os seus servos e ajudantes.

---

<sup>1</sup> Decreto *Ad Gentes* n. 3 in *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*, col. Documentos da Igreja, vol. 1. Paulus, São Paulo, 2ª ed. 2001, p. 434.

<sup>2</sup> No deserto da Judéia, Jesus o chamou com este nome, dizendo-lhe: “Para trás, Satanás, pois está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus e só a ele servirás” (Mt 4,10). E aos fariseus diz: “Se Satanás expele Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, pois, subsistirá o seu reino?” (Mt 12,26). A Pedro que também por amor, e inconscientemente, queria afastá-lo da perspectiva do sofrimento e da morte na Cruz, Jesus disse: “Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um escândalo; teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens” (Mt 16,23). Pouco antes da Paixão, diz a Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como o trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua confiança não desfaleça; e tu, por tua vez, confirma os teus irmãos” (Lc 22,31-32).

## O demônio não foi inventado pela fantasia do homem, mas é um ser realmente existente

Não se compreenderia a obra salvadora de Jesus Cristo se se negasse a existência de Satanás e dos demônios e a sua influência no mundo e sobre os homens. De fato de quem é que Cristo veio efetivamente salvar-nos senão do poder de Satanás e dos demônios? A sua existência e a sua atividade no mundo é um fato deduzido e indiscutível, caso contrário duvidaremos das próprias palavras de Jesus. Basta uma leitura, mesmo que superficial e parcial, dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos para persuadir-nos disto. No dia 15 de novembro de 1972, em resposta a quem naquele momento estava procurando negar-lhe a existência, o papa Paulo VI, no decorrer da catequese da Audiência Geral, definiu Satanás “um ser vivo, espiritual, perverso e perversor, o inimigo número um, o tentador por excelência; um ser obscuro e perturbador, que existe verdadeiramente e que com traiçoeira astúcia está ainda agindo. Sai do quadro do ensino bíblico e eclesiástico quem se recusa a reconhecê-lo existente”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> No decorrer dos séculos a existência dos demônios nunca se tornou objeto de uma definição explícita e solene do magistério da Igreja, todavia “a razão é que a questão nunca foi colocada nestes termos, porque os hereges e os fiéis, fundamentando-se igualmente na Sagrada Escritura, estavam de acordo em reconhecer a sua existência e os seus principais delitos. Por isso hoje, quando é colocada em dúvida a realidade demoníaca, é necessário referir-se à fé constante e universal da Igreja à sua fonte maior: o ensinamento de Cristo. É na doutrina do Evangelho, de fato, e no coração da fé vivida que a existência do mundo demoníaco se revela com um dado dogmático” (*Fede cristiana e demonologia*, 26 de junho de 1975, in *Enchiridion Vaticanum*, vol. V, n. 38 do Índice Geral – parágrafo n. 1388). Trata-se, portanto, de uma adesão de fé ao que Deus revelou.

O mundo demoníaco não é uma persuasão subjetiva de alguns, mas é uma realidade, um fato objetivo, que Deus nos revelou.<sup>4</sup> Satanás e os demônios a seu serviço não são, como afirmam os materialistas e os racionalistas,<sup>5</sup> uma pseudo-realidade, uma personificação imaginária que o homem faz do mal; uma personificação conceitual e fantástica das causas desconhecidas dos nossos males; um mito no qual se projeta uma realidade exclusivamente humana, uma identificação ou um símbolo do mal que existe em cada um de nós e no mundo; uma projeção fantasiosa dos nossos medos; uma abstração ou uma particular expressão, formulada para indicar o lado tenebroso, caótico e irracional e não raro monstruoso e horrível da história humana. *Satanás e os demônios são seres reais e pessoais.*<sup>6</sup>

## Quem é Satanás?

O termo “Satanás” deriva da palavra hebraica “*sàtan*”, que significa “adversário, inimigo, perseguidor, acusador, caluniador”. Ele é o mestre insuperável no

---

<sup>4</sup> Crer ou não crer na existência do diabo e dos demônios não pode ser algo deixado à livre escolha do fiel. A sua existência entra na revelação que Deus fez aos homens. Portanto é uma verdade de fé porque revelada pelo próprio Deus”. Fra Benigno. *Dalla filosofia all'esorcismo. L'esperienza di un Esorcista "convertito" raccontata al Cardinale di Palermo*. Edizioni Rinascimento nello Spirito Santo, 2006, pp. 32-33.

<sup>5</sup> O racionalismo é uma corrente filosófica que nega a dimensão sobrenatural (metafísica) da realidade.

<sup>6</sup> Quando se diz que Satanás e os demônios são seres “pessoais” não se entende dizer que têm um corpo, mas que têm inteligência e vontade, como as tem uma pessoa.

introduzir a confusão e a discórdia entre os homens através da mentira e do pecado com a finalidade de atirá-los uns contra os outros e afastá-los de Deus.

Satanás em grego se diz “diábolos” (diabo),<sup>7</sup> expressão que deriva do verbo “diaballo” que significa “separar, dividir”, enquanto ele, intrometendo-se entre nós e a salvação dada por Deus, procura dividir-nos, separar-nos de Deus. É o personagem responsável por tudo o que se opõe contra a obra de Deus. A sua derrota assinalará a vitória de Deus.

Satanás, como já foi dito, não está sozinho. Com ele está uma multidão de espíritos perversos (Ef 6,12) que se chamam demônios<sup>8</sup> e que formam um reino (Mt 12,25) pela ação ordenada e organizada, sob o seu principado. Satanás e os outros demônios “de anjos criados bons por Deus, transformaram-se em maus, porque com livre e irrevogável escolha rejeitaram a Deus e o seu Reino, dando assim origem ao inferno. Eles tentam associar o homem à sua rebelião contra Deus; mas Deus afirma em Cristo a sua vitória segura sobre o Maligno” (*Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n. 74. Cf. *Catecismo da Igreja Católica* [CIC] nn. 391-395 e 414).

---

<sup>7</sup> Cf. Mt 4,1.5.8.11.

<sup>8</sup> “Demônio” vem do grego *daimonion*, de etimologia incerta, estaria indicando a ação maléfica que tais espíritos desempenham no mundo em oposição à ação benéfica dos anjos. Distingue-se do “*démone*” (*daimon*) que, no mundo pagão, sobretudo para os gregos, designava os “gênios”, ou seja, seres intermediários entre os deuses e os homens, e executores, segundo os casos, tanto das bênçãos quanto dos castigos. No sentido original, o *daimon* podia indicar tanto um gênio bom – e como tal é recordado por Platão nos seus *Diálogos* – quanto um gênio mau. Na linguagem neotestamentária e cristã permanece apenas com o segundo sentido.

Eles agem no mundo por ódio contra Deus e contra o homem e aproveitam todo meio para atingir-nos, porque, sabendo que estamos destinados a estar um dia lá, onde eles não poderão jamais chegar, devorados pela inveja, procuram com todo esforço possível conduzir-nos consigo para a perdição eterna. Satanás, desde o princípio, desobedeceu a Deus e o recusou de maneira absoluta e, portanto, irrevogável. Agora ele, com a ajuda daqueles anjos que, seguindo-o na rejeição a Deus, tornaram-se demônios, procura de todos os modos arrastar o homem a desobedecer a Deus, para conduzi-lo consigo à ruína. A obra mais perigosa dos demônios é exatamente esta: tentar os homens pelo mal para afastá-los de Deus e levá-los consigo para a condenação eterna. Ensinava João Paulo II, na Audiência Geral de 13 de agosto de 1986: "O espírito maligno procura transplantar no homem a mesma atitude de rivalidade, de insubordinação, ou de oposição a Deus, que se tornou quase a motivação de toda a sua existência". E Paulo VI, na Audiência Geral de 15 de novembro de 1972, explicava assim a atividade do demônio nos confrontos com o homem: "Ele é o inimigo oculto que semeia erros e desventuras na história humana. Deve-se recordar a reveladora parábola evangélica da boa semente e do joio, síntese e explicação da ausência de lógica que costuma presidir as nossas constantes vicissitudes: *inimicus homo hoc fecit* (um inimigo fez isto) (Mt 13,28). Ele é "homicida desde o princípio (...) e pai da mentira", como o define Cristo (cf. Jo 8,44); é o insidiador sofisticado do equilíbrio moral do homem. É ele o pérfido e astuto encantador, que em nós sabe insinuar-se, por meio

dos sentidos, da fantasia, da concupiscência, da lógica utopista, ou de desordenados contatos sociais no jogo da nossa operacionalidade, para introduzir neles desvios, tão mais nocivos quanto na aparência estão concordes com as nossas estruturas físicas ou psíquicas ou com as nossas instintivas, profundas aspirações. Seria isto sobre o demônio e sobre a influência, que ele pode exercer sobre as pessoas individuais, como sobre as comunidades, sobre toda a sociedade, ou sobre acontecimentos, um capítulo muito importante da doutrina católica a ser reestudado, ao passo que na atualidade é pouco estudado. Alguns pensam encontrar nos estudos psicanalíticos e psiquiátricos ou em experiências espíritas, hoje muito difundidas em alguns países, uma suficiente compensação. Teme-se recair em velhas teorias maniqueístas, ou em pavorosas divagações fantásticas e supersticiosas. Na atualidade a moda é mostrar-se forte e sem preconceitos, agarrar-se a positivismos, para depois demonstrar fé em tantas infundadas superstições mágicas ou populares, ou pior ainda abrir a própria alma – a própria alma batizada, visitada tantas vezes pela presença eucarística e habitada pelo Espírito Santo! – às experiências licenciosas dos sentidos, àquelas experiências deletérias dos estupefacientes, como também às seduções ideológicas dos erros em voga no momento, rupturas estas através das quais o Maligno pode facilmente penetrar e alterar a mentalidade humana. Não se diz que todo pecado seja diretamente devido à ação diabólica (cf. *Suma Theologiae* I, q. 104, a. 3); mas é verdade que quem não vigia com certo vigor moral sobre si mesmo (cf. Mt 12,45; Ef 6,11)

expõe-se à influência do *mysterium iniquitatis* (mistério da iniquidade), ao qual São Paulo se refere (2Ts 2,3-12), e que torna problemática a alternativa da nossa salvação”.

## **Satanás não é o “deus do mal”**

Antes de enfrentar o importantíssimo tema do discernimento, entendo necessário esclarecer ao leitor o que o diabo pode fazer e o que não pode fazer, para que não se caia no erro de considerá-lo quase como a divindade do mal que luta contra a divindade do bem, terminando assim por atribuir-lhe uma força e uma dimensão sem limites, que não correspondem à realidade da sua condição de criatura limitada.

Não existem jamais, na criação do mundo, duas divindades antagônicas em luta entre si: uma boa que criou tudo o que existe de bom, e uma má, que se lhe opõe, autora de tudo o que existe de mal. Esta é a heresia da gnose dualista, conhecida sob o nome de maniqueísmo. Mani e Prisciliano afirmavam que o diabo não tem nenhum autor do seu ser, mas que sempre existiu e é o princípio e a substância do mal que existe no mundo. Na realidade, o primeiro dos anjos – portanto um ser criado por Deus – recusando a sua criaturalidade e, portanto, a sua dependência de Deus que o havia criado, com ciúmes de Deus, queria ser ele mesmo Deus e colocar-se no lugar de Deus. Este anjo, porém, revoltando-se contra Deus e separando-se dele, Suma Bondade e Sumo Bem, tornou-se irreversivelmente mau.

O erro no tocante à *divindade* do diabo, retomado no século XII pelos cátaros no Ocidente e pelos *bogomilos* na Europa oriental, foi condenado pelo Concílio Ecumênico Lateranense IV (1215), onde, no decreto *Firmiter*, de 11 de novembro, se lê: “Nós cremos firmemente e declaramos com coração sincero (...) que Deus é a única origem de todas as coisas, o criador das realidades visíveis e invisíveis, espirituais e corpóreas (...). O diabo, porém, e os outros espíritos maus foram criados bons por sua natureza, mas eles se tornaram maus por obra de si mesmos”.<sup>9</sup>

O erro dos maniqueus e dos cátaros está na base de uma parte do satanismo hodierno que, como veremos, presta ao diabo aquele culto, chamado de *latria*, reservado apenas para a divindade.

## Por que Deus permite a ação dos demônios?

Como acontecia no tempo de Jesus, os demônios continuam a insidiar os homens com a sua atividade. Na sua infinita sabedoria e bondade, Deus permite que, em parte, eles dêem escapatória às suas maldosas maquinações, “para que o homem se exercite no bem por meio da luta contra o que é contrário ao bem” (Santo Tomás de Aquino) e possa ter a oportunidade de purificar-se e de elevar-se espiritualmente. A nossa reação, contra a ação do demônio, torna-se assim um meio de progresso espiritual. Dessa maneira os

---

<sup>9</sup> Denzinger, H. – Hümermann, P. *Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*. EDB, Bologna, 2ª ed. 1966, n. 800.

demônios se tornam, contra a sua vontade, servos do Senhor ou até mesmo seus escravos: “É para tornar maiores os nossos méritos, mais puras e mais elevadas as nossas virtudes, mais rápido o nosso caminho para ele, que Deus permite ao diabo tentar-nos e colocarnos à prova” (cf. Santo Tomás de Aquino, *Commento alla lettera agli ebrei* [Comentário à Carta aos Hebreus] 12,6). “Se vos perguntarem por que Deus tenha deixado subsistir o demônio (depois da sua rebelião), respondi: Deus deixou-o subsistir para que, longe de fazer mal aos homens atentos e vigilantes, o demônio se torne útil para eles. Não certamente pelo fato da sua vontade, que é perversa, mas graças à corajosa resistência daqueles que fazem transformar-se a malícia dele para vantagem sua” (São João Crisóstomo, *Terceira homilia sobre os demônios*).

No seu amor por nós, portanto, Deus sabe extrair das más intenções e ações dos demônios uma vantagem para nosso benefício. Permite a ação *ordinária* deles – que é a tentação – e mais raramente a *extraordinária* – que é a infestação, a vexação, a obsessão ou a possessão – para nos dar a oportunidade de nos elevarmos para ele com atos de virtude. “Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8,28), “não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, mas com a tentação ele vos dará os meios de suportá-la e sairdes dela” (1Cor 10,13). Os demônios, cheios de ódio em relação a nós, empregam todas as ocasiões, nas quais Deus permite seu agir sobre nós, para nos fazer projetar-nos no abismo com eles; mas Deus aproveita essas mesmas ocasiões para fazer-nos

e elevar-nos para ele. A intenção de Deus é fazer-nos resplandecer de glória na bem-aventurança do paraíso, a dos demônios é arruinar-nos por toda a eternidade arrastando-nos com eles para o inferno.

Por este motivo, o demônio procura conhecer as nossas más inclinações e chega a este conhecimento, de maneira ordinária, através da tentação. Santo Tomás de Aquino especifica que “tentar, propriamente, quer dizer submeter uma coisa a experimento, com o objetivo de poder conhecê-la melhor: por este motivo a finalidade imediata de toda ação tentadora é o conhecimento. Este último pode ser empregado posteriormente de maneira positiva ou negativa, isto é, para um fim bom ou para um fim mau: bom no caso de que queira descobrir a qualidade de uma pessoa tanto no campo do saber quanto no campo da virtude, para ajudá-la a progredir posteriormente; mau ao invés quando uma pessoa quer descobrir tudo isto para podê-la enganar e arruinar”.<sup>10</sup> Ensinava Paulo VI em uma sua catequese: “Qual defesa, qual remédio opor à ação do demônio? (...) Tudo o que nos defende do pecado nos protege, por isso mesmo, do inimigo invisível. A graça é a defesa decisiva. A inocência assume um aspecto de fortaleza. E, depois, cada um recorda quanto a pedagogia apostólica simbolizou na armadura de um soldado as virtudes que podem tornar um cristão invulnerável (cf. Rm 13,1-2; Ef 6,11.14.17; 1Ts 5,8). O cristão deve ser militante; deve estar vigilante e ser forte (1Pd 5,8); e deve também recorrer a algum exercício ascético

---

<sup>10</sup> Cf. *Summa Theologiae* I, q. 114, n. 2.

especialmente para afastar certas incursões diabólicas. Jesus ensinou isso indicando o remédio: 'na oração e no jejum' (Mc 9,29). E o apóstolo sugere a linha-mestra a seguir: 'Não te deixes vencer pelo mal, mas triunfa do mal com o bem' (Rm 12,21; Mt 13,29)". (Paulo VI. Audiência Geral, de 15 de novembro de 1972).

## Os demônios não podem fazer milagres

O diabo e os demônios, sendo criados (como anjos bons: depois, por livre escolha, se tornaram maus) são necessariamente limitados no ser e no agir e, portanto, não podem fazer milagres. O milagre é um fato sobrenatural que só Deus, sendo onipotente, pode realizar ou diretamente ou através da mediação materna de Maria ou a dos anjos e dos santos.<sup>11</sup> O agir dos demônios entra naquele campo chamado pela teologia de *preternatural* (do latim "praeter", "além, além de"). Eles podem fazer coisas que superam as possibilidades naturais de todo ser humano e da própria natureza, mas que não são verdadeiros e próprios milagres. O milagre, efetivamente, é algo que a natureza não poderá nunca por si mesma realizar; ou, em outras palavras, não com aquela rapidez ou naquela modalidade. O milagre é

---

<sup>11</sup> Os anjos e os homens agem como instrumentos da virtude divina ao realizar o milagre: não por qualquer virtude gratuita ou natural, que neles permaneça habitualmente, porque em tal caso poderiam fazer milagres sempre, quando o quisessem. Trata-se de uma graça dada gratuitamente – como a graça de operar curas – e que é concedida por Deus para operar sobrenaturalmente, como é concedida a graça da profecia para conhecer sobrenaturalmente as coisas. E acontece como ao profeta, que não pode a seu bel-prazer profetizar, mas apenas quando o Espírito de profecia lhe toca o coração" (Santo Tomás de Aquino, *De Pot.*, q. 6, a. 4).

um fato que supera as leis da natureza, no sentido de que diferentemente de uma ação preternatural, é algo de totalmente impossível à natureza, e que não pode ser explicado com os nossos conhecimentos humanos, mesmo não estando em contradição com a razão humana.<sup>12</sup>

Os demônios, tendo capacidades maiores em relação a nós, produzem fenômenos que, às vezes, podem parecer para nós aparentemente miraculosos, mas que na realidade não o são, porque eles atuam sempre através de forças e meios naturais e nunca poderão fazer o que só a onipotência de Deus pode realizar. Na sua obra de enganos nos confrontos com o homem, comportam-se como hábeis transformistas, como prestidigitadores habilíssimos, produzindo fatos espetaculares, coisas surpreendentes que na realidade são truques e falsas alquimias para nos deslumbrar e realizar os seus desígnios perversos. Exatamente porque não se trata de fatos sobrenaturais, com a intervenção do sobrenatural – através da oração, dos sacramentos,

---

<sup>12</sup> Mesmo ultrapassando as leis da natureza ou até mesmo suspendendo-as (no sentido de que impede as ações da natureza produzir aqueles efeitos que lhes são próprios, o milagre nunca é irracional. Santo Tomás distingue três gêneros de milagres, com base na distância entre as possibilidades da natureza e a intervenção de Deus. Existem antes de tudo os milagres nos quais Deus faz alguma coisa, que a natureza não pode nunca fazer: por exemplo, que o sol retroceda ou se detenha. Vêm depois os milagres nos quais Deus faz alguma coisa que pode ser feita também pela natureza, mas não na mesma ordem. Por exemplo, é obra da natureza que um animal viva, veja, caminhe; mas não faz parte do poder da natureza fazer viver depois da morte, fazer ver depois da cegueira, fazer andar um paralítico. Finalmente existe o gênero de milagres em que Deus faz o que a natureza também costuma fazer, mas sem se servir dos elementos da natureza: por exemplo, a cura da febre (cf. Battista Mondin. *Dizionario enciclopedico del pensiero di San Tommaso di Aquino*. Edizioni Studio Domenicano, Bologna, 1991, p. 397).

dos sacramentais e de uma vida de união com Cristo – são desmascarados e vencidos.

## Os demônios não são onipresentes

O corpo humano se encontra em um determinado lugar, enquanto estabelece com ele um contato, pela sua quantidade [*quantitas*] espacial. Os demônios, sendo seres puramente espirituais, não contam com quantidade corpórea, dimensional; pelo que, quando estão em um lugar ou então dentro ou fora de um ou mais corpos ou objetos, tornam-se presentes não através da sua quantidade, que como já foi dito eles não têm, mas através da sua ação; em outras palavras, *encontram-se onde atuam*.<sup>13</sup> Este é o motivo pelo qual um mesmo demônio pode, ao mesmo tempo, entrar e molestar os corpos de mais pessoas; nesse caso mais corpos humanos formam o único lugar em que ele diretamente executa a sua atividade. Isto não deve nos fazer cair no erro de crer em uma *onipresença* do demônio. Só Deus é onipresente. O demônio, enquanto ser privado de matéria, não está ligado ao espaço, mas não está em toda parte. A sua presença está ligada à sua ação, a qual, pertencendo a um ser limitado, é

---

<sup>13</sup> "Ad primum ergo dicendum quod incorporalia non sunt in loco per contactum quantitatis dimensionis, sicut corpora, sed per contactum virtutis" (Os seres incorpóreos não estão no lugar por um contato de dimensão, como os corpos, mas por um contato dinâmico [ou aplicação das suas atividades]). Cf. Santo Tomás de Aquino. *Summa Theologiae* I, q. 8, a. 2, ad 1. Os seres incorpóreos, isto é, os anjos e os demônios, podem agir e agem de fato sobre os corpos. Ora, para agir, devem tocar de alguma maneira os corpos e, portanto, é possível só no segundo modo, ou seja, *per contactum virtutis*.

necessariamente circunscrita. Das páginas do Evangelho descobrimos também que se pode verificar a situação oposta: “mais demônios podem entrar no mesmo corpo,<sup>14</sup> neste caso eles em um só corpo estão como em vários lugares; se de fato o demônio pode estender a sua atividade (e portanto a sua presença, o seu lugar) a mais corpos, assim pode limitá-la a uma parte do corpo. Considerado o diverso grau de perfeição de demônio para demônio, esta limitação de atividade a uma parte do corpo por vários demônios poderia também representar a manifestação natural do seu poder, incapaz de se estender a todo um corpo”.<sup>15</sup>

## Os demônios não podem conhecer tudo de uma pessoa

A alma do homem é conhecida perfeitamente só por Deus. Nossa Senhora, os anjos, os santos, conhecem a alma de um homem só enquanto, gozando da visão beatífica de Deus, podem ver nele também a realidade interior do homem. Na terra só por um especial dom de Deus (como aconteceu a alguns santos) um homem

---

<sup>14</sup> Jesus libertou Maria Madalena de sete demônios (cf. Lc 8,2; Mc 16,9) 16 quando aportou em Gerasa, interrogou ao demônio: “Qual é o teu nome?”. e o demônio lhe respondeu: “Legião é o meu nome, porque somos muitos” (Mc 5,9). Além disso, um dia Jesus admoestou: “Quando o espírito imundo sai de um homem, ei-lo errante por lugares áridos à procura de um repouso que não acha. Diz ele então: Voltarei para a casa de onde saí. E voltando encontra-a vazia, limpa e enfeitada. Vai, então, buscar sete outros espíritos piores que ele, e entram nessa casa e se estabelecem aí; e o último estado daquele homem torna-se pior que o primeiro. Tal será a sorte desta geração perversa” (Mt 12,43-45; cf. Lc 11,24-26).

<sup>15</sup> Cf. Balducci, C. *Gli indemoniati*. Coletti Editore, Roma, 1959, p. 33.

pode conhecer o estado interior de um outro ou seus pensamentos. Os demônios não podem chegar a conhecer a nossa alma e os nossos pensamentos; podem só experimentar, com a sua agudeza e profundidade, “deduzir” os nossos pensamentos e o que acontece dentro de nós, escutando as nossas palavras, olhando as expressões do nosso rosto, estudando o nosso comportamento e as nossas atitudes, propensões, simpatias, antipatias, o defeito predominante, o lado fraco. Na prática, eles procuram deduzir os nossos pensamentos e os nossos sentimentos pelos sinais exteriores que os manifestam, como um professor atento consegue perceber a desatenção de um aluno, por certos pequenos comportamentos externos e visíveis. Apressam-se, sempre partindo desses dados, a prever com antecipação o que queremos dizer ou fazer, mas a maior parte dos nossos pensamentos, sentimentos e escolhas, foge do seu conhecimento. Além do mais, eles não podem conhecer todos os fatos individuais que acontecem no mundo ou as ações individuais de uma pessoa: conhecem somente aquelas constatáveis nos momentos em que agem naquele lugar ou com aquela determinada pessoa ou por intercâmbio de comunicação<sup>16</sup> entre eles. Deve-se, portanto, acrescentar que as suas ações perniciosas nos nossos confrontos

---

<sup>16</sup> O homem, quando quer falar a um outro, pode fazê-lo só por meio dos órgãos corpóreos, tais como o goela e a língua, ou por meio de sinais sensíveis tais como o gesto e os dedos. Os demônios, como também os anjos, são seres não dotados de órgãos corpóreos, pelo que quando um deles quer dizer alguma coisa a um outro, fala-lhe interiormente e imediatamente o outro vem a conhecer o que lhe foi comunicado. É o pensamento de um demônio, que é dirigido, mediante o comando da vontade, a um outro demônio ao qual é dirigido (cf. Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae* I, q. 107, a. 1).

são impedidas também pelas intervenções dos bons anjos, pela oração e pelo nosso grau de comunhão com Deus.

## **Os demônios não podem conhecer o futuro**

O conhecimento do futuro pertence exclusivamente a Deus e àqueles aos quais ele o revela: Deus não “prevê”, mas sim “vê” o futuro. Vê contemporaneamente no seu “presente” (no “agora”, no já da eternidade) o passado, o presente e o futuro, tudo junto. Os demônios, ao invés, podem conhecer aquilo que poderia acontecer com base no que eles mesmos decidiram realizar (sempre que o seu programa não seja depois inutilizado pela intervenção de Deus) ou com base no que conhecem porque o pré-viram, e é ainda ignorado pelos homens. Por exemplo, podem ter individualizado por antecipação uma perturbação atmosférica melhor do que tudo o que for permitido saber com os nossos instrumentos tecnológicos, ou ter visto alguém empreender uma viagem, precedê-lo e anunciar a sua chegada. Podem, em medida maior em relação a nós, devido à sua natureza espiritual, “prever” o futuro a partir das suas causas. Também aquelas mesmas coisas, porém, que os demônios têm a capacidade de preanunciar, tendo-as observado no seu início, podem sofrer imprevistas variações, devido a disposições por eles completamente ignoradas.

Escreve Santo Agostinho: “As predições dos espíritos demoníacos são devidas a habilidades particulares, bem diversas daquelas que consentem aos santos anjos e aos profetas de Deus realizar as suas. De fato estes, se

anunciam alguma coisa, fazem-no por disposição divina e depois de ter escutado, assim é que não enganam nem são enganados, e as suas previsões conseqüentemente são verdadeiras e dignas da máxima consideração. Ao invés, os espíritos demoníacos não só se enganam, mas fazem cair no erro também os outros. Enganam-se, acima de tudo, porque quando predizem as próprias pretensões, estas são imprevisivelmente transtornadas pelo Alto. Um pouco como se homens, submetidos a uma outra autoridade, depois de terem disposto a execução de alguma coisa, vêem-na proibida, depois de longa peroração, imediatamente pelos seus superiores. Os espíritos demoníacos erram nas questões naturais tal qual acontece aos médicos, aos marinheiros e aos camponeses, mas estão em condições – graças à característica dos seus corpos aéreos – de conhecer antecipadamente muitas coisas de maneira mais aguda e poderosa; mas também estas coisas passam por imprevisíveis variações por causa de disposições por eles completamente ignoradas, mas não pelos anjos que adoram o sumo Deus. Tudo isto assemelha-se um pouco ao caso daquele médico que, depois de ter diagnosticado ao doente uma pronta cura, com base em sintomas precedentes, o vê morrer improvisamente por algo não previsto; ou também o caso do marinheiro que, depois de ter calculado a duração de uma tempestade de ventos, vê Cristo – enquanto navega com os seus discípulos – mandar aos ventos furiosos que se acalmem, com as seguintes palavras: “E fez-se uma grande calma” (Mt 8,26); de maneira semelhante como acontece ao agricultor que, depois de ter visto, graças a seu conhecimento da terra e das sementes, um

belo enxerto das videiras em condições de frutificar abundantemente, ver, por uma imprevista variação climática, secar tudo ou até mesmo destruir-se tudo pelo capricho de um poderoso. Assim estão, portanto, as coisas em relação às capacidades adivinatórias dos espíritos demoníacos, os quais, mesmo prevendo alguma coisa com base em causas menores e habituais, vêm tornar-se vãs as suas previsões, por causas mais importantes e desconhecidas”<sup>17</sup>

### O que se entende por possessão demoníaca?

Como veremos, por possessão demoníaca entende-se a tomada de posse do corpo por parte do demônio, que o considera como seu e o emprega como bem entende. É importantíssimo esclarecer que esta presença no corpo não é comparável à presença da alma no corpo. A alma é forma substancial do corpo, não está no corpo como em um lugar, mas é o princípio vital intrínseco que, unido ao corpo, dá lugar à natureza e à forma humana. O demônio, quando se apossa de um corpo, não o possui desta maneira, porque ele não dá ao corpo uma natureza ou uma forma diabólica: simplesmente “entra no corpo” e o comanda, tornando-o dócil instrumento do seu poder despótico, sem que a vítima lhe possa opor resistência. Age no corpo do homem como *movente acrescentado externo*,<sup>18</sup> movente que pode coexistir com o movente

---

<sup>17</sup> Santo Agostinho, *De divinatione daemonum*, cap. VI.

<sup>18</sup> Externo, isto é, à composição substancial do homem que é a alma, não externo em sentido local ao corpo.

interno, ou seja, com a alma, que é o *movente intrínseco* constituindo, com o corpo, a mesma natureza humana.

A alma pode ser possuída pelo demônio? Não, se por possessão da alma se entende a habitação do demônio nela. Sim, se por possessão da alma se entende o “aprisionamento externo” da alma<sup>19</sup> através do pecado, que poderemos mais bem definir como “escravização da alma pelo demônio”, “escravidão moral”, provocada pelo consentimento àquilo que vai gravemente contra a ordem estabelecida por Deus e, portanto, contra nós e contra os outros. Definimos esta realidade como “pecado mortal”. O demônio não pode habitar a alma, não pode existir aí uma “possessão demoníaca da alma” como a possessão física.<sup>20</sup> O pecado mortal não faz o demônio entrar na alma do homem, mas cria uma “dependência moral” do homem em relação ao demônio.<sup>21</sup> Esta dependência torna-se tanto mais forte e opressora segundo a entidade, a malvadez e o número dos pecados cometidos e é muito mais perigosa que a possessão física, porque

---

<sup>19</sup> É uma linguagem figurada, transladada, não se deve pensar que do externo [de fora] o demônio possa aprisionar-nos à maneira de um homem que pode ter um outro ligado a uma corda; é sempre uma realidade referente a um ser espiritual, o qual é certamente o demônio.

<sup>20</sup> Só Deus Trindade pode habitar a alma com a sua graça. Existe também uma diversa presença de Deus na alma, independentemente do fato de que ela esteja em graça ou em pecado mortal, e é aquela que deriva da atividade causal com que Deus nos cria e cria todas as coisas (diz-se por essência, por potência e por presença). Também os demônios e as almas danadas têm em si esta presença.

<sup>21</sup> “Cometer o pecado depois do batismo é ‘abandonar-se ao poder do demônio’. Esta é verdadeiramente a fé primitiva da Igreja, atestada desde os primeiros séculos na liturgia da iniciação cristã, quando os catecúmenos, estando quase a ponto de serem batizados, renunciavam a Satanás, professavam a sua fé na Santíssima Trindade e aderiam a Cristo seu Salvador” (*Fede cristiana e demonologia*, 26 de junho de 1975, in *Enchiridion Vaticanum*, vol. V, n. 38 do Índice Geral, parágrafo n. 1381).

pode conduzir à perdição eterna.<sup>22</sup> A alma de quem está habitualmente em pecado mortal é escrava do demônio, mas a maioria daqueles que estão em pecado mortal não estão possuídos pelo demônio no corpo. Só alguns têm ao mesmo tempo tanto a alma escrava do demônio (isto é, em pecado mortal), quanto a possessão demoníaca do corpo. Outros, finalmente, são possuídos no corpo, mas a sua alma é habitada por Deus Pai, Filho e Espírito Santo, porque estão na graça santificante, e quem morre com a alma habitada pela Santíssima Trindade, mesmo que esteja possesso do demônio no corpo, vai para o Paraíso. Como uma doença não prejudica a salvação eterna de uma pessoa, assim a possessão não prejudica a bondade, a vontade e o amor para com Deus.

Eis por que, no Evangelho, vemos que Jesus quando se encontra com uma pessoa possuída pelo demônio no corpo movido pela paixão e estimulado pela caridade, exorciza o demônio, para libertar aquela pessoa do domínio despótico e dos tormentos que sofre. Ao invés, no caso de quem, pela própria atuação, se entregou,

---

<sup>22</sup> Uma vez que demos o consentimento ao pecado mortal, antes de tudo perdemos a graça santificante na alma e, portanto, nos separamos de Deus. Entretanto, sendo o pecado um dano inferido à nossa alma, ele nos torna mais vulneráveis a outras tentações e mais fracos diante do bem a realizar. O demônio constringe intensamente para arrastar-nos a repetir os pecados da maneira a nos levar cada vez mais para baixo e tornar assim cada vez mais difícil o nosso retorno para Deus. Através de uma tentação repetida, à qual consentimos, o demônio aumenta e reforça em medida crescente as suas "correntes" em torno de nossa alma, tornando-nos sempre mais seus. Tudo isto, porém, ele não o faz sozinho, mas com dois poderosos aliados, que emprega como duas armas mortíferas: a nossa natureza humana ferida, com as suas más tendências (a conhecida "tríplice concupiscência": da carne, dos olhos e a soberba da vida) e o mundo entendido no sentido moral, isto é, a influência perniciosa que provém dos homens que vivem no pecado e difundem na sociedade.

seja até mesmo de maneira indireta, voluntariamente ao demônio e não quer se converter e renunciar ao pecado, Jesus não faz exorcismo nenhum, porque sabe que a sua intervenção não serviria para libertá-lo. Aquela pessoa, de fato, ao menos implicitamente quer *permanecer* com o demônio e abriu a porta a uma dependência moral para o próprio demônio, que Jesus qualifica como “paternidade” (“Vós tendes como pai o demônio e quereis fazer os desejos de vosso pai (...) porque a verdade não está nele” – [Jo 8,44]). E é por essa paternidade que Jesus define esses “filhos do diabo”.

Judas, por exemplo, na sua alma era certamente escravo do demônio e de maneira fortíssima, mas Jesus não lhe fez nenhum exorcismo, porque a sua vontade já estava comprometida com o demônio e o exorcismo não tem eficácia nenhuma sobre a vontade de um homem que decide livremente pelo pecado.

A ação ordinária e mais ampla dos demônios entre os homens não é, portanto, a possessão demoníaca, mas é sim a tentação: o nosso inimigo procura seduzir-nos com as realidades sensíveis, agindo sobre os nossos sentidos externos (vista, tato, ouvido, olfato, gosto) e sobre os internos (memória, imaginação, intelecto).<sup>23</sup> De tal maneira ele procura solicitar o consentimento da nossa livre vontade ao mal, com o objetivo de provocar e reforçar sempre mais em nós uma dependência moral

---

<sup>23</sup> A imaginação oferece um vasto campo de ação ordinária do demônio, o qual, escondendo-se por trás do jogo normal das leis psicológicas, procura suscitar e aproveitar recordações, imagens insidiosas ou atormentadoras, encontros, situações e até mesmo sonhos, para dispor-nos a um estado fisiológico favorável ao desencadear-se das nossas paixões desordenadas e à capitulação da nossa vontade.

para com ele. A atividade dele é “uma obra de sedução: ele tenta insinuar-se no íntimo, na interioridade da pessoa e estimulá-la ao mal influenciando sobre sua livre vontade. Sob este ponto de vista o demônio influencia a pessoa deixando-a livre e obtendo, portanto, o seu consentimento”.<sup>24</sup> O que a pessoa realiza nestas condições ela o faz responsabilmente exatamente porque “o quer fazer”. Na *Apresentação da CEI ao Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari* [Rito dos exorcismos e orações para circunstâncias particulares] diz-se: “Satanás consegue apossar-se verdadeiramente do homem no que existe de mais íntimo e precioso quando este, com ato livre e pessoal, se coloca em seu poder com o pecado”. Por isto “a vigilância deve ser exercida acima de tudo nos confrontos da ação ordinária de Satanás, com a qual ele continua a tentar os homens para o mal. Exatamente a tentação é o perigo mais grave e danoso, enquanto se opõe diretamente ao desígnio salvífico e à edificação do Reino. O crente vigia, portanto, para não ser enganado reza todo dia com as palavras sugeridas por Jesus: ‘Pai nosso, (...) não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal’ (Mt 6,13). Seria, portanto, insensatez prestar tanta atenção à eventual presença do Maligno em alguns fenômenos insólitos e não se preocupar, de fato, com a realidade quotidiana da tentação e do pecado na qual Satanás, ‘homicida desde o princípio’ e ‘pai da mentira’ (Jo 8,44) está certamente agindo”.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Cavalcoli, G. *La buona battaglia che il cristiano sostiene contro il demonio*. Edizioni Studio Domenicano, Bologna, 1999, p. 61.

<sup>25</sup> Conferenza Episcopale Italiana [CEI]. *Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari*. *Presentazione* 7.

# Capítulo 2

## *O Satanismo*

### **O satanismo e a sujeição demoníaca**

Satanás não tem amigos, mas só escravos que ingenuamente acreditam tê-lo tornado amigo. A sugestão demoníaca tem-se quando alguém, com esta falsa convicção, firma um pacto com ele, aceitando sobre si o seu domínio. É feito geralmente com um selo ou assinatura feito com o próprio sangue, obtido por um talho no dedo ou na mão; com um batismo de sangue que costumeiramente é de um animal ou do grande sacerdote, derramado sobre a cabeça; com a aceitação do "livrinho do comando" em um rito de iniciação privado, desenvolvido pelo satanista com o iniciado; ou então com a agregação a seitas satânicas, através de rituais apropriados como missas negras ou outros ritos satânicos, durante os quais o grande sacerdote consagra o iniciado a Satanás. É uma sugestão diabólica voluntária. Alguns exorcistas queimaram vários "pac-

tos de sangue” de pessoas que, depois de se terem ligado voluntariamente ao demônio, arrependeram-se sinceramente e procuraram, com grande esforço, libertar-se de tão tremenda escravidão.

A possessão demoníaca sofre-se, não é voluntária; a sugestão demoníaca, ao invés, é uma oferta voluntária da própria alma e do próprio corpo a Satanás. Pode-se instaurar entre uma pessoa e o demônio uma fortíssima dependência moral, enquanto é a pessoa mesma quem o pede. O satanista consagrado autenticamente a Satanás, mesmo sendo por sua própria escolha pertença de Satanás e seu direto colaborador, não tem as crises nem manifesta os sinais daqueles que sofrem a ação extraordinária do demônio; ele de fato não o atormenta com os fenômenos típicos da vexação ou da obsessão ou da possessão, a fim de que permaneça como é, mas assim que precisar renunciar ao pacto que essa pessoa estabeleceu com ele, eis que Satanás ordena colocar em ação todos os tomentos da vexação, da obsessão ou da possessão demoníaca, porque não quer perder quem anteriormente se havia entregado a ele voluntariamente. Atormentando-o, espera convencê-lo a reconfirmar o pacto subscrito. Satanás não concede facilmente aos “seus” reconquistar a liberdade. Confirmam-no muitos exorcistas que enfrentaram problemas deste tipo.

**O demônio não está em condições de dar aos seus “consagrados” tudo o que promete**

Quem vende a sua alma ao diabo recebe verdadeiramente aquilo que pede? Que coisas geralmente

pedem? Riqueza, fortuna, poder, sexo desenfreado, domínio sobre os outros, honras, sucesso, vida longa, vinganças, faculdades fora do normal, etc. Alguns não chegaram a obter nada do muito que pediram; outros obtiveram só um benefício inicial, que lhes deu esperança, mas que não teve prosseguimento; para pouquíssimos pareceu que a sua vida tivesse mudado completamente: começaram a ser bem-sucedidos em tudo; todo projeto ou atividade que empreenderam pareceu realizar-se a todo vapor. Em pouco tempo alcançaram fama, sucesso, lucros, posições sociais importantes: mas foi uma glória mundana, aparente e fugaz. Satanás é a mentira e não pode garantir aquilo que eventualmente promete. Em um certo momento e quase de improviso o império, construído desta maneira, arruína-se, engolindo todos aqueles que dele fazem parte.

## **As duas correntes do satanismo**

O satanismo tem uma corrente “personalista”, chamada também de ocultista, e uma outra “impessoal”, chamada também de racionalista e atéia.

A corrente “personalista” afirma a existência de Satanás como ser “pessoal” (quando se diz “pessoal” entende-se no sentido *analógico* à pessoa humana, sendo ele um espírito não dotado de corpo). Por seus “devotos” é evocado, invocado, adorado e honrado como deus; consagram-se a ele, pedem-lhe poder e domínio sobre os outros e a satisfação de todo desejo. Estas pretensões certamente não se realizam, mas

constatar algum resultado aparente pode contribuir para perseverar nesta louca dependência, na esperança de obter ainda mais.

A corrente do satanismo "impessoal", ao invés, não acredita nem na existência de um Deus pessoal nem de Satanás como ser pessoal, mas entende que existe uma "força" ou "energia" oculta, presente em nós e no cosmos, que se pode fazer emergir, desenvolver e colocar a nosso serviço, praticando a perversão em todas as suas formas, associadas a ritos blasfemos.

Satanás, portanto, não seria outra coisa senão um símbolo, a idealização desta força ou energia que se encontra reprimida no homem e que é catalisada por rituais brutais que são uma mistura explosiva de sexo e de profanação do sagrado, em uma virulenta contraposição ao Evangelho, à Igreja e à sua liturgia. Chega-se até a gestos mais repugnantes e indescritíveis realizados sobre a eucaristia, junto com a perversão mais desenfreada, com a finalidade de libertar aquelas forças ocultas, potenciá-las sempre mais e dominá-las para os próprios objetivos. Do momento que é a religião a causa principal da repressão no homem dessa força ou energia – em particular a religião que tem origem no Deus da Bíblia – é necessário libertar-se da herança, até mesmo inconsciente, da própria pertença religiosa, sobretudo cristã e católica em particular. Daqui provém a contestação pseudo-religiosa, a revolta contra todo preceito moral, contra qualquer autoridade, contra qualquer freio ou limite àquilo que parece agradável e apetece.

Aparece aqui toda a natureza perversa do satanismo, que promove uma completa reversão dos valores,

propondo o que objetivamente é não bom, não lícito, como modelo justo e libertador e afirmando que, no fim das contas, a distinção entre o bem e o mal é só uma questão subjetiva e não objetiva. O mal não é mais um mal, mas é uma forma de libertação; a transgressão é o meio que permite aceder a experiências não costumeiras; só o "fazer aquilo que se quer" (em sentido absoluto) conduz à verdadeira realização. É a exaltação absoluta de si mesmos, é a visão prometéica do homem que se traduz em uma sua pretensa autodivinização, prescindindo de Deus. "Sereis como Deus" (Gn 3,5), prometia o tentador antigo, e a sua promessa permaneceu imutável também entre aqueles que hoje nisso se inspiram.

Como consequência extrema de tal pensamento os adeptos do satanismo ateu chegam a pronunciar afirmações delirantes deste tipo: "O diabo sou eu, deus sou eu, todo homem é deus, todo homem é satanás, porque deus, satanás, somos nós; não existe outro deus ou outro satanás fora do homem. Não acreditamos em deus, mas somos deus; não acreditamos em satanás, mas somos satanás". É a concepção panteísta levada à sua lógica extrema: se não existe um Absoluto, se não existe nem Deus nem Satanás, então não existem limites absolutos ao que podemos fazer. Qualquer coisa que alguém decida querer fazer, faça: se queres ser violento, sê violento; se queres fazer o mal aos outros para alcançares o sucesso, tens o direito de fazê-lo; se queres cultivar a tua cobiça, o teu egoísmo, a tua luxúria desenfreada, tens o direito de cultivá-los, porque, estes são sentimentos inatos de todo homem. A satisfação dos instintos é a única norma ética: "Faze o que queres, será conta toda a lei", é a palavra-chave do satanismo moderno.

Estamos diante de uma subversão dramática: não é mais a razão que domina e guia os instintos, mas os instintos que dominam, esmagam e aniquilam a razão. Compreende-se por que, para os satanistas, os sete vícios capitais são considerados virtudes que se devam praticar para chegar à plena realização pessoal. Compreende-se também por que o satanismo pode desembocar nos homicídios ou nos suicídios rituais.

Na corrente satanista do culto impessoal de Satanás, notamos uma ambigüidade de fundo. Afirma-se, efetivamente, não acreditar em Deus, em Jesus Cristo, na Igreja, nos sacramentos e no seu valor salvífico, nem em crer na existência real de Satanás; mas, ao mesmo tempo, voltam-se diretamente a Deus para dizer que não existe, a Jesus Cristo para ofendê-lo, a Satanás para evocá-lo, invocá-lo, honrá-lo e consagrar-se a ele (a famosa "Igreja de Satanás", máxima expoente da corrente impessoal, fundada a 30 de abril de 1966, em São Francisco, por Anton La Vey, e reconhecida legalmente nos Estados Unidos, inicia uma particular missa negra com uma invocação a Satanás como deus, à qual faz seguir-se uma ladainha de 77 nomes do diabo). Alguém poderá perguntar: como é possível que uma pessoa que diz não crer na existência de Deus, nem de Satanás, que não crê na Igreja como instituição divina, nem no sacrifício eucarístico, se encarnice, depois, de maneira tão fanática sobre isso "que não existe"? É uma evidente contradição que La Vey procura superar fazendo deste desacorrentamento confuso um "rito de libertação" contra aquilo que ele considera a desdoutinação repressora da Igreja. Escreve René Laurentin: "Estes ritos sacrílegos absurdos podem

ser explicados psicologicamente como forma libertadora e contestadora? Em parte assim é, mas a perversidade exprime a influência e quase a assinatura do demônio. Quem transformou em ódio o Amor essencial e quem destruiu em si mesmo a imagem de Deus, procura degradá-la nos outros para torná-los subpessoas, não-pessoas, até mesmo subanimais à sua imagem: “filhos do diabo” através do pecado, como ensina o Evangelho (Jo 8,38.41)”.<sup>1</sup>

As duas correntes do satanismo têm em comum todos os ritos, a simbologia e os objetos rituais: sobressaem, entre todos, a cruz invertida, que exprime exatamente a derrubada total destes valores universais que deveriam unir a humanidade: a paz, a fraternidade, a esperança e a queda de todo muro e limite. Os outros objetos rituais (cálice, ornamentos, etc.) são os mesmos usados para o culto divino, utilizados aqui com uma precisão maníaca. Mas tudo é feito ao avesso: a cruz é de cabeça para baixo, os círios são negros. A bacanal mistura-se à hóstia. Na celebração da missa negra segue-se, mais ou menos, o rito da missa católica, naturalmente às avessas: as fórmulas dirigidas a Deus são desviadas para o demônio. Uma mulher nua (representa a carne, que deve ser satisfeita e saciada em todos os seus impulsos e estímulos), possivelmente uma jovem virgem, é colocada em um verdadeiro altar ou em um caixão fúnebre. Sobre o seu ventre são colocadas as hóstias consagradas, o mais das vezes tingidas de negro, que serão depois profanadas das maneiras mais obscenas e imundas.

---

<sup>1</sup> Laurentin, R. *Il demônio. Mito o realtà?* Editrice Massimo-Edizioni Segno, Milano-Udine, 1995, p. 202.

Quem preside o rito veste um manto negro (que indica o fechamento aos olhos indiscretos, às pessoas não iniciadas), sobre o qual estão representados símbolos satânicos; os participantes são revestidos de negro e talvez cubram o rosto com o capuz.

As missas negras desenvolvem-se, costumeiramente, em igrejas não consagradas e abandonadas ou em ruínas (são estes os lugares mais ambicionados e procurados acima de tudo se conservam ossuários nas suas paredes, ou no subterrâneo ou na parte externa); ou então em cemitérios não vigiados ou não mais utilizados, ou também em vilas ou choupanas isoladas, ermos, sótãos, cantinas, às vezes também em lugares abertos, mas em bosques ou prados distantes das habitações. Os grupos mais conhecidos, porém, têm já suas "igrejas" oficiais e lugares fixos.

A este respeito precisamos infelizmente assinalar que, nestes últimos anos, no decurso de vendas de várias pequenas igrejas e capelas, não mais empregadas para o culto, aconteceu que algumas delas tenham sido adquiridas exatamente por indivíduos que, escondendo a sua pertença a grupos satanistas, utilizaram depois (e ainda utilizam) estas pequenas igrejas e capelas para os seus ritos nefandos.

## **Os diversos ritos do satanismo**

São vários os ritos do satanismo: iniciações, pactos satânicos, pactos de sangue, batismos, consagrações, evocações, invocações, malefícios, "sacramentos" (trata-se de paródias blasfemas dos sacramentos da Igreja), missas negras.

No satanismo ocultista e no satanismo racionalista estes diversos ritos podem ser correspondentes, mesmo que sejam celebrados com significados diversos. Por exemplo, a missa negra para os satanistas ocultistas é uma verdadeira liturgia de adoração a Satanás, ao passo que para os racionalistas é simplesmente um "psicodrama", que deve ajudar quem deles participa a libertar-se das "superstições" religiosas. Na prática, todavia, as distinções são menos nítidas do quanto possa parecer à primeira vista, porque também nos grupos racionalistas o tipo de ritualidade a que se recorre mantém sempre uma certa ambigüidade: assim, não obstante o proclamado racionalismo de grupos como a *Igreja de Satanás*, são freqüentes as passagens de fiéis destes movimentos para outros de tonalidade mais ocultista, no qual a identidade pessoal de Satanás é vigorosamente afirmada.

Os momentos considerados mais propícios para tais ritos são os das grandes "solenidades" do calendário satânico que coincidem com algumas datas das principais festividades da antiga bruxaria: a primeira é a do *Halloween*, que se celebra na noite de 31 de outubro para 1º de novembro (vigília de Todos os Santos) e é considerada o *Ano Novo mágico*. A segunda solenidade é a de *Candlemass*, que celebra a noite entre o dia 1º e o dia 2 de fevereiro e é considerada o início da *Primavera mágica* (para os cristãos é a solenidade da *Apresentação do Menino Jesus* no templo, chamada também popularmente "Festa da Candelária"). A terceira "solenidade" é a de *Beltane*, a noite do dia 30 de abril para o 1º de maio chamada também *a noite de Valpurga*: assinala o início

da estação mágica. A quarta solenidade é a de *São João Batista*, na noite entre 23 e 24 de junho: é particularmente aguardada para nela realizar malefícios de doença e de morte.

Os ritos que os satanistas celebram nessas “quatro solenidades” são por eles considerados particularmente poderosos se coincidirem com uma noite de lua nova.

Importantíssima para os satanistas é também a Sexta-feira Santa que, mesmo não entrando entre as “solenidades” tem como objetivo determinado uma série de ritos blasfemos em relação a Jesus crucificado. Durante a semana é preferida a noite de quinta-feira para sexta-feira ou então às três horas da tarde [15:00 h] da sexta-feira, para desprezo e profanação de Cristo que morre na cruz, e o domingo, dia da sua ressurreição. A maior parte dos ritos é celebrada de noite, porque a noite é considerada símbolo da escuridão do mal e também porque, naquelas horas, tem menos gente orando a Deus e, portanto, o culto satanista encontra menos oposição. O ideal, portanto, é que naquela noite haja lua nova, sendo também ela símbolo das trevas.

## **A experiência interior do satanista e o seu retorno para Deus<sup>2</sup>**

O satanista tem uma inquietude interna que não o deixa em paz. Dentro dele aumenta sempre mais o sentimento do desespero, é estimulado nas suas ações

---

<sup>2</sup> A descrição referida neste parágrafo é de um autor que pediu para ser mantido no anonimato.

em medida crescente para a perversidade. Talvez se dirija a receber os sacramentos da Igreja católica indignamente, para que desse modo consiga um duplo resultado, aparecer como bom cristão aos olhos dos outros e profanar o que é sagrado para o Senhor. Reforçando-se a ligação com Satanás, este acaba por perder aquele tenebroso fascínio do qual estava antes revestido, quando procurava enganar a sua vítima para atraí-la para si: agora o demônio se apresenta sempre mais claramente com as características próprias da sua verdadeira natureza. Para aterrorizar a sua presa assume, de fato, aspectos diversos formas horrendas, também de animais. Até aquele momento Satanás, com grande astúcia, tinha se deixado utilizar por aquela pessoa, mas só aguardando tornar-se o seu patrão quase absoluto. Tinha se comportado como um leão acorrentado, que finge ser bom para poder arrebatrar quem se aproxima dele, pensando ingenuamente poder acariciá-lo: quem, ao invés, chega ao alcance do seu raio de ação é agarrado e despedaçado.

O satanista se descobre e se apercebe ser muito diferente daquilo que ele era, quase como se tivesse mudado de natureza. Sente-se ministro e "missionário" do mal e lhe parece poder encontrar descanso só praticando o mal contra os outros. Satanás torna-se, para o satanista, algo de revoltante, de desagradável, de indescritível, de violento, de espantoso, ao qual não consegue mais desobedecer. Sente-se já danado, não porque Deus não o perdoaria se voltasse atrás, mas porque ele mesmo não consegue se arrepender. Ele consegue só ter o desejo de fugir das conseqüências da

escolha feita, mas o terror do que Satanás poderia fazer-lhe, nesta vida terrena, se o renegasse, é maior que o temor da perdição eterna. Tem maior medo de Satanás do que de Deus e obedece a Satanás com uma prontidão cega, filha do terror. O seu objetivo é unicamente o de viver desenfreadamente o tempo que lhe resta da sua vida terrena; como justificação disto, e para ligar outros a si, mostra para com o próximo segurança e felicidade, ao passo que dentro dele aumenta o desespero. Se empregou, mesmo que temporariamente ou parcialmente, poderes de Satanás e, antes ainda de chegar ao ponto de não retorno,<sup>3</sup> decide reconverter-se a Deus, eis que sofre a violenta reação do demônio, que age como quem adiantasse seus direitos de aquisição. Satanás parece dizer-lhe de fato: "Tu me procuraste, tu me quiseste: quando te foi conveniente tu te serviste de mim e agora tu queres pular fora? Se não me queres mais, tens de me expulsar. Por minha conta de ti não saio!"

Toda vez que o ex-satanista se coloca em oração, desencadeia-se a reação raivosa de Satanás que procura impedi-lo, procurando aturdir-lhe a mente, enfraquecer-lhe a vontade, multiplicar-lhe as contrariedades.<sup>4</sup> Inicia-

---

<sup>3</sup> Segundo alguns exorcistas (entre os quais o padre Candido Amantini, falecido em odor de santidade em Roma a 2 de setembro de 1992), magos e satanistas podem chegar ao ponto da inconvertibilidade, isto é, tornar-se tão escravizados por Satanás que não estão mais em condições de voltar atrás.

<sup>4</sup> Conhecem-se casos de alguns ex-satanistas nos quais o demônio provocou fraturas, cegueira momentânea ou permanente, perda de memória, surdez. "Um exemplo. Uma velha sacerdotisa de Satanás, que o sacerdote havia convidado a orar, quis entrar na igreja. Mas colocando a mão na maçaneta sentiu como que um contragolpe. A sua mão fechada se havia quebrado. Foi necessário engessá-la" (R. Laurentin, *Il demônio. Mito o realtà?*, op. cit., p. 194).

se uma luta muito pungente, na qual, geralmente, o ex-satanista se aproxima sinceramente de Deus, com espírito de abnegação e penitência concreta, por mais difícil que possa ser o combate, dele sairá vitorioso. São de grande ajuda nesta luta os exorcismos da Igreja e o acompanhamento na oração de pessoas piedosas e de grande maturidade humana e espiritual. No entanto nem todos partem animados por uma vontade decidida e irremovível, pelo que muitos, no fragor da batalha, acabam por lançar fora suas defesas.

## **Testemunhos de ex-satanistas**

As dificuldades de quem quer abandonar o mundo do satanismo organizado são grandes, sobretudo para quem chegou a um certo grau de iniciação. De um lado estão os satanistas que entendem ter a obrigação de vingar-se, não só e não tanto através de ritos satânicos, mas também através do recurso a autênticos sicários, que se colocam em atividade quando as repetidas ameaças de voltar para o grupo não são atendidas; por outro lado, com muitíssima frequência, está o Maligno que exige a contraparte e reage contra a decisão de recusar-se a cumprir o pacto anteriormente estipulado, tanto maltratando a pessoa com fortes vexações físicas, quanto provocando toda um encadeamento de adversidades.

### *A história de Marcos [nome fictício]*

Narra um jovem de 20 anos, o qual saído de uma seita satânica chamada "A serpente negra", precisou

recorrer aos exorcismos por causa dos fenômenos preternaturais que lhe aconteciam.

“Quando saí daquela seita eu temia muito pela minha vida porque outros dois jovens saídos antes de mim, pouco tempo depois, morreram em um acidente de automóvel. Éramos treze membros e adorávamos, como se fosse deus, um espírito que se fazia chamar Abu-Katabu ao qual sacrificávamos um gato, um passarinho e uma serpente e o sangue extraído deles misturávamos com ossos de mortos. Estuprávamos cada vez uma jovem virgem que nos era arranjada por uma cigana em troca de dinheiro. Servíamos-nos também de hóstias consagradas que, num primeiro tempo, conseguíamos através de um tonsurado que as roubava do tabernáculo de uma igreja de frades capuchinhos, mas quando o tonsurado não encontrou mais a chave do tabernáculo, porque os frades haviam percebido e tomado precauções, começamos a ir à missa, escondendo habilmente a eucaristia no momento em que era distribuída para depois levá-la conosco. O momento mais terrível da minha experiência naquela seita foi quando durante um rito, uma jovem que tinha sido posta em um caixão mortuário para um rito, morreu”.

O ancião exorcista siciliano, que seguiu o jovem, assim afirmou: “É muito difícil, para nós, libertar quem anteriormente se ofereceu ao demônio, porque neles, mais que uma possessão, existe uma sujeição diabólica, por causa do pacto de sangue, e o demônio não quer largar quem lhe havia jurado submissão eterna, todavia não podemos nunca desesperar: com a oração, com o

jejum, com a graça, e trabalhando firmemente, pode-se chegar à libertação”.

### *A história de Micaela (nome fictício)*

“Eu sou proveniente do norte da Itália e não conheci os meus genitores; presume-se que eu os tenha perdido desde o nascimento. Fui confiada a um colégio do norte onde havia violência psicológica, violência física e sexual. Um dia, não tendo ouvido o sinal da hora do almoço, cheguei atrasada à mesa; veio um assistente, um homem, pegou-me e me levou para um quarto onde antes me açoitou, depois me amarrou na cama e me colocou como que lâminas muito frias nos pulsos, nas têmporas, nos tornozelos. Senti dores muito fortes. Permaneci fechada naquele quarto alguns dias. A seguir fui adotada por uma família na qual fui violentada por um meu primo maior que eu e por um outro parente da minha família adotiva. Esta história manteve-se durante anos. Mais vezes, sobretudo quando me batiam, pensei em acabar com a minha vida. Naquela casa eu entrei em novembro de 1972 e na idade de 18 anos e 10 dias saí dela.

Comecei a trabalhar e fiz carreira muito velozmente porque tinha talento para cozinha. Infelizmente, quando conheci gente do teatro e da política muito em evidência, encontrei uma pessoa que me falou de arte oriental, introduzindo-me em uma seita denominada “Osho”. Dali entrei sucessivamente em uma seita ainda mais perigosa; tratava-se de uma seita satânica,

onde cheguei ao fundo, no sentido de que cometi as piores ações que uma pessoa pode cometer. Desta feita o que mais me atraía era a sede de poder. Em pouquíssimo tempo tive verdadeiramente o poder nas mãos, em todos os sentidos. Chegava às vezes a decidir sobre a vida de uma pessoa. Havia também abusos sexuais. No mundo das seitas, a respeito da sexualidade se faz de tudo. O meu corpo eu o vendi em todos os sentidos. O problema foi quando comecei a conhecer um mundo que não imaginava de pedofilia ligado às seitas satânicas no qual existe um mercado de crianças que desaparecem no nada. O Estado não o pode coibir porque é enorme. Foi assim que durante um rito me recusei categoricamente naquela situação de realizá-lo e fugi. O problema era fugir para onde? Na Itália não existem estruturas que tutelem quem sai deste mundo. A minha ventura foi encontrar uma pessoa que arriscando a própria vida me colocou em contato com uma comunidade de forte empenho cristão e com um exorcista ancião. Daquele momento em diante começou um caminho de solidariedade. Eu tinha comigo cinco guardas do corpo 24 horas sobre 24, pessoas que arriscaram a sua vida pra salvar a minha. Os exorcismos eu não sabia nem mesmo o que eram. Foram para mim uma coisa inteiramente nova. Foram necessários porque eu tinha feito pacto de sangue com Lúcifer e Asmodeu, os quais me faziam sentir toda a sua reação. Foram para mim um calvário que exigiu quatro meses de isolamento completo. Fui acompanhada por esse sacerdote que não só fez os exorcismos, mas me conduziu a Deus com tanto amor, fazendo que eu

Recordo que um dia, àquele  
que me havia dirigido, disse: 'Onde  
eu darei tudo o que tenho para  
felicidade'. E eu obtive isto.  
Como eu fui a extrair o positivo da minha  
história? Que não deve acontecer  
nada mais! Agora eu digo  
que vou vir para salvar disso ao menos  
o que eu sofri poderá ter um

# Capítulo 3

## A ação extraordinária do demônio

---

### O que se entende por ação extraordinária do demônio?

Por ação extraordinária do demônio entende-se uma **ação** particular intervenção sobre a matéria. Quando é exercida em lugares, casas, objetos, define-se “infestação demoníaca local”, quando ao invés é exercida sobre ou dentro do corpo de uma pessoa define-se, segundo as diversas formas, “vexação”, “obsessão” ou “possessão demoníaca”;<sup>1</sup> os limites, porém, entre uma forma e a

---

<sup>1</sup> A Conferência Episcopal Italiana (CEI), em vista da preparação das notas da *Apresentação* ao novo rito dos exorcismos promulgado pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, tinha pedido à Associação Internacional dos Exorcistas (AIE) que especificasse as diversas formas de ação extraordinária do demônio para evitar as confusões de terminologia existentes em vários textos. A AIE já faz tempo havia estabelecido uma linguagem comum classificando a ação extraordinária do demônio em “infestação”, “vexação”, “obsessão”, “possessão”, especificando o que se entende por cada uma delas. Tal classificação foi acolhida pela CEI e introduzida no n. 7 de *Presentazione* do Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari.

outra nem sempre são claros: é possível o seu entrelaçar-se ou somarem-se na mesma pessoa, com uma gama de perturbações de gravidade e natureza variadas. A ação dos demônios sobre a matéria é rara, por este motivo é definida também com o termo "extraordinária". Precisamos, todavia, reconhecer que no nosso tempo está aumentando, por causa dos contatos cada vez mais freqüentes da parte do povo com o mundo do ocultismo e de tudo o que gira ao redor disso

### **Quais podem ser as causas da ação extraordinária do demônio?**

A ação extraordinária do demônio sobre as pessoas é uma dentre as muitas conseqüências funestas que atingiram a humanidade depois do pecado original, é um dos muitos poderes que os demônios adquiriram sobre o mundo e sobre os homens depois da culpa dos nossos progenitores. Esta ação se pode sofrer por própria culpa ou porque alguém realizou ritos maléficos para prejuízo de qualquer outra pessoa ou por uma especial vocação de oferta a Deus do próprio sofrimento.

*Por própria culpa:*

*os pecados de superstição e as práticas ocultas*

Não poucos estão convencidos de que a superstição e as práticas ocultas são inócuas, mas não se apercebem de que elas, ao invés, podem abrir amplas brechas ao demônio, para que possa aplicar a sua atividade extraordinária sobre as pessoas e sobre as coisas. No exercício do ministério

dos exorcismos constata-se que um certo número de casos de ação extraordinária do demônio deriva do fato de que a pessoa se aproximou das práticas ocultas sem saber ao encontro do que estava indo. Eis, pois, que para um discernimento da ação demoníaca extraordinária é importante observar se certos fenômenos tiveram início depois de um ou mais fatos particulares ou determinadas circunstâncias e que podem ser compreendidas entre aqueles que eu elenco aqui a seguir:

- ter freqüentado, magos, cartomantes, bruxos, a magia, a feitiçaria, a cartomancia;
- ter feito uso de amuletos e talismãs, sobretudo se recebidos de bruxos, os quais os submetem a ritos de evocação e de propiciação aos espíritos;
- ter praticado certas técnicas como a meditação transcendental, da *New Age*, etc.;
- ter participado de seitas satânicas ou ter tomado esporadicamente parte em ritos de satanismo, como o pacto de sangue estipulado com o demônio, participação em missas negras, participação em homicídios rituais, profanação voluntária da eucaristia;
- ter ouvido por longos períodos de tempo e por muitas horas do dia, música com mensagens que convidam para o culto a Satanás ou para a violência, para a necrofilia, para a blasfêmia, para o homicídio, para o suicídio.

Estas práticas supersticiosas e as várias formas de ocultismo descritas, associadas aos vícios que se tornam dependências alienantes (álcool, droga, depravações se-

xuais de quaisquer tipos, blasfêmias,<sup>2</sup> etc.) tornam ainda mais vulneráveis à ação extraordinária do demônio.

*Por especial vocação de oferta  
a Deus do próprio sofrimento*

Quando Satanás vê uma santidade autêntica em uma alma, ou quando “descobre que uma pessoa está chamada por Deus a uma elevada perfeição de santidade e quando ele intui que através dela se realizarão grandes obras para a salvação das almas, não pode senão opor-lhe uma oposição ferocíssima e não demora a desferrar contra ela uma luta sem quartel”.<sup>3</sup>

Aqueles que perseveram no caminho da santidade são odiados de uma maneira particular por Satanás a tal ponto que, por especial permissão de Deus, podem também sofrer períodos mais ou menos longos de infestações, de vexações, de obsessões, ou, mais raramente, de possessão. É claro que estas ações extraordinárias do demônio sobre eles ou sobre os lugares nos quais residem, não são conseqüências de pessoais atos de superstição ou de práticas ocultas, e Deus o permite seja para manifestar a sua absoluta grandeza e superioridade em relação a Satanás, seja para melhor aumentar a perfeição espiritual e a glória futura de quem foi atingido. Algumas destas

---

<sup>2</sup> A blasfêmia coloca uma pessoa em particular sintonia com o demônio, o qual, por sua natureza, com ódio absoluto, maldiz e ofende a Deus com as piores expressões.

<sup>3</sup> Cf. Jeanguenin, G. *Il diavolo esiste*. Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi), 2005, p. 43.

peçoas, em particular aquelas que se ofereceram a Deus como vítimas, podem ser chamadas por ele para cooperar na salvação da humanidade através do sofrimento e em particular daquele que deriva das vexações, das obsessões ou das possessões demoníacas. Nestes casos, também se o exorcismo ajuda na luta contra o demônio que os atormenta e contribui para dar-lhes períodos de repouso, não obtém, porém, a libertação definitiva.<sup>4</sup>

### **Qual é a finalidade da ação extraordinária do demônio?**

A finalidade perseguida pelo demônio com as suas violências é a de assustar e perturbar a alma para arrastá-la para o desespero ou para o pecado e para levá-la consigo para a perdição eterna no inferno. O dano ao corpo está apenas subordinado ao dano espiritual, é só um meio para conseguir os seus objetivos. Ele sabe perfeitamente que quando o corpo está sofrendo é mais fácil levar um homem à revolta contra Deus. Deus, porém, não abandona a sua criatura ao poder do demônio e lhe oferece os meios para receber toda a ajuda necessária para resistir, combatê-lo e vencê-lo<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Marian Baouardy, nascida em Ibillin, na Galiléia, em 5/jun/1846, tornou-se carmelita com o nome de Maria de Jesus Crucificado e morreu no Carmelo de Belém a 26/ago/1878, beatificada por João Paulo II no dia 13 de novembro de 1983, junto com êxtases e visões, experimentou mais vezes, por vários períodos da sua vida, também fortíssimas possessões demoníacas.

É famosa na França a mística Marthe Robin, falecida a 6 de fevereiro de 1981. Atormentada por tremendas vexações demoníacas alternadas com manifestações divinas, viveu durante 50 anos nutrindo-se exclusivamente da eucaristia.

<sup>5</sup> Ver, neste livro mais adiante, o parágrafo *O que deve fazer uma pessoa que é submetida a uma ação extraordinária do demônio e o tempo necessário para a libertação.*

# EXAME DOS VÁRIOS GRAUS DA AÇÃO EXTRAORDINÁRIA DO DEMÔNIO

## Infestação local

A “infestação local” é uma ação do demônio sobre a natureza inanimada (lugares, casas, objetos). Principalmente pessoas que moram no interior contam casos e mais casos cuja causa é desconhecida e, às vezes, atribuída ao demônio, tais como:

- rumores ou pancadas no teto ou em casa sobre o pavimento ou nas paredes, nas portas, ou nas janelas ou nos móveis;
- saraivada de pedras, que caem como do nada sobre o teto ou também na casa;
- rumores de passos invisíveis;
- sons como tiros ou explosões ou ribombos;
- vibrações como de terremoto, circunscritos a um lugar ou a uma casa;
- grande rumor de correntes e de ferragem;
- vozes misteriosas ou então urros, risadas, barulho;
- tilintar de sinetas ou campainhas invisíveis;
- sons e cantos muitíssimo estranhos, de dia e/ou de noite;
- desaparecimento de objetos que, ou não são mais reencontrados, ou então são encontrados nos pontos mais impensáveis da casa;

- intensa presença de poeira, a qual não se sabe de onde provenha;
- improvisos e intensíssimos odores de queimado, ou de esterco, ou de enxofre, ou de carniça, ou de incenso;
- sopros imprevistos em ambientes totalmente isentos de correntezas de ar (com inexplicável apagamento de velas, sobretudo no passado quando eram muito usadas);
- portas e janelas que se abrem e se fecham simultaneamente;
- vidros de janelas que se quebram também todas ao mesmo tempo;
- pratos, copos, garrafas que se quebram dentro do armário;
- interrupções da passagem da eletricidade, sem qualquer problema nos aparelhos elétricos; gastos inexplicáveis nos eletrodomésticos, acendimento e apagamento de lâmpadas sem ter tocado nos interruptores;
- quadros que despencam das paredes e caem sem razão ou motivo compreensível;
- vestes, lençóis, cobertas que levitam no ar;
- móveis, cadeiras, mesas que levitam pela casa ou caem no chão;
- lustre e lampadários que oscilam sem a mínima corrente de ar nem vibrações;
- manchas misteriosas nas paredes ou no pavimento ou nos panos da casa;

- imprevisto aparecimento e desaparecimento de névoa, de fumaça e de chamas;
- imprevisto aumento ou diminuição da temperatura de uma dependência ou de uma casa, sem qualquer razão plausível;
- invasão inexplicável de animálculos ou de insetos, dos quais não se consegue libertar;
- aparições imprevistas de corvos ou morcegos ou répteis ou corujas ou sapos ou gatos ou cães e desaparecidos no nada logo depois;
- aparições várias de sombras ou de pessoas ou de seres monstruosos;
- imprevisto terror e fuga de animais domésticos, sem que se consiga encontrar nada que possa ter provocado tal reação;
- torneiras que manam sangue em vez de água;
- folhas em branco que se enchem de palavras escritas por uma mão invisível que move uma pena [caneta]: geralmente notícias conhecidas apenas pelos membros da família ou ameaças de morte (às vezes escritas com sangue) enquanto ao mesmo tempo aparecem sobre a mesa ou no pavimento objetos de vários gêneros como seixos, gravetos, cruces, pedaços de ferro, livros chamuscados, anéis, fruta exótica, amuletos e talismãs com ataduras estranhas; ou então, enquanto cadeiras e outros objetos da casa são arremessados com violência pela sala, como sinal concreto de ameaça para os moradores.

## O discernimento da infestação local

Um critério fundamental para discernir, em qualquer ocasião, se nos encontramos diante de algo que ultrapassa o limite natural, é este: "Tudo o que está além das leis da natureza, se não provém de Deus, provém de Satanás. Não existem estados intermediários". Uma vez excluída, depois de uma rigorosa pesquisa, a causa natural, para compreender se na origem dos fenômenos elencados existe ou não existe uma ação extraordinária do demônio, é importante recordar se aí existe um fato particular, depois do qual os fenômenos foram iniciados. O conhecimento deste fato nos dará indicações mais claras para compreender-lhe a possível origem. Por exemplo:

- maldições lançadas sobre aquele lugar;
- ritos desenvolvidos por magos ou feiticeiros que moravam na casa;
- delitos cruéis, suicídios ou abortos que se realizaram naquele lugar (e neste caso são necessários abundantes sufrágios);
- indivíduos ou seitas satânicas ou grupos isolados que naquele lugar realizaram ritos de evocação e de culto ao demônio e atos sacrílegos e profanações de coisas sagradas (em todos estes casos são necessárias muitas orações de reparação);
- sede de encontro para a organização de atividades criminosas;
- presença de algum objeto sobre o qual foi realizado um malefício e que depois foi escondido e encontrado naquele ambiente.

Nem sempre é possível estabelecer com certeza se em uma casa aconteceram semelhantes coisas: neste caso, se depois de orações, bênçãos e celebrações de santas missas naquele lugar, se tiver o desaparecimento ou não obstante um retorno significativo de tais fenômenos, então poder-se-ia suspeitar que a sua origem seja verdadeiramente uma ação extraordinária do demônio, originada de uma ou várias possíveis causas acima descritas. Talvez se tenha constatado que os fenômenos de infestação dos lugares desaparecem não com bênçãos e exorcismos para a casa, mas para as pessoas, porque a origem destes fenômenos é uma ação extraordinária do demônio sobre alguém que vive naquele lugar, pelo que tais fenômenos estão ligados a uma pessoa. A confirmação é dada também pelo fato de que, mudando aquela pessoa da habitação, os que a seguir foram habitar nela não perceberam nada e viveram tranquilos, ao passo que aqueles inexplicáveis fenômenos, não obstante, continuaram seguindo o interessado também no seu novo domicílio.

Pessoalmente não acredito de fato nesse chamado *poltergeist* ou na famigerada *psicocinese* e *telergia*. A parapsicologia, grande percorredora da New Age, define todos os fenômenos que acima elenquei, como *poltergeist* e os explica com uma presumível energia *bio-eletromagnética* definida como "telergia". Ela se desprenderia do inconsciente de pessoas extraordinariamente sensíveis, emotivas, nervosas, introvertidas e delicadas, sem que estas o percebam ou o queiram, quando estão particularmente excitadas, preocupadas ou angustiadas; ou então por pessoas com

doenças ou traumas psicológicos profundos. Isto aconteceria sobretudo às mulheres e aos rapazes e às moças muito emotivos, no período da puberdade. A casuística das infestações locais, porém, desmente esta teoria demonstrando que fenômenos do gênero verificaram-se também onde não havia pessoas com problemas deste tipo ou no período da puberdade.

Os sustentadores desta teoria – apresentada como científica, mas na realidade privada no plano científico do mínimo fundamento – chegam a afirmar até mesmo que, na ausência de truques ou jogos de prestidigitação, o fenômeno do deslocamento e do desaparecimento de um objeto de um lugar (“*asport*” [arranque]) e o seu reaparecimento em um outro lugar, sem que nenhum movente sensível pareça ter intervindo (“*apport*” [transporte]), seria reconduzível ao fato que, sob o estímulo de uma forte carga emocional, pequenos objetos *podem transformar-se em energia, para depois voltar a ser massa no lugar em que reaparecem!!!* Também a levitação de objetos no ar ou o seu deslocamento, sem que nenhuma mão humana os tenha tocado, uma vez excluído todo truque, explicar-se-ia com a “*telergia*”, a qual teria a capacidade de tornar cinética e de deslocar objetos de um lugar para outro (daí o termo “*telecinese*”) ou também incidir na fita de um registrador das palavras que foram só pensadas, daí o termo “*psicocinese*”, termo que quer dizer “*ação psíquica sobre a matéria*”.

Todas estas explicações, que não têm nenhum fundamento científico, simplesmente porque impossíveis à natureza humana, são às vezes apresentadas como verdadeiramente científicas em alguns seminários e em

algumas faculdades teológicas, onde se preparam os futuros sacerdotes e bispos. Assim, enquanto a angelologia e a demonologia, que também deveriam fazer parte dos cursos institucionais, desapareceram dos programas de muitas faculdades teológicas ou são apenas matérias facultativas, a notória "parapsicologia", ao invés, adotada com pleno direito pela New Age, passou a fazer parte dos cursos oficiais de algumas dessas faculdades.

Escreve um dos fautores da parapsicologia: "No Brasil, os seminaristas de filosofia e teologia fazem cursos de parapsicologia científica e sabem distinguir muito bem aquelas manifestações que na Itália definem como "possessões diabólicas" e submetem, conseqüentemente, ao exorcismo. Ali são tranqüilamente resolvidos com técnicas de logoterapia (o diálogo) e de terapia neuromuscular (o treinamento autógeno para relaxar-se). Em muitíssimas dioceses os bispos e os padres, já bem informados sobre os fenômenos de parapsicologia, definitivamente eliminaram a própria figura do exorcista".

Se esta declaração fosse verdadeira, seria necessário reconhecer que em alguns seminários está sendo ensinada uma autêntica mentira, isto é, que a mente humana e o inconsciente sejam capazes de ir além dos seus limites naturais. A Sagrada Escritura e a experiência bimilenar da Igreja verificaram com segurança que, uma vez certificadas da ausência de fraude ou de mistificação humana, quando acontecem fenômenos deste tipo existe sempre na origem ou força preternatural (uma presença angélica má, uma presença demoníaca) ou sobrenatural (uma presença angélica boa ou o

próprio Deus). No fundo essa tal de “parapsicologia” é materialista e, mesmo não tendo nenhum fundamento científico, situa-se no mesmo plano daquela corrente científica “presunçosa e soberba” (visto que existem também a ciência e o cientista humildes), que se ilude saber explicar incansavelmente cada aspecto do homem.

## **As vexações**

São agressões físicas a uma pessoa por ação dos demônios, com cortes ou queimaduras, arranhões, pontadas, mordidas, pauladas, golpes que deixam marcas, inchaços e chagas sangrentas, fratura de ossos. Tudo isso acontece também sob os olhos de quem eventualmente se encontra assistindo. Alguns receberam, como incisões na pele, letras, palavras ou sinais que persistem por um certo tempo e que depois desaparecem. Nas vidas dos santos são assinaladas também outras formas de vexação, ainda mais graves: alguns foram alvo de pedradas, de esterco ou de fezes, arremessadas neles e provenientes como que do nada, outros foram atirados da cama ao chão, ou das escadas, lançados ao ar e projetados na terra ou contra uma parede, arrastados por uma mão invisível que os pega pelos cabelos; outros ainda foram transportados para longas distâncias do lugar onde se encontravam. Estes mesmos fenômenos podem ser associados à possessão.

Estas agressões do Maligno podem acontecer também sob formas de doenças que persistem estabelecidas como nos casos evangélicos da mulher encur-

vada ou do surdo-mudo, que estavam aprisionados a essas doenças pelo demônio (nestes casos, de fato, Jesus os cura expulsando o demônio); ou então sob a forma de doenças que aparecem e desaparecem imprevisivelmente, sem uma específica diagnose clínica (é um fenômeno freqüente na vida dos místicos).

Também além da saúde, as vexações demoníacas podem produzir-se no trabalho, nos afetos, nas relações com os outros (enfurecer-se sem motivo, tendência ao isolamento total...), como também sob a forma de contínuas desventuras pessoais e familiares ou danos físicos, econômicos e morais.

São vexações demoníacas, por exemplo, todas as desventuras que estão descritas no livro de Jó, as provações de Tobias (os insultos da mulher, a cegueira, etc.), o aguilhão no lado, do qual fala o apóstolo Paulo: "Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me esbofetear e me livrar do perigo da vaidade" (2Cor 12,7).

Podem ser consideradas vexações também aquelas perseguições encarniçadas, insistentes e inexplicáveis sob o perfil humano, que os demônios suscitam contra uma pessoa correta por conta de outras. Verificam-se freqüentemente nas vidas dos grandes santos: por exemplo, entre os casos mais recentes no tempo, vemos as terríveis perseguições sofridas por são Luís Orione, por são Pio de Pietrelcina, pela serva de Deus Madre Esperança, etc. As vexações demoníacas podem atingir, em graus diversos e de diversos modos, indivíduos, grupos também bastante numerosos, paróquias, conventos, institutos religiosos, propriedades, etc.

## O discernimento das vexações demoníacas

Em alguns dos casos acima elencados, sobretudo quando o demônio agride fisicamente com golpes, cortes, pedras, etc., o discernimento é extremamente claro. O problema, para os exorcistas, apresenta-se, ao invés, quando precisam julgar a esse respeito tantas pessoas que se dirigem a eles, atormentadas por certos sintomas ou feridas por acontecimentos que, aparentemente, induziriam a crer em uma particular ação do demônio, ao passo que na realidade as causas daquelas perturbações ou daqueles fatos são, na maior parte dos casos, ordinárias ou naturais. Ao demônio, de fato, mais que provocar uma série de doenças ou de desventuras, interessa sobretudo escravizar as pessoas pelo pecado, para levá-las para a maior e irreparável desdita: a perdição eterna.

Pode-se supor uma ação demoníaca extraordinária na medida em que se possa verificar uma ligação com as causas que anteriormente elenquei,<sup>6</sup> ou então com uma inexplicável aversão a Deus, à oração, ao sagrado, acompanhadas por uma série de desventuras, de insucessos ou de males físicos encadeados, não obstante podem ser, como já vimos, formas de vexações em que não se manifesta nenhuma repugnância em relação a Deus, ao sagrado e à oração.

---

<sup>6</sup> Ver, atrás, neste cap. III, o parágrafo *Quais podem ser as causas da ação extraordinária do demônio*, p. 68.

## *Alguns exemplos de vexações*

Narra o padre Gabriele Amorth: “Uma mulher, quando ia para a cama tinha a sensação de que suas pernas se eletrizavam. Movimentos muito fortes, a ponto de fazer balançar o leito matrimonial e que duravam algumas horas, praticamente toda a noite. Os médicos não encontravam nada e os medicamentos sugeridos não davam nenhum resultado. O marido, seguindo os conselhos de um exorcista, começou a fazer cruces com água benta sobre as pernas da mulher, quando começavam os fenômenos. Logo os movimentos se acalmavam e depois cessavam; depois de um certo tempo, cessaram de todo”.

Na minha experiência de exorcista, recordo que uma vez um sacerdote me mandou uma caseira de sua paróquia que já há vinte anos, não obstante tivesse consultado diversos médicos e tomado vários remédios, continuava a sofrer pontualmente, só aos sábados e domingos, de fortíssima dor de cabeça. A mulher freqüentava quotidianamente a santa missa e os sacramentos. A única suspeita de possível ação extraordinária do demônio tive-a quando me referiu que uma sua irmã exercia a magia e isso que me disse a respeito da sua irmã me levou a suspeitar de uma repercussão maléfica sobre a mulher, que entre outras coisas não tinha nenhum ódio para com sua irmã e orava por ela para que não praticasse mais a feitiçaria. Entendi que existiam as condições indispensáveis para proceder a um exorcismo com o objetivo de diagnóstico.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Para especificações sobre o exorcismo com finalidade diagnóstica, leia adiante, no cap. IV, o parágrafo *O problema do emprego da forma imperativa do exorcismo*.

A mulher permaneceu muito calma durante todo o tempo do exorcismo e não manifestou nenhum sinal insólito. Despediu-se e eu lhe pedi que me desse notícias sobre o desenvolvimento da situação. Depois de pouco mais de um mês, a mulher me telefonou contentíssima dizendo-me que pela primeira vez, depois de tantos anos, tinha passado os sábados e os domingos sem mais nenhuma dor de cabeça. Atualmente, passaram-se já cinco anos, e a mulher continua a se sentir bem.

## Obsessões demoníacas

Para evitar confundi-las com as patologias psiquiátricas, alguns preferem defini-las com o termo de "vexações demoníacas mentais (ou psíquicas)" ou então "vexações demoníacas internas (ou interiores)"; outros com o termo "infestação demoníaca pessoal". Todavia, como veremos, é possível que o componente maléfico<sup>8</sup> e o componente psíquico sejam simultâneos.

As obsessões demoníacas são aqueles casos de agressão do demônio nos quais, mesmo não bloqueando, durante as crises, a faculdade intelectual e a livre vontade da pessoa, ele consegue não obstante comunicar à mente (imaginação e memória) pensamentos ou imagens obsessivas, às vezes racionalmente absurdas, mas tais que a vítima não está em condições de afastar. A pessoa sente-se atormentada por uma idéia fixa,

---

<sup>8</sup> Daqui em diante, quando eu emprego a expressão "componente maléfico", "origem maléfica", "causa maléfica", "presença maléfica", "mal de origem maléfica", entendo um mal que é devido a uma ação extraordinária do demônio.

por uma imagem que percebe como estranha a si e que procura de todo modo afastar. Ela se imprime profundamente na sua mente e no seu espírito – quase como se fosse uma forma que se imprime na cera – a ponto de parecer realmente sua. As obsessões podem ser de diversas formas e de diversos graus e intensidade e podem chegar até o ponto de dominar completamente a mente de uma pessoa. Nesse caso manifestam-se como fortíssimas e prolongadas tentações. “Elas podem tomar toda a atenção da pessoa e são insistentes, malgrado uma resistência decidida e bem situada, às vezes também heróica. Podem ser absurdas tentações dos sentidos (alimentares ou sexuais), mas sobretudo são contra Deus e todos os aspectos religiosos que nos mantêm ligados a ele. Só o abandonar-se a Deus ajuda a não sucumbir nessa submersão e o exorcismo vem a propósito para libertar dessa violência exterior ou interior”.<sup>9</sup> Frequentemente as idéias como também as sensações obsessivas são acompanhadas pela convicção de serem malucas e a pessoa se torna sempre mais preocupada, triste, prostrada e desesperada.

Alguns, sem qualquer justificada motivação, são afligidos e agitados pelo pensamento e pelo impulso de fazer o mal aos outros; outros são obsessionados pela convicção de que só um pacto com Satanás poderá fazê-los sentir-se bem ou procurar para si o caminho seguro para ter sucesso na vida; outros são obsessionados pelo pensamento de profanar a eucaristia; outros

---

<sup>9</sup> Laurentin, R. *Il demonio. Mito o realtà?* Editrice Massimo-Edizioni Segno, Milano-Udine, 1995, p. 230.

pelo pensamento de estarem irremediavelmente condenados; outros ainda pelo pensamento e pelo impulso ao suicídio (não são raros os casos em que a pessoa, contra a sua vontade, imagina até mesmo as particularidades precisas do próprio suicídio). As obsessões podem manifestar-se também apenas como sensações extremamente intensas, como, por exemplo, a de sentir-se semelhantes a um cadáver ambulante, ou de sentir-se sepultados em um túmulo, ou então sentir odores repugnantes, etc.

O grande teólogo da vida espiritual, Royo Marin, recorda que o demônio pode também atormentar uma pessoa dando-lhe uma repugnância, quase insuperável, para o cumprimento dos próprios deveres ou então um desejo fortíssimo do que é proibido, pode comunicar à mente fantasias importunas, nojentas, indecentes, que subsistem não obstante os contínuos esforços por afastá-las. Pode provocar acessos de ira, dúvidas, sentimentos de angústia, de desespero, movimentos instintivos de antipatia e de revolta; ou, ao contrário, impulsos afetivos e perigosas ternuras, que não têm nenhuma justificação em si mesmas e das quais a pessoa em questão encontra uma grande dificuldade para se libertar.<sup>10</sup>

As obsessões demoníacas podem atingir todos, tanto quem não é crente, quanto os fiéis comuns e quanto as almas mais fervorosas que se empenham em uma vida mais intensa de piedade e de oração.

---

<sup>10</sup> Cf. Royo Marin, A. *Teologia della perfezione cristiana*. Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi), 11ª ed. 2003, p. 391.

## O discernimento das obsessões demoníacas

Dada a semelhança e, com muita freqüência, a ligação estreita entre reais obsessões demoníacas e doenças psiquiátricas, o discernimento nem sempre é fácil. Existem casos em que estas últimas têm uma origem exclusivamente patológica; outros casos em que têm, na origem, uma ação extraordinária do demônio e outros ainda em que a ação extraordinária do demônio amplifica, de maneira anormal, pequenos pensamentos obsessivos e modestos comportamentos compulsivos, que podem ser normais quando são ocasionais, fugazes e sobretudo controláveis,<sup>11</sup> mas que se tornam, imprevistamente, invasores, atormentadores e contínuos sob esta ação, perturbando gravemente a psique de uma pessoa. Além do mais precisamos considerar que também um sujeito histérico ou desequilibrado pode ser vítima de uma obsessão diabólica, a qual acaba por sobrepor-se e agravar o seu estado. Por todos estes motivos o campo das obsessões demoníacas é um dos mais difíceis de avaliar, mais que as vexações e as possessões demoníacas. Estas,

---

<sup>11</sup> Existe quem se pergunta freqüentemente se fechou o gás ou a porta, existe quem está preso à mania de limpeza exagerada ou de se lavar continuamente: aqui o demônio não tem nada a ver. Existem também pessoas distraídas que fazem uma ação maquinalmente pensando em uma outra e depois se perguntam: "Mas a luz, eu apaguei?; o gás, eu fechei?; as mãos antes de comer, eu lavei?" E assim voltam a refazer seus passos e vêem que maquinalmente haviam feito aquelas coisas, mas como pensavam em outras não se recordavam mais. Estas mesmas coisas podem acontecer também porque estamos talvez muito ansiosos, mas não é obsessão demoníaca. São coisas que se vinculam em parte ao bom senso, em parte ao aceitá-las como precisamos aceitar a nós mesmos e nossos defeitos e nossos limites.

de fato, pelos sinais externos que o mais das vezes manifestam, são muito mais facilmente identificáveis. Para chegar a conclusões concretas, cada caso deve ser examinado à parte. Um dado, que poderia dar um indício significativo sobre a origem de uma obsessão, é a presença de um bloqueio parcial ou total, em relação à oração; ou, verdadeiramente, o ódio para com tudo o que é sagrado, sem qualquer motivação. Mas nem sempre é assim.

Muitos exorcistas constataram que também pessoas que oram e recebem regularmente os sacramentos e não apresentam estes sintomas ou estas atitudes, podem estar sujeitas a formas obsessivas de origem maléfica. É preciso, portanto, considerar que existem situações nas quais o discernimento que permite verificar se uma obsessão é devida a uma ação extraordinária do demônio é possível fazê-lo só olhando para a eficácia ou para a não eficácia dos mesmos exorcismos (como acontece na medicina, formula-se às vezes uma diagnose correta avaliando a eficácia ou não eficácia de particulares cuidados médicos). Considera-se, também, finalmente, que, exatamente por causa de uma sobreposição da ação maléfica sobre uma obsessão patológica, há necessidade também de intervir tanto com uma terapia médica, quanto com o exorcismo.

### *Alguns exemplos de obsessões*

No seguinte testemunho alguns elementos induzem a pensar em um sofrimento psíquico, associado ou causado por uma ação extraordinária do demônio.

“Quando jovem universitário, eu era um cristão não praticante. Em um momento de grande dificuldade com os estudos eu temia fortemente não chegar nunca a laurear-me. Falei disso a uma pessoa amiga, que me propôs ir com ela a uma bruxa. A mulher, que afirmava dedicar-se à ‘magia branca’, praticava a cafemancia, sustentando que esta arte adivinhatória lhe tinha sido ensinada por seu falecido marido de nacionalidade egípcia. Preparou ela mesma o café à maneira turca, que depois me deu a beber, recomendando-me a não consumi-lo todo, mas deixar um pouco no fundo. Seja quando o preparava, seja enquanto eu o bebia, a mulher recitou uma série de complicadas orações, nas quais o que mais me chamou a atenção, em particular, foi a repetição, várias vezes, do nome de São Cipriano. Bebendo, deixei, como me havia dito, um pouco no fundo que ela derramou em um pires. Olhou-o atentamente e depois me disse que eu me laurearia, mas com muitos sacrifícios e renúncias. Retornando para casa, não tinham passado nem mesmo ainda duas horas do meu encontro com a bruxa e dentro de mim comecei a ter um pensamento obsessivo que nunca antes daquele momento eu tinha tido: ‘Faz um pacto com o demônio e ele te ajudará a laurear-te’. Senti aquele pensamento nascer em mim intenso, angustiante, quase irresistível, a ponto de em certos momentos precisar lutar fortemente, com todo o meu ser, para não aderir com a minha vontade a isso que me era proposto. Se bem que racionalmente eu soubesse ser algo estranho à minha vontade, aquele pensamento maluco eu o percebia como no interior da minha pessoa

e, portanto, alarmante, perigoso; daqui o combate espiritual e tantos sofrimentos que isso me causou no decorrer dos anos. Os cuidados de três diversos psiquiatras não só não me ajudaram, mas pioraram a minha saúde devido aos pesados efeitos colaterais dos medicamentos. Dirigi-me, então, a um exorcista, o qual me reaproximou de Deus. Graças à sua ajuda, também com grande esforço, nunca cedi, mas, ainda hoje que descobri a minha fé católica, pratico os sacramentos e recebo bênçãos particulares, de vez em quando tenho de lutar contra o pensamento obsessivo do pacto com o demônio para ter sucesso na vida. Nos momentos de maior fervor espiritual o pensamento se afasta, se dilui, perde força e o percebo na sua real estranheza, para depois reapresentar-se impetuoso nos momentos de fraqueza que acompanham as inevitáveis dificuldades existenciais. Às vezes surge imprevisivelmente, imperioso, com poder crescente e, depois de alguns minutos, chega ao ápice ao qual imediatamente se segue a paz interior: a paz de quem sabe querer aceitar sempre e sempre a vontade de Deus”.

Um fato análogo aconteceu a um sacerdote, ao qual um dia lhe foi levado por uma pessoa um saquinho que lhe havia sido dado por um bruxo. O sacerdote, curioso, quis saber o que continha dentro. Quando aquela pessoa foi embora, enquanto procurava abri-lo, escapou daquele saquinho um pó que lhe foi direto contra o rosto e que certamente aspirou, ao menos em parte. Quando, pouco depois, foi celebrar a santa missa, no momento da consagração eucarística, sentiu ecoar

com força incrível em sua mente as maiores blasfêmias: um fato que nunca lhe havia acontecido antes disso! Desde aquele dia, todas as vezes que celebra a santa missa, quando chega o momento da consagração eucarística, contra a sua vontade repete-se sempre o mesmo fenômeno.

Uma jovem, à qual faltava um exame para laurear-se, não conseguia mais estudar porque assim que abria os livros imediatamente a sua mente era ocupada por imagens de um romance açucarado que havia lido alguns anos antes, incrivelmente vivas, coloridas e intensas, que lhe apareciam como cartões animados. Nunca lhe havia acontecido coisa semelhante. Não obstante todos os seus esforços, não conseguia desbloquear-se. Os genitores, ignorando o que se passava, não conseguiam compreender o que estava acontecendo com a filha. Bastou que o exorcista orasse *mentalmente* dizendo: "Em nome de Jesus eu despedaço todo vínculo maléfico presente em ti o romance açucarado... e com os dois protagonistas do romance açucarado N. e N.", que a moça se sentiu imediatamente como que aliviada de um peso e, quando voltou para casa, conseguiu finalmente retomar os estudos e felizmente obter a láurea.

## A possessão demoníaca

A possessão demoníaca não é um desdobramento da personalidade, como acontece no caso de doença psíquica. Trata-se, ao invés, de uma espécie de "substituição temporária" da pessoa, durante a qual

entram. outras mais fracas. Durante a crise, estando bloqueada a vontade, a pessoa não é minimamente responsável por qualquer ação que realize.

Junto com estes, pode se manifestar toda uma ampla gama de fenômenos de gênero variado, que descreverei dentro de breve tempo.

A pessoa possessa quase sempre sofre vexações físicas, que no entanto provêm da ação do demônio no interior do corpo. A elas pode associar-se a obsessão, mas quem tem vexações ou obsessões demoníacas não é necessariamente também possesso.

## **O discernimento da possessão demoníaca**

A atenta observação das modalidades e das regras que condicionam a manifestação e as repetições de uma suspeita possessão demoníaca, permite descobrir se ela é realmente. Por esse motivo, quem se encontrou diante de vários casos de autêntica possessão demoníaca tem mais facilidade em determinar quais são as verdadeiras possessões e quais são as falsas. Eis por que à piedade, à ciência, à prudência e à integridade da vida de quem examina a pessoa sofredora é de grande importância que se acrescente também a experiência. O *Rituale Romanum*, na norma n. 2 do *Titulus XII De exorcizandis obsessis a demonio* (Sobre o exorcismo de pessoas com obsessões demoníacas), diz: "O exorcista deve aplicar-se a tirar muitos ensinamentos de autores experientes e da sua mesma experiência".

Como eu dizia na Introdução, existem três categorias de pessoas que na atualidade procuram um exorcista: uma primeira, constituída por aqueles

que estão convencidos de ser perseguidos ou estar possuídos pelo demônio, mas não o são nem estão; uma segunda, constituída por aqueles que voluntariamente ou inconscientemente simulam estar possuídos; uma terceira, constituída por aqueles que sofrem realmente fenômenos e distúrbios devidos a uma ação extraordinária do demônio. As primeiras atribuem diretamente ao espírito do mal tudo o que de negativo lhes aconteça: “As coisas vão mal? O culpado é o demônio! Certamente fizeram contra mim um despacho! Na família tudo vai mal? A culpa é do demônio. Sou atormentado por doença? O demônio é o culpado!” Diz com justeza o padre Amorth: “Existem pessoas que têm a mania de ser possuídas e andam à busca de todo exorcista, enquanto não encontram um que lhes diga: Sim, tu tens um demônio!” A esse respeito escreve o exorcista frei Benigno: “Às vezes, para convencer alguma pessoa que é propensa a pensar que está possessa ou vexada pelo Maligno [e não o está], digo mais ou menos assim: Escuta, não quero que tu reajas, agora, da mesma maneira como reagiu uma determinada pessoa que estava convencida de ter um câncer e que, quando o médico diagnosticou que não havia câncer nenhum, voltou para casa triste e angustiado. Pois bem, o teu não é absolutamente um caso de possessão ou de vexação. Alegra-te pelo que estou te dizendo e volta para a tua casa”.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Fra Benigno. *Dalla filosofia all'esorcismo. L'esperienza di un Esorcista "convertito" raccontata al Cardinale di Palermo*. Edizioni Rinascimento nello Spirito Santo, 2006, p. 121.

Nesta primeira categoria não existe uma simulação, mas só uma convicção errada, sem fenômenos e sem reações particulares. Considerando ao invés a segunda categoria, constituída por aqueles que simulam uma possessão, tais sujeitos que assim se comportam, voluntariamente, são pessoas que não têm a coragem de admitir as próprias incapacidades e as próprias fragilidades. Não querendo assumir a própria responsabilidade, dirigem-se ao exorcista fingindo as mesmas reações próprias de um possesso, esperando que o sacerdote se deixe enganar e atribua tais fenômenos a uma possessão demoníaca, que na realidade não existe nele. Tais pessoas não querem nem amadurecer nem crescer, porque sabem que, desmascaradas as suas fragilidades, devem esforçar-se por vencê-las e então descarregam sobre a presumida possessão a culpa pelos seus males. A vida é sacrifício para todos, empenho para consigo mesmos e para com os outros: se tais pessoas vivem mal, fazem viver mal também os outros, e então para serem deixados em paz por quem lhes está ao derredor, descarregam sobre o demônio as próprias responsabilidades, por questões de comodismo. Entre as falsas possessões adicionamos também aqueles que se fingem possessos voluntariamente porque, sofrendo carências de afeto, procuram dessa maneira chamar a atenção e a compaixão sobre a sua pessoa para assim suprir a existencial falta de afeto.

Colocamos também, sempre neste quadro de simulação, aqueles que agem assim involuntariamente, ou por somatização ou por sugestão. Em alguns sujeitos que leram ou ouviram falar destas coisas ou viram

cenas chocantes ou ouviram os urros de verdadeiras ou presumíveis pessoas possessoras, as somatizações ou as sugestões podem se manifestar em pseudopossessões.<sup>13</sup> As somatizações<sup>14</sup> são distúrbios mentais que provocam sintomas e mal-estar físicos reais, cuja gravidade e duração não podem ser imputadas a uma patologia objetiva. Trata-se de alterações da saúde, às vezes mais graves e às vezes menos graves cuja origem é psíquica e, a meu parecer, também moral e espiritual. Derivam efetivamente de experiências traumáticas não superadas, de frustrações ou de memórias dolorosas da infância ou da juventude, de carências afetivas ou de feridas da vida nunca curadas, de figuras maternas e paternas que faltaram, de violências sofridas ou procuradas, da insuficiência de maturidade psicológico-afetiva, da própria personalidade danificada e necessitada de ser reconstruída, de ódios, de ressentimentos e perdões não dados, de desordens no campo sexual, de pecados graves nunca confessados. Em todas estas situações, a influência do demônio, que pode aí ter estado presente, deve se considerar no plano da ação ordinária, pelo que não existe necessidade de exorcismo (exceto o caso em que se encontrassem os sinais típicos da autêntica ação extraordinária do demônio). Necessita, ao invés, de

---

<sup>13</sup> É a convicção delirante que uma pessoa tem de estar possuída por um outro ente que controla gestos, palavras e pensamentos. Pode ser chamado em causa um demônio ou um animal (Leland, E. – Robert, H. – Campbell, J. *Dizionario di psichiatria*. Edição italiana aos cuidados de Massimo Cuzzolaro e Giuseppe Zamba. Editore Astrolabio, Roma, 1979).

<sup>14</sup> Stekel define-a como linguagem orgânica da mente e com isso quer salientar a expressão orgânica dos processos mentais que se produzem também nos sonhos, definidos nestes casos como sonhos funcionais (E. Leland – H. Robert – J. Campbell, *Dizionario di psichiatria*, op. cit.).

uma profunda cura interior, que é o resultado não de uma série de exorcismos, mas de um autêntico caminho de oração, apresentando a Cristo Jesus todas as nossas feridas e tudo o que de negativo (sofrido ou cometido por nós) existiu na nossa vida passada, a fim de que ele, entrando com o seu amor e o seu perdão nestas áreas da nossa vida, as cure e os efeitos que permanecem no presente possam assim gradualmente desaparecer. Neste caminho, naturalmente, não pode ser descuidado o sacramento da Confissão [reconciliação] sem o qual não pode haver nunca verdadeira e profunda cura interior.

A um exorcista atento, sobretudo se teve de se enfrentar, no decurso do seu ministério, com verdadeiras possessões, é fácil reconhecer uma pseudopossessão por somatização, porque não se pode imitar facilmente o comportamento de um possesso. Este, de fato, fala perfeitamente línguas, do tempo presente ou do passado, que não conhece, diz coisas ou cita fatos que não pode saber de maneira alguma; dá mostras de uma força desproporcionada em relação ao próprio peso e à própria idade; mostra uma profunda aversão a tudo o que é sagrado, mesmo ignorando-lhe a presença escondida, ou manifesta outros fenômenos que não pertencem às possibilidades de uma pessoa, mas só àquelas de um ser não humano e das quais, depois, darei uma lista. De per si, como direi também mais adiante, não se deve excluir que também uma somatização pode ter sua origem em uma ação extraordinária do demônio, mas é necessário que exista uma série de indícios, que são os que já citei anteriormente ou outros, que

examinaremos extensamente em breve. Certamente a grande maioria das somatizações é de origem psíquica, psicológica, moral ou espiritual.

Um outro aspecto da simulação involuntária é o fenômeno da sugestão,<sup>15</sup> que, porém, o exorcista atento identifica facilmente, visto que ela nunca está associada às manifestações típicas do possesso. Quem é sugestionado pelo temor à possessão, simula aquelas que ele entende como reações de um possesso: em geral, no sugestionado, manifesta-se a aversão ao sagrado porque ele percebeu que diante de uma imagem sacra ou do mesmo exorcista tinha de se movimentar, de se agitar, agredir; a força que desprende do corpo é uma reação emotiva e nervosa; as línguas desconhecidas são, na realidade, uma linguagem inventada pela sua fantasia, porque não correspondem a qualquer língua que se fale atualmente no mundo ou que tenha sido falada no passado, e se é uma língua que hoje se fala no mundo ou que foi falada no passado, poderia ter sido por ele anteriormente aprendida. Quando, porém, estas manifestações se associam a fenômenos que escapam absolutamente das capacidades daquela pessoa e não são reconduzíveis a expressões da sua personalidade, à sua cultura e à sua experiência, passada ou recente, e que, portanto, vão além das imagens, pulsões, sensações e recordações nascidas da interação com a

---

<sup>15</sup> É o processo mediante o qual uma pessoa é influenciada a ponto de aceitar acriticamente uma idéia, uma opinião ou outro processo cognoscitivo (que se poderá depois traduzir também em comportamento). Alguns a individualizam na hétéro-sugestão, quando a fonte da idéia é algo exterior à pessoa; ou então, se a fonte é o mesmo sujeito, fala-se de auto-sugestão (E. Leland - H. Robert - J. Campbell, *Dizionario di psichiatria*, op. cit.).

realidade externa e que o inconsciente e o subconsciente podem reelaborar, então a hipótese da sugestão e/ou da simulação voluntária ou involuntária de possessão não se sustenta mais e a possessão pode tornar-se assaz evidente, porque a ação extraordinária do demônio se torna uma certeza moral. Veremos disso alguns exemplos na lista que estou para oferecer. Uma destas manifestações do demônio é exatamente “assim como a Bíblia, de maneira particular o Novo Testamento, o revela: uma personalidade dinâmica, cheia de ódio implacável e dotada de uma vontade decidida a destruir a pessoa que possui, um adversário cheio de astúcia e de engano, que sabe muito bem o que está em condições de fazer e os seus limites. Quando ao invés existe uma falsa possessão, manifestam-se idéias e conceitos populares que reproduzem aquilo que a mesma pessoa imagina ser o demônio”.<sup>16</sup> Todavia, ao mesmo tempo, o exorcista deve ser muito sagaz porque, quando existe uma verdadeira possessão, o próprio demônio, pela sua própria inteligência, a fim de despistar – sobretudo na fase delicadíssima do discernimento – pode realizar o truque de manifestar comportamentos grotescos e expressões ridículas de maneira a levar a pensar em uma doença mental.

Um outro critério importante, para estabelecer a distinção entre a possessão e uma doença psíquica, é que a pessoa possesa alterna momentos de crise e períodos de calma,<sup>17</sup> nos quais se torna quase tranqüila

---

<sup>16</sup> Cf. Nanni, G. *Il dito di Dio e il potere di Satana. L'esorcismo*. Libreria Editrice Vaticana. Città del Vaticano, 2004, pp. 272-273.

<sup>17</sup> Mesmo sendo a possessão, como foi dito anteriormente, estável.

e normal, conseguindo desenvolver as suas atividades sem excessivas dificuldades, a ponto que, quem a encontra, não suspeita absolutamente do mal que a aflige. Assim não acontece quando se trata de doença psíquica que, ao invés, é constante.

Um posterior critério de discernimento é o seguinte: uma pessoa possessa, de dia ou de noite, pode apresentar momentos de crise, durante os quais o demônio pode dar abertamente sinal da sua presença. Todavia, quando existe uma possessão real, ele é constrangido a manifestar-se também mesmo que não queira, obrigado pelo exorcismo ou pela oração, ou, às vezes, até mesmo pela simples presença de uma pessoa que viva em profunda comunhão com Deus. Por este motivo, como veremos mais adiante, diante de uma fundada suspeita, o exorcista pode proceder como está implicitamente permitido pelo novo rito<sup>18</sup> a um exorcismo na única forma “invocativa” que tem função, além de libertação, também de exploração e de diagnose. Exatamente porque o exorcismo – e só o exorcismo – pode verificar se os fenômenos “de suspeita” escondem uma causa maléfica ou não, os primeiros exorcismos têm importância diagnóstica mais que curativa.

---

<sup>18</sup> No n. 16 dos *Praenotanda* (Premissas Gerais) do novo rito dos exorcismos *De exorcismis et supplicationibus quibusdam*, se diz que “o exorcista não proceda à celebração do exorcismo na forma imperativa se não for moralmente certo que a pessoa a ser exorcizada está verdadeiramente possuída pelo demônio”. De maneira implícita, portanto, não se proíbe o uso da forma invocativa do exorcismo, com objetivo de exploração e diagnose (sobre o significado de “forma imperativa” e “forma invocativa” do exorcismo, ver o parágrafo *O problema do uso da forma imperativa do exorcismo* adiante, no capítulo IV).

Existem aí, porém, duas situações em que as coisas se complicam. Em primeiro lugar, quando entra no sujeito uma real possessão, que vai agravar uma anterior fraqueza psicológica ou uma doença psíquica ou física em ato, pelo que se sofrem, ao mesmo tempo, reais males psicológicos, psíquicos ou físicos, junto com uma ação extraordinária do demônio, pelo que impõe-se recorrer tanto ao médico, quanto ao exorcista. Uma segunda situação particular se verifica quando uma doença física, psíquica ou determinadas tendências e comportamentos são produzidos por uma possessão: neste caso, como eu me referia precedentemente, também uma somatização poderia ser um aparente mal psicológico, por trás do qual o demônio tenta, na realidade, esconder a sua ação extraordinária.

A tal respeito, conheço vários casos de psiquiatras que haviam entupido de medicamentos os seus pacientes, quando eles não tinham disso nenhuma precisão: a cura aconteceu só quando começaram a receber exorcismos. E não se tratou, evidentemente, de um simples efeito psicológico, como se o exorcismo fosse um placebo, mas sim de uma autêntica libertação de uma ação extraordinária do Maligno.

Escreve o padre François Dermine, dominicano: "Se a doença pode existir regularmente fora de uma ação diabólica, continua sendo verdadeiro, no entanto, que esta última serve-se naturalmente dos estados mórbidos, sobretudo aqueles da mente, determinando-os ou a eles se ajuntando; além disso 'as descobertas científicas não oferecem nenhum argumento válido para negar a realidade do Maligno (...). Sem querer cair

em excessos, atualmente somos levados a considerar a possibilidade de uma influência maligna, tanto como fenômenos acrescentados, que agravam às vezes uma alteração psíquica em ato, quanto como causa de uma doença psíquica evidente, da qual é somente o efeito (...). Convém examinar a qualidade e a tonalidade dos sintomas. Muitas afecções neuropsíquicas apresentam sintomas análogos aos da infestação maligna. Alucinações internas e externas podem encontrar-se nos psicastênicos e nos histéricos; delírios, idéias impulsivas podem encontrar-se nos melancólicos e em muitas formas de depressão psíquica; podem também encontrar-se nos infestados' (palavras escritas pelo psicanalista Philippe Madre, no seu livro *Ma liberaci dal male* [Mas livrai-nos do mal]. REM, Roma, 1980, pp. 87-88). E se é verdade que todo o mundo jaz sob o poder do maligno (cf. 1Jo 3,8), então se deve pensar que nos encontramos diante de uma ação em pleno campo de atividade do demônio, que a influência maléfica é mais freqüente e difundida do que parece e não goza da devida atenção na gênese de certos males nossos. São Pio de Pietrelcina, como também o beato carmelita espanhol padre Francisco Palau,<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> A 24 de abril de 1988 João Paulo II beatificou o carmelita espanhol padre Francisco Palau, que nos últimos anos de vida instituiu um hospital no qual acolhia as pessoas portadoras de doenças mentais. Exorcizava-as todas sem distinção e sem que elas nem mesmo o soubessem: as pessoas que eram endemoninhadas curavam-se; aquelas que eram doentes continuavam doentes. Diante de fatos tão evidentes dirigiu-se duas vezes a Roma para informar o Santo Padre: em 1868 falou disso com Pio IX e em 1870 voltou lá na esperança de obter do Concílio Vaticano I o restabelecimento na Igreja do exorcistato como ministério permanente, mas aquele Concílio foi interrompido devido aos eventos históricos e não teve desenvolvimento nenhum, depois, a sua iniciativa.

sustentava, por exemplo, que muitos pacientes dos hospitais psiquiátricos na realidade não são doentes e sim vítimas de males preternaturais. Santa Teresa do Menino Jesus não hesitava em atribuir a doença que sofreu na infância ao espírito maligno: “A doença com a qual fui atingida vinha certamente do demônio. (...) Não sei descrever uma doença tão estranha: agora estou persuadida de que era obra do demônio, mas por muito tempo depois da minha cura acreditei ter ficado doente de caso pensado, e aquele foi um verdadeiro martírio para a minha alma” (*Opere complete*. Libreria Editrice Vaticana, Roma, 1997; aqui *Manuscrito A*, nn. 86 e 88)”.

A casuística histórica registra um vasto leque de fenômenos demoníacos extraordinários, que agora apresentarei. Convido, porém, o leitor a não se deixar cair no erro de pensar que devam manifestar-se todos juntos, no mesmo caso de possessão: eles têm apenas um valor indicativo, no sentido de que, quanto mais numerosos aparecerem tais sinais, sintomas ou manifestações em quem sofre uma crise de suspeita possessão demoníaca, tanto mais crescerá a certeza da ação diabólica.

### *1. Falar ou compreender línguas desconhecidas à pessoa*

Durante uma manifestação de possessão demoníaca pode acontecer que uma pessoa:

- fale perfeitamente línguas que nunca aprendeu – tanto modernas quanto antigas, fazendo discursos

coerentes e ordenados – e as compreenda, se outros as falam;<sup>20</sup>

- escreva de maneira automática e rápida várias coisas, em língua a ela desconhecida.

## 2. *Conhecimento de coisas ou fatos que a pessoa não pode saber*

Durante uma manifestação de possessão, o demônio, através da pessoa, pode:

- revelar alguma coisa de segredo ou um pecado escondido;
- chamar pelo nome uma pessoa desconhecida do possesso;
- dizer fatos escondidos ou esquecidos dos presentes, que a pessoa possessa não pode saber (na vida dos santos a origem deste fenômeno não é certamente diabólica, mas sobrenatural);
- narrar acontecimentos que estão se realizando à distância ou acontecimentos do passado (também este fenômeno pode ter uma origem sobrenatural ou diabólica);
- recitar trechos inteiros de livros nunca lidos nem ouvidos pela pessoa possessa;

---

<sup>20</sup> “Numerosos exorcistas fizeram a experiência de orações ou comandos exorcísticos feitos em língua diversa daquela da pessoa e não conhecida por ela, e ouviram responder exatamente naquela língua. O mais surpreendente é que as orações eram feitas só mentalmente” (G. Nanni, *Il dito di Dio e il potere di Satana. L'esorcismo*, p. 289).

- sustentar elevadas discussões teológicas, que a pessoa não está em condições de fazer, ou debater também sobre argumentos os mais disparatados. “Por exemplo, uma pessoa que tem escassos e superficiais conhecimentos religiosos começa a manifestar elevados pensamentos teológicos (quando existe uma esquizofrenia, manifesta-se somente aquilo que existe no subconsciente ou nas recordações que guarda na sua memória)”.<sup>21</sup>

Na minha experiência de exorcista, quando tenho um caso novo, depois de ter orado e ter feito orar por muitos dias ao Espírito Santo para que venha em ajuda ao meu discernimento, às vezes tenho apresentado objetos – tais como, por exemplo, crucifixos, tercinhos [rosários], medalhinhas, etc. – que pertenciam a alguém que certamente aquela pessoa jamais tinha visto nem conhecido. A mando meu, em nome de Jesus, para que me diga de quem eram, depois de uma relutância inicial a responder, tenho ouvido dizer exatamente o nome da pessoa à qual tais objetos pertenciam.<sup>22</sup> Recordo, por

<sup>21</sup> Cf. G. Nanni, *Il dito di Dio e il potere di Satana. L'esorcismo*, p. 272.

<sup>22</sup> O *Rituale Romanum* dá ao exorcista a faculdade de constringer o demônio a responder a respeito das perguntas úteis para a libertação da pessoa, tais como o seu nome, ou os nomes dos outros espíritos presentes, quando entrou ou quando entraram naquela pessoa, a causa da possessão e outras semelhantes questões (Caput 1. *De exorcizandis obsessis a demonio* n. 15). O *Rituale*, além do mais, dá ao exorcista faculdade de impor ao demônio que diga se entrou naquele corpo depois de magia ou por sinais maléficos, ou por coisas maleficiadas que o possuído comeu; e depois dá indicações: “se comeu alguma coisa maléfica, vomite-a; se ao invés se serviu de coisas externas à pessoa, diga onde estão e, depois de tê-las encontrado, queimem-se” (Caput 1. *De exorcizandis obsessis a demonio* n. 20). Com o comando da Igreja, feito em obediência à Igreja por parte do exorcista, o demônio é, por sua vez, constringido a obedecer e a dizer a verdade. Se, portanto, depois de

exemplo, que uma vez uma pessoa me emprestou, por um dia, uma luva do padre Pio, que eu guardei em um estojo. Era impossível saber o conteúdo visto de fora, mas assim que o tirei do bolso, o demônio, através daquela pessoa, urrou: “Essa luva não, essa luva não! Tira daí essa luva!” Qual não foi o espanto dos familiares, que nada sabiam do conteúdo daquele estojo, quando, abrindo-o diante deles, viram que era realmente uma luva de tecido, sem dedos, porque era uma daquelas que padre Pio empregava para cobrir os seus estigmas.

---

ter pedido anteriormente em uma oração prolongada ao Espírito Santo, pela mediação materna da Virgem Maria, que me ajude a entender se existe verdadeiramente necessidade de exorcismos para aquela pessoa, em nome de Jesus Cristo imponho ao demônio, do qual suspeito fortemente a presença, que me diga a quem pertence um objeto; esta ordem, naquele caso, e somente naquele caso, é mais que legítima, porque tem como finalidade última a libertação daquela pessoa do demônio, de cuja presença me devo definitivamente certificar. O sinal, que disso consegue, não será o demônio quem o dá, mas será o próprio Deus que, com o seu poder, constrangerá o demônio a dá-lo, para ajudar o exorcista no discernimento e para as finalidades da libertação daquela pessoa. É claro que o exorcista não deve fazer perguntas supérfluas por curiosidade (Caput 1. *De exorcizandis obsessis a demonio* n. 14); nesse caso, efetivamente, com extrema facilidade poderia cair nas armadilhas do demônio. Tanto mais deve guardar-se, no caso de malefício, de interrogar o demônio sobre o autor do mesmo malefício, porque abriria perigosamente as portas a toda espécie de suspeita e ao perigo de que, ao invés do perdão, se insinue o ressentimento da vítima ou até mesmo o desejo de vingança: nesse caso o demônio teria já obtido um grande sucesso, porque certamente a mesma libertação estaria prejudicada. O novo rito dos exorcismos, *De exorcismis et supplicationibus quibusdam*, não dá normas sobre o modo de interrogar o demônio, mas nem mesmo o proíbe, do momento que, em geral, com os cânones, o que não está regulamentado no novo entende-se que, implicitamente, remeta ao velho. Todavia, no n. 38 dos *Praenotanda* (Premissas Gerais) faz-se referência explicitamente ao interrogatório do demônio, quando se fala da redação de um *Directorio pastoral* no qual os exorcistas “possam dispor de uma série de documentos sobre o modo de agir, de se exprimir, de interrogar (o demônio) e de julgar, hauridos de autores de segura doutrina”.

Outras vezes, também, apresentei uma vela, sem dizer de que igreja ou santuário tinha sido levada. Mandeí ao demônio, em nome de Jesus, que me dissesse de onde provinha e ouvi responder-me com precisão a exata proveniência. Uma outra vez eu tinha, hermeticamente fechada num saquinho, uma relíquia, e sem nem dizer que fosse uma relíquia, ordenei ao demônio, em nome de Jesus, que me dissesse o que havia naquele saquinho que eu tinha na mão. O demônio já fazia algum tempo que estava procurando fazer que a mulher possuísse acreditasse estar louca e, em um primeiro momento, me respondeu: "Não te direi jamais, porque se o disser, ela não mais acreditará que está louca". Eu com decisão lhe ordenei de novo, em nome de Jesus, que me dissesse. O demônio continuava a gritar que não o diria jamais. Mas, pouco depois, começou a ceder e gritou: "É um osso". A essa resposta eu disse logo: "É verdade, é um osso, mas de quem é este osso?" Com grande esforço, como se precisasse superar uma repugnância invencível, respondeu: "santa" e calou-se. Então eu insisti, continuando a ordenar-lhe que prosseguísse e, um instante depois, eis que falou: "Gema, Gema!" E eu insisti ainda e perguntei: "Gema de quê?" E ele, já completamente vencido, exclamou: "Galgani, Galgani!". Eu e os meus colaboradores, cheios de alegria, louvamos ao Senhor e agradecemos a Santa Gema Galgani.

Uma outra vez aconteceu a mesma coisa com uma relíquia de santa Maria Goretti, depois do que o demônio exclamou: "É perfeitinha, certinha, a santinha. Ofendeu-me profundamente esta bastarda, tanto que

existem milhões que não são como ela, pra mim chega e vá em frente!" Um outro dia, sem dizer o que fosse, apresentei, durante um exorcismo, uma relíquia da Santa Cruz. Depois de uma primeira contrariedade em responder, o demônio disse, com evidente dificuldade, como quem está sem forças: "Deus em pessoa. Neste objeto 'encontra-se' Deus. O próprio Deus, tu o sabes, é graça, amor, poder, é a minha danação. Não posso mais falar dele, porque me mata. Nesta cruz existe amor, poder, perdão. Deus em si mesmo é amor por vós, vós seres humanos. O único que vos ama, não acrediteis em nenhum outro, não acrediteis em nós, não vos podemos amar, podemos só vos destruir. É ele que me obriga a dizer isto, eis por que estou assim sofrendo tanto".

Durante um outro exorcismo, tendo uma teca de alumínio fechada, na qual existia um fragmento da Santa Cruz, apresentei-a e perguntei que coisa é que estava dentro daquela teca que eu tinha em minhas mãos. O demônio respondeu: "É a cruz do teu Deus!" Uma vez sem lhe revelar a origem, no lugar da água benta, coloquei no aspersório água proveniente da fonte que Nossa Senhora fez brotar durante as aparições a Santa Bernadete em Lourdes, e logo o demônio disse com raiva: "Esta é lama do esgoto. É água que saiu daquele nojo e só lama pode ser". Ordenei-lhe em nome de Jesus que me dissesse claramente o que queria afirmar com essas palavras. Depois de um pouco de tempo, sempre mais enfurecido, respondeu: "Vem daquela gruta maldita de Lourdes".

Qualquer pessoa poderia dizer: "É telepatia! O demônio não tem nada a ver com isso!" Respondo

eu: Verdadeiramente não acredito na telepatia, simplesmente porque, se o demônio não pode ler os pensamentos da mente do homem, mas pode só procurar deduzi-los, não tem cabimento que o possa fazer um homem (a menos que não seja o próprio Deus quem lho revele). Só em duas situações o demônio pode conhecer diretamente o que uma pessoa está pensando: se Deus lho faz saber e se o exorcista pronuncia mentalmente as palavras do exorcismo. Neste último caso, porém, não se trata de telepatia porque o exorcista, mais que um pensamento, está ordenando, mesmo que só mentalmente, ao demônio, em nome de Jesus, que se vá embora. Se depois alguém ainda quisesse sustentar a hipótese da telepatia, então, pergunto-me, como se pode explicar este fato: “Para o discernimento, um exorcista, depois de ter muito orado e feito orar, apresenta uma relíquia ou um objeto que nem ele mesmo sabe a quem pertença, mas o sabe só quem lho deu. Pois bem: acontece que o demônio indica com precisão de quem é aquele objeto sagrado! O exorcista se procura certificar-se, sucessivamente, encontra plena confirmação daqueles que lho haviam emprestado”. Tudo isto acontece – e creio que Deus o permite exatamente por isto – tanto para ajudar o exorcista, quanto por compaixão nos confrontos de quem está atormentado pelo demônio, a fim de que não permaneça mais qualquer dúvida sobre a origem do seu sofrimento.

Se Deus permite, o demônio pode revelar segredos da consciência das pessoas, se estes segredos não foram já absolvidos mediante a confissão e o perdão.

Um exorcista recorda que o demônio através de uma mulher possessa se dirige a um homem não conhecido por aquela mulher e lhe diz: “Tu, durante a última guerra, mataste duas pessoas por interesses privados e não pediste nunca perdão por isso! Se não estás ainda em meu poder tu o deves à tua mãe que interpôs entre mim e ti um muro de orações”.

Um dos casos mais importantes, pela abundância das manifestações e pela claríssima evidência da intervenção diabólica, é aquele dos dois irmãos Burner de Illfurt, na Alsácia: Teobaldo, nascido a 21 de agosto de 1855, e José, nascido a 29 de abril de 1857, os quais do outono de 1864 ao outono de 1869, sofreram uma fortíssima possessão diabólica com uma série de fenômenos que todos puderam repetidamente observar e que foram cuidadosamente recolhidos e que indiretamente foram causa de um número notável de sérios propósitos de vida melhor e de conversões. Alguns dentre os numerosíssimos episódios acontecidos de conhecimento de fatos que o demônio manifestava através dos dois meninos, e que eles não podiam saber, são estes:

Um dia um habitante de Spechabac, aldeia próxima de Illfurt, foi visitar as duas crianças. Na metade do caminho ele passou próximo de uma cepa de videira de uva dulcíssima. A tentação era forte, e ele estava já para colher um cacho, quando resistiu e continuou o seu caminho. Mas qual não foi a sua admiração, chegando à casa dos Burner, ouvir a voz do demônio dizer-lhe através dos meninos: “Não é verdade que encontraste no caminho uva magnífica? Por que não a colheste? Era

tão doce!” Não raramente houve visitantes que, como atingidos por um raio, fugiram pálidos e tremendo quando Satanás lhes revelava imprevisivelmente algum seu terrível segredo ou algum pecado grave da sua vida passada que eles acreditavam já esquecidos, ou então desconhecidos.

Um dia o prefeito de uma cidade próxima de Estrasburgo, tendo ouvido falar muito a respeito dos dois meninos, decidiu ir visitá-los com um assessor e um grupo dos seus conselheiros comunais; tendo sido informados de que o demônio através daqueles meninos freqüentemente lançava em rosto dos visitantes os seus pecados, dirigiram-se todos para uma igreja para confessar-se e depois se dirigiram para Illfurt. Os meninos ignoravam inteiramente quem fossem essas pessoas, nem foram anteriormente avisados da sua chegada, mas assim que os viram, o demônio exclamou através de Teobaldo: “Eis o prefeito de... com o assessor e outros conselheiros, e todos com a consciência bem pouco tranqüila, porque foram à igreja para acertar suas vidas antes de virem aqui! Mas existe um deles que não está com a consciência regularizada, porque não disse ter roubado nabos”. A pessoa descoberta, confusa e contrariada, replicou: “Mas eu os restituí em dinheiro aos proprietários”. E o demônio logo afirmou secamente: “Eles não receberam o dinheiro!” Escutando estas palavras, todos os presentes compreenderam que era verdade o que havia sido dito e então o prefeito, assustado, exclamou: “Vamos embora, meus senhores! Só nos faltaria que estes dois censurassem alguma coisa também a mim!”

Um dia sem que os meninos soubessem a proveniência, o sacerdote enviou-lhes figos bentos. Eles os recusaram com horror, gritando: “Joguem fora estas cabeças de rato! O barretinho (referia-se ao sacerdote) envenenou-os com os seus benzimentos!” Se lhes fossem levados alimentos ou bebida em que anteriormente, sem que eles o soubessem, alguém tivesse deixado cair gotas de água benta, eles recusavam sistematicamente pegá-las e às vezes atiravam contra a parede o prato ou o copo que, porém, não se quebravam nunca: estas reações não se manifestavam se as gotas de água benta não tinham sido derramadas sobre os petiscos ou na bebida.

### *3. Força física ou peso anormal*

Durante uma manifestação de possessão demoníaca, a pessoa:

- pode desenvolver (mas não necessariamente) uma força física desproporcionada em relação ao peso ou à idade que tem (durante um exorcismo, um garoto de 11 anos fazia literalmente “voar” quatro homens robustos, que procuravam imobilizá-lo; uma garota de 14 anos, que pesava aproximadamente 40 quilos, durante a manifestação da possessão estava em condições de atirar pelos ares seis pessoas, empenhadas em mantê-la segura);
- pode transportar, de uma parte para outra, pesos que, para a idade e para a condição física, estão totalmente fora de suas possibilidades (durante a manifestação da possessão, pessoas adultas e crianças levantaram pesos que mais pessoas não teriam podido levantar;

verdadeiramente crianças possesas transportaram objetos pesadíssimos, que não poderiam de maneira alguma tirar do lugar. Um menino de 10 anos, durante um exorcismo, levantou uma mesa enorme e pesada: o exorcista, apertando-lhe os músculos do braço, constatou que nunca o poderia ter feito com as suas simples forças);

- pode assumir um peso enorme, como um bloco de mármore, tornando imóvel e voltando à normalidade só graças à oração e à bênção do sacerdote.

#### 4. *Aversão ao sagrado*

O novo rito dos exorcismos, referindo-se à aversão ao sagrado como um dos sinais da possível ação extraordinária do demônio, diz: “O Maligno é inimigo de Deus e de tudo o que coloca em contato os fiéis com o agir salvífico divino”, “pelo que é preciso prestar atenção também a outros sinais, sobretudo de ordem moral e espiritual, que revelam, sob forma diversa, a intervenção diabólica. Podem ser uma forte aversão a Deus, à santíssima pessoa de Jesus, à bem-aventurada Virgem Maria, aos santos, à Igreja, à palavra de Deus, às realidades sagradas, sobretudo aos sacramentos, às imagens sacras. É preciso prestar atenção à relação entre todos esses sinais com a fé e o empenho espiritual na vida cristã”.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> *De exorcismis et supplicationibus quibusdam. Praenotanda* (Premissas Gerais) n. 16 (a tradução para o italiano desse documento deve-se aos cuidados da CEI).

“O demônio, inimigo acérrimo de Deus e adversário confesso do homem, odeia tudo o que é sagrado ou que tem referência com a vida e com o progresso espiritual da pessoa humana, por isto os períodos de crise com mais facilidade surgem diante de tudo aquilo que traz repouso espiritual, como realizar uma prática de piedade, recitar uma oração, visitar um lugar sagrado, pegar objetos bentos, receber uma bênção, ouvir falar de coisas espirituais. Nos casos mais graves, os períodos de crise podem ser determinados também por aquelas ações que comportam um repouso puramente natural, como comer, beber, servir-se de um lazer lícito, um divertimento saudável, exprimir um desejo, etc.”.<sup>24</sup>

A aversão ao sagrado, que tem origem em uma possessão, pode-se manifestar de muitos modos diversos. Uma pessoa:

- pode ter repugnância pela oração, mesmo que tenha sempreorado;
- começa-se a orar, ou alguém ora por ela, também só mentalmente, pode emitir arrotos, tosse contínua, vômito;
- pode não conseguir ter um mínimo de atenção no seguir as orações ou as celebrações;
- pode ter uma repugnância invencível para com os lugares sagrados e, se consegue neles entrar, pode ter reações como bocejos irrefreáveis e acessos de sono, tosse irreprimível, arrotos, sensações de canseira,

---

<sup>24</sup> Cf. Balducci, C. *Gli indemoniati*. Editrice Coletti, Roma, 1959, p. 39.

- de náusea, de confusão mental, de desfalecimento; se aí existe uma celebração litúrgica, talvez não possa nem mesmo permanecer na igreja;
- aproximando-se do sobrenatural, pode ter pensamentos obscenos;
  - pode não chegar a orar, porque a boca se bloqueia: não pode pronunciar nem mesmo a primeira palavra de uma oração, como o *Pai-nosso*;
  - pode recusar, também com fúria, o convite a repetir ou a ler trechos da Sagrada Escritura;
  - pode sentir-se mal perto dos tabernáculos, nos santuários marianos ou nos lugares em que são conservadas as relíquias dos santos;
  - pode perceber como um peso insuportável a mão do sacerdote imposta sobre sua cabeça;
  - pode receber queimaduras no corpo depois do contato com o Crucifixo ou com outros objetos sacros;
  - pode não conseguir levantar-se do banco para ir receber a eucaristia e, se consegue fazer isso, a boca e os dentes talvez se tranquem, como paralisados;
  - se consegue receber a santa Comunhão, por vezes pode sentir um sabor muito desagradável e encontrar grande dificuldade no engoli-la e uma vez engolida pode sentir ânsias de vômito;
  - no domingo e nos dias do ano em que se comemoram festas litúrgicas importantes ele passa muito mal;

- pode ser sensível e ter repugnância por tudo o que é bento: água, alimentos, vestes, objetos sacros (imagens, terços, crucifixos, relíquias...), mesmo que a água, os alimentos ou as vestes, sejam dados sem que saiba que foram bentos (por exemplo: fazendo-os vestir vestes bentas, pode acontecer que, assim que as vestiu, as arranque de cima, não lhes suportando nem mesmo o contato; a água benta poderia ser logo cuspidada, sem se aperceber nem mesmo do porquê; se foi colocada uma medalhinha benta no travesseiro, pode acontecer que não queira mais usar aquela almofada). Note-se, porém, que também neste teste o demônio pode conseguir esconder-se: podem ser provas indicadoras, para isso, só no caso positivo. Se um sujeito é insensível a elas, não se pode absolutamente excluir a presença maléfica: o demônio faz de tudo, de fato, para não se deixar descobrir.

Narra o padre Amorth: “Uma mãe estava agoniada com as estranhezas que notava em um filho seu: em certos momentos se enfurecia com urros enlouquecedores, blasfemava e depois, quando se tornava calmo, não recordava nada de todo aquele seu comportamento. Não orava e não aceitava deixar-se benzer por um sacerdote. Um dia, enquanto o filho estava no trabalho e, como de costume, tinha saído vestindo seu macacão de mecânico, a mãe fez benzer as vestes com a correta oração do Ritual. Ao retornar do trabalho, o filho tirou o macacão sujo e se vestiu sem nada suspeitar. Depois de poucos segundos, tirou as vestes com fúria, quase que

rangando-as, e voltou a vestir o macacão do trabalho sem dizer nada. Nunca mais quis vestir aquelas roupas que tinham sido bentas, separando-as bem das outras do seu pequeno guarda-roupa, que não tinham sido bentas. Esse fato demonstrava posteriormente a necessidade de exorcismos sobre aquele jovem”.

A mãe de uma jovem de 19 anos, que notou fatos incomuns na filha, a ponto de suspeitar seriamente de uma presença maléfica, o padre Amorth aconselhou que lhe cozinhasse uma sopa com água benta. Provou e viu que todas as vezes que a colocava no prato diante da filha, a moça sem nem se aproximar da sopa dizia: Não gosto, e punha o prato de lado, sem nenhuma reação violenta. Se ao invés não usou água benta isso não acontecia;

- pode ter reações violentas que a tornam furiosa e agressiva, mesmo que se por própria natureza não o seja. De maneira particular, se a gente ora sobre ela e se a bênção, blasfema, quebra objetos, atira-se contra os presentes. Tudo isso pode acontecer também se existir alguém que esteja orando só mentalmente. Acontece freqüentemente, nestes casos, que a pessoa, voltando à calma, não recorde mais absolutamente nada do seu comportamento.

Uma família, bastante numerosa, estava à mesa e todos estavam comendo e conversando. O pai, fortemente desconfiado dos estranhos comportamentos do filho, começou a recitar mentalmente a *Ave Maria*. Não tinha chegado nem mesmo ao “cheia de graça”, quando esse filho se levantou imediatamente gritando: “Papai, deixa disso!”

Nas normas do *Titulus XII De exorcizandis obsessis a demonio* do *Rituale Romanum* deixa-se aberto o campo para a possibilidade de posteriores sinais, de fenômenos e de presenças demoníacas extraordinárias, quando se diz: “e outros fenômenos deste gênero que são mais numerosos e indicativos” (n. 3). Eis, a seguir, um longo elenco destes fenômenos e comportamentos, assim como sobressaem de uma experiência de séculos. Considere-se sempre que eles podem apresentar-se em uma pessoa possesa, no decurso de uma manifestação do Maligno, tanto durante o exorcismo quanto fora dele:

- a pessoa pode cair como que em uma espécie de sono profundo e sobre o seu rosto começa a aparecer a expressão da cólera; depois o rosto se congestiona violentamente, desfigura-se, deforma-se;
- os olhos podem aparecer flamejantes, ou então completamente fechados, sem o pisca-piscar dos cílios; ou então se fecham de maneira cerrada e, se se abrem (com grande esforço), vêem-se as pupilas completamente reviradas para cima ou para baixo, na cavidade orbital; estas manifestações podem também se verificar alternando-se uma para a outra;
- pode mudar o timbre da voz, que se deforma em taciturna, cavernosa ou baritonal, ou lúgubre, ou rouca; outras vezes, ao invés, torna-se estridente, metálica;
- com as mãos e com os dedos da pessoa pode fazer gestos e sinais típicos da bruxaria ou do satanismo, ou de grupos esotérico-ocultistas; ou então mostra

os punhos cerrados em sinal de desafio (quando é uma verdadeira possessão, é o demônio mesmo que faz estes gestos através da pessoa);

- se a crise acontece durante o exorcismo, o possesso insulta e tenta agredir em particular o exorcista;
- algumas vezes estas manifestações são acompanhadas por ânsias de vômito ou por espuma proveniente da boca;
- o possesso pode sofrer verdadeiramente modificações nas articulações do corpo com alongamentos momentâneos dos braços ou dos pés ou dos dedos ou das mãos, quase como se fossem de borracha;
- pode imitar os movimentos e o jeito de um animal, emitindo guinchos e uivos bestiais: por exemplo, relinchar ou então latir como um cão, uivar como um lobo nas noites de lua cheia; miar, mover-se e pular como um gato; grunhir como um porco; correr girando sobre quatro patas; pode assumir os movimentos e as expressões de um volátil (poderia ser o de um corvo, ou então mover o pescoço e cantar como um galo); pode arrastar-se e sibilar como uma serpente;
- pode vomitar objetos como agulhas, pregos, pedaços de correntes, seixos, cachos de cabelos, pedaços de vidro, de pano, carne, flores, cordas, anéis, brincos e outras coisas entre as mais variadas. Estes objetos são aqueles sobre os quais foi operado o malefício. Esses ordinariamente saem para fora vindos da boca, mas nem sempre provêm do estômago da

pessoa, assim se explica por que o possesso não sofre nunca danos físicos, mesmo quando, por exemplo, saem grandes pedaços de vidro, trata-se evidentemente de uma ação de transferência do objeto maleficiado no instante em que sai da boca; geralmente este fenômeno é sinal da progressiva libertação da pessoa, mas a libertação não está ligada necessariamente a estas manifestações;

- pode haver comportamentos estranhos, inexplicáveis, dos quais depois não recorda mais nada e dos quais não tem consciência enquanto os realiza. Por exemplo:
  - \* dança, movida por uma força que freqüentemente a constringe a fazê-lo de maneira frenética, até cair desfalecida (tal fenômeno é muito freqüente nos casos de autopossessão dos ritos mágico-espíritas da África e da América do Sul);
  - \* toca perfeitamente instrumentos musicais, sem nunca ter aprendido a usá-los ou canta perfeitamente segundo os cânones musicais, sem conhecê-los; o canto pode também ser associado à dança irrefreável.

Em 1920 uma mulher possuía pelo demônio, em certas horas do dia uma força misteriosa se apossava do seu corpo e ela, embora com relutância, dançava em um ritmo de tango durante horas e horas, até cair desfalecida; ao mesmo tempo cantava cantos, romances, trechos de ópera nunca por ela anteriormente ouvidos, tinha longas conferências em línguas estrangeiras, nunca aprendidas, com louca imaginação. A mulher recebeu exorcismos no convento de Santa Maria de

## Campagna em Piacenza do padre Pier Paolo Veronese a mando do Bispo Monsenhor Pellizzari.

- Toma as posições mais estranhas e assombrosas, como caminhar para trás sobre um muro ou até mesmo com os pés no teto e a cabeça para baixo;
- algum outro foi levantado do solo, suspenso no ar e depois depositado no chão; ou então transportado a grande altitude do lugar de onde foi elevado (no caso do êxtase autêntico o fenômeno da levitação é de origem sobrenatural).<sup>25</sup>

Na minha experiência de exorcista recordo que um dia o pároco me enviou a benzer uma casa. Aquela família tinha um garoto de 11 anos, que já tinha sido levado várias vezes a um exorcista. Enquanto eu estava benzendo a água, o garoto, sentado em uma poltrona e até

---

<sup>25</sup> A levitação consiste na elevação espontânea, do solo, na manutenção e deslocamento no ar do corpo humano, sem apoio nenhum e sem causa natural visível. Quando o fenômeno se realiza nos santos verifica-se enquanto eles estão em êxtase e, portanto, a origem, nesse caso, é sobrenatural, embora possa acontecer também por intervenção diabólica. A simples natureza não pode alterar as leis da gravidade, sempre fixas e constantes. Como regra, a levitação mística se verifica enquanto a pessoa está em êxtase. Se o corpo se eleva apenas um pouco, chama-se *êxtase ascensional*. Se se eleva a grande altura chama-se *êxtase extático*. Se começa a correr velozmente, rente ao solo, mas sem tocá-lo chama-se *marcha extática*. A explicação clássica dos autores católicos é aquela de Bento XIV, condensada nestas três conclusões: 1) A comprovada elevação no ar não se pode explicar naturalmente. 2) Não supera, todavia, as forças do anjo nem do demônio, os quais podem manter suspensos os corpos. 3) Nos santos, este fenômeno é uma participação antecipada do dom da agilidade, próprio dos corpos gloriosos. No caso das levitações de origem diabólica, o demônio, não podendo suspender as leis da gravidade, intervém com o concurso invisível das suas forças naturais. Assim se explicam, quando são diabólicos, também os deslocamentos e as elevações de objetos inanimados, o caminhar sobre as águas, os vãos e os deslocamentos rápidos, etc. (de pessoas possesas). Cf. A. Royo Marín, *Teologia della perfezione cristiana*, pp. 1120-1122.

um instante antes calmíssimo, começou a urrar, entrando pouco depois em um espécie de sono, enquanto em silêncio escorregou para o piso. Sem tocar o pavimento, levitando a cerca de quatro ou cinco centímetros do solo, aos olhos atônitos dos pais e dos avós, que nunca tinham visto uma coisa desse gênero, começou a silvar e a fazer os mesmos movimentos de uma serpente, movendo-se daquela maneira pelo quarto.

Em 1920 o então Bispo de Piacenza, Monsenhor Pellizzari, confiou ao padre Píer Paolo Veronesi o ministério do exorcismo para uma mulher, que já citei acima. Algum tempo antes que fosse submetida aos exorcismos, ela, além dos vários incômodos e de fenômenos desconcertantes, um dia tinha literalmente voado a cerca de meio metro da terra, atravessando os campos e subindo a colina em direção à igreja, próximo da qual estava se reunindo a seus familiares. Vendo-a chegar, os fiéis que estavam saindo da igreja, tomados de terror, começaram a gritar e a gesticular. Ao mesmo tempo galinhas, que ciscavam nos campos, fugiram esvoaçando e alguns cães presentes, assustados, começaram a latir. A mulher, continuando no seu vôo, chegou à praça da igreja; todos tomados pelo pânico abriram para ela um espaço e ela, sempre voando, com a cabeça baixa e em direção às pessoas, entrou pela porta semi-aberta da igreja e foi cair estendida exatamente diante do altar-mor, sobre o qual estava exposto o quadro de Santo Expedito. O pároco correu e, entendendo o que estava acontecendo, benzeu-a. A mulher voltou a si, levantou-se e durante diversos dias manteve-se muitíssimo bem.

Narra o sacerdote exorcista franciscano, frei Benigno: "Foi um dos casos mais graves que eu encontrei: o Maligno o fazia sofrer terrivelmente através de pancadas que deixavam sinais em seu corpo. Uma vez, transportou-o de noite para o cemitério e ele acordou sentado em cima de um túmulo. Imagine-se o medo de encontrar-se sozinho e fechado naquele lugar! Com esforço precisou escalar o muro do cemitério, provocando em seu corpo escoriações. O mesmo percurso, em sentido inverso, de fato, devido à maneira como são construídos os muros daquele cemitério, ele não poderia ter feito".<sup>26</sup>

Narra o padre Gabriele Amorth: "Um sacerdote exorcizava com a igreja fechada na África. Em um certo ponto a pessoa possessa se levantou da cadeira, levitando no alto lentamente, até tocar com a cabeça o teto da igreja. O pequeno grupo dos familiares e dos amigos presentes estava aterrorizado pelo pensamento do que poderia improvisamente cair e arrebentar-se. O sacerdote fez sinal de que se acalmassem, continuou tranqüilamente o exorcismo e lentamente a pessoa possessa desceu e foi sentar-se; depois acordou do transe, sem recordar nada".

### *Outros sinais indiciadores*

Outros sinais indicadores de uma possessão podem ser:

---

<sup>26</sup> Fra Benigno, *Dalla filosofia all'esorcismo. L'esperienza di un Esorcista "convertito" raccontata al Cardinale di Palermo*, pp. 110-111.

- aproximando-se o dia do encontro com o exorcista, possivelmente até no dia que o antecede, a pessoa apresenta-se muito mal ou então está inquieta, nervosa, mesmo que não tenha sido avisada a respeito do encontro;
- ela procura todas as desculpas possíveis para não se dirigir ao exorcista, com impedimentos de gênero variado, como mal-estar físico ou acontecimentos adversos; nestes casos, se não tem quem a obrigue, a pessoa não vai ao encontro (pode ser uma reação só psicológica, é verdade, mas poderia também se tratar de uma tentativa do demônio para subtrair-se aos exorcismos);
- também se a pessoa consegue, com grande esforço, dirigir-se ao exorcista, prova já desde a sua casa um mal-estar crescente, que chega ao auge quando, estando perto do exorcista, este começa a orar;
- às vezes o possesso tem sonhos e visões nos quais tem a ilusão de que Nosso Senhor ou Nossa Senhora ou qualquer santo o tenha libertado: assim evita ir ao encontro com o exorcista, até mesmo fazendo-lhe saber que já está libertado;
- às vezes o demônio finge ter saído do corpo e ter deixado de causar distúrbios, esperando assim que a sua vítima não vá mais ao exorcista.

Passo agora a elencar algumas disfunções físicas e males psíquicos e psicológicos que podem ser originados por uma ação extraordinária do demônio, em concomitância com os fenômenos acima descritos. Saliento fortemente que os males que estou para des-

crever, embora alguns sejam graves ou gravíssimos, se não estão ligados de qualquer maneira aos fenômenos acima descritos ou às causas que podem estar na origem de uma ação extraordinária do demônio, e que anteriormente elenquei, não é possível considerá-los de origem maléfica. Quando, porém, esta ação existe realmente, tais eventos poderiam manifestar-se e, como veremos, podem ser idênticos ou semelhantes aos que estão sendo curados pelos médicos ou psiquiatras.<sup>27</sup> Um indicio, que pode fazer suspeitar sobre a sua origem maléfica, é o seguinte: as pessoas que o sofrem não recebem nenhuma ajuda dos cuidados médicos, mas só das bênçãos e dos exorcismos, acompanhados por um caminho de oração:

---

<sup>27</sup> Existem possessões demoníacas nas quais o demônio não dá manifestações de si, a não ser produzindo doença física ou psíquica, enquanto os sintomas até aqui elencados emergem a seguir, ou seja, quando aquela pessoa que estava afligida por aqueles males físicos ou psíquicos se aproximou de Deus com uma vida cristã mais intensa e começou a receber bênçãos. O demônio, que nela se escondia, "torturado" por aquelas orações e bênçãos, foi assim constrangido a deixar cair a máscara e a manifestar-se abertamente. Todavia, se é verdade que o demônio pode provocar males idênticos àqueles que são curados pelos médicos ou pelos psiquiatras, é necessário ficar atentos, porém, e não cair no paradoxo de pensar que quem está afligido por aqueles males, em vez de ir ao médico, é melhor que vá ao exorcista. O bom senso sugere ir ao médico. É preciso, depois, considerar que existem males, tanto físicos quanto psíquicos, que a ciência não consegue ainda diagnosticar, mas que não têm origem em uma ação extraordinária do demônio; ou males físicos e psíquicos que a ciência, ao invés, chegou a diagnosticar com grande dificuldade e outras ainda que, mesmo diagnosticadas, não consegue curar. Não se pode afirmar, por isso, de maneira absoluta que, quando não se compreende a origem de um mal então se trata certamente de uma ação extraordinária do demônio. Ao invés, é sempre necessário encontrar a presença de sintomas, sinais, fenômenos e manifestações que podem levar a pensar em tal origem. Têm muita importância, como se dizia, as circunstâncias que seguem das quais tiveram início os fenômenos e as modalidades com que os fatos se verificam.

- indisposições e mal-estar fortíssimos, sobretudo na cabeça e no estômago, só em algumas horas específicas do dia ou em certos dias da semana, refratários a quaisquer medicamentos e sem nenhum alívio dos instrumentos clínicos;
- grande dificuldade em digerir o alimento, mesmo não tendo mal nenhum no estômago;
- não ter nenhum efeito ou até mesmo sofrer o efeito contrário de fármacos que normalmente curam qualquer doença: por exemplo, dores de cabeça ou no estômago refratárias a qualquer fármaco; ou então um calmante que excita ainda mais. Isto pode depender, certamente, também de causas naturais, pelas quais este fato sozinho não significa nada: se, porém, é associado a outros fenômenos, entre os quais precedentemente mencionados, e se vê que com uma bênção a pessoa começa a melhorar, poderia existir aí uma origem maléfica. É o caso, por exemplo, de uma pessoa que, não podendo dormir, depois de uma bênção volta a dormir normalmente;
- enfraquecimento progressivo do corpo, sem nenhum sinal clínico de doença fisiológica, psicológica ou psiquiátrica;
- ter momentos de cegueira, de surdez ou de mutismo; ou viver estados de imprevista inibição ou de confusão mental, mesmo sendo perfeitamente saudáveis;
- ter acontecimentos imprevistos, durante os quais, se alguém reza, mesmo que seja apenas men-

talmente, ou se um sacerdote dá bênçãos, a pessoa reage violentamente;

- ter paralisias temporárias, em determinadas horas do dia ou da noite ou em certos dias da semana; ou também paralisias permanentes (se se atenuam ou desaparecem graças a bênçãos e a orações de libertação, pode subsistir a fundada suspeita de uma causa maléfica, pelo que se pode intervir com o exorcismo);
- ter modificações das funções físicas fundamentais do corpo, que são ou aceleradas ou retardadas ou suspensas ou até mesmo modificadas: nutrição, crescimento, geração, digestão, secreção, circulação do sangue, respiração, assimilação, menstruações, fecundação, canal espermático como que amarrado, etc. (também neste caso pode-se suspeitar de uma presença maléfica só se esses problemas físicos estão ligados a circunstâncias iniciais e a modalidades particulares);
- ter uma sensação de sufocamento, porque a garganta incha ou então se estreita, como por estrangulamento (tal fenómeno pode acentuar-se particularmente se durante as bênçãos, as orações de libertação ou os exorcismos é apoiada a estola no pescoço ou na garganta da pessoa).

Ter:

- sensação de algo que se move na boca do estômago;
- sensação de um bocado na goela que sobe e que desce;

- dor de barriga;
- inchaço do ventre;
- pancadas no ventre;
- sensação de correntes geladas ou de fogo no ventre;
- o mal que, às vezes, se desloca para outras áreas do corpo, sem que os médicos lhe compreendam as causas e sem que se obtenha sucesso com os fármacos;
- crises de vômito freqüentes;
- partes do corpo que palpitam;
- sensações na cabeça e no corpo como se estivessem em chamas;
- sensação de imprevistas rajadas de frio ou de calor que atravessam o corpo ou então só os braços e os rins;
- tumores malignos, que os médicos diagnosticaram como irremediáveis e que, ao invés, desaparecem depois de bênçãos ou de orações de libertação;
- insônias tétricas com freqüentes pesadelos;
- vozes na mente, das quais às vezes se chega a perceber o sentido, e outras vezes não;
- um bloqueio do cérebro, que gera um estado de confusão, a tal ponto de não poder recordar nem mesmo a própria identidade nem o lugar em que se encontra;
- um imprevisto fechamento ao estudo: um jovem, inteligente e que nunca encontrou dificuldades

na escola, imprevistamente não consegue mais estudar porque não consegue mais concentrar-se;

- a impressão de se estar sendo visto, mesmo que sozinho em um lugar fechado;
- imprevistas sensações de terror sem qualquer motivo que as justifique;
- necessidade irrefreável de rir em situações muito ao contrário de alegres (pode ser um acesso nervoso ou uma reação psicológica; pode-se suspeitar de uma ação maléfica sempre segundo os critérios sugeridos precedentemente);
- a tendência a evitar as coisas agradáveis e a procurar as coisas tristes.

Finalmente, pode acontecer:

- sentir-se tocados por uma mão invisível;
- podem-se ver pessoas ou coisas que outros não vêem (pode tratar-se de sugestões, de desdobramentos de personalidade, de alucinações: também aqui existem fundadas suspeitas de ações maléficas se se verificarem as condições acima citadas).

Ou pode acontecer:

- de comer e dormir pouco;
- de comer e dormir muito;
- de sentir o cérebro (ou uma outra parte do corpo) como transpassado por espinhos, por agulhas, por pregos ou por lâminas (este fenômeno pode verificar-se também no caso de simples vexações).

Consciente da delicadeza extrema do assunto e para evitar os equívocos que facilmente poderiam gerar-se neste campo (considerando os fenômenos acima citados só sob o ponto de vista puramente humano, sem nem mesmo supor uma possível referência à possessão demoníaca) concluo repetindo, ainda uma vez mais, que tais fenômenos normalmente dependem de causas ordinárias; podem levar a suspeitar uma ação extraordinária do demônio só se associados a outros sintomas referidos no conjunto deste elenco e, em particular, se são reconduzíveis a certos fatos a partir dos quais começaram a manifestar-se. Citemos um exemplo: “Um rapaz – ao qual não agradam os filmes de terror nem está habituado a vê-los e que nem mesmo sofreu ou assistiu cenas de violência – sofre contínuos pesadelos no sono, sente dor de cabeça ou do estômago, coisas das quais nunca sofreu; não consegue mais estudar, repousar, nem comer. Certamente as perturbações que manifesta poderiam ser simplesmente o efeito de um choque emocional, ou seja, de um forte medo que tenha provado dentro de si mesmo, mas se em alguns momentos do dia e de maneira particular quando reza, revelasse sinais, sintomas ou fenômenos estranhos (durante os quais mostra conhecer fatos ou línguas que não pode saber, manifesta uma aversão para com o sagrado que nunca teve antes de então, a ponto de se tornar furioso, agressivo, e apresenta qualquer outro fenômeno entre aqueles acima elencados ou então entre aqueles listados anteriormente nos casos de vexações ou obsessões), então poderia tratar-se de

uma ação extraordinária do demônio. A suspeição se tornará tanto mais certeza moral, quanto mais numerosos se encontrarem os sinais, manifestações ou fenômenos particulares”.

### **O que deve fazer a pessoa que é submetida a uma ação extraordinária do demônio e o tempo necessário para a libertação**

Escreve o padre Gabriele Amorth: “Quem liberta é o Senhor, que age com divina liberdade, ainda que certamente tome em consideração as orações, especialmente se dirigidas com a intercessão da Igreja. Os frutos sensíveis são freqüentemente lentos e trabalhosos. Em compensação tornam-se evidentes os grandes frutos espirituais, que em parte ajudam a compreender por que o Senhor permite estas dolorosíssimas provações: a pessoa atingida volta a uma vida de constante e habitual oração, de graças e de abandono a Deus. Nem sempre isto acontece nos casos de breve duração. Os casos resolvidos em tempo breve talvez deram a oportunidade de um abandono total de toda prática religiosa, determinando depois uma mais grave recaída no mal”.

O tempo necessário para a libertação não é, portanto, previsível. Todavia existem elementos que concorrem para alongá-lo ou abreviá-lo:

- a gravidade do caso;
- o emprego de orações da própria pessoa, dos seus entes queridos, de todos os que a ajudam (um

obstáculo à libertação se verifica quando existe pouco empenho da parte da própria pessoa, porque ela espera que tudo seja feito pelo exorcista ou por aqueles que oram por ela);

- os planos que Deus tem sobre aquela pessoa, pelo que permitiu tal sofrimento;
- impedimentos escondidos, como situações irregulares a regularizar em relação ao matrimônio, ao trabalho, à gestão patrimonial, etc.;
- graves injustiças não reparadas;
- rancor contra Deus ou contra o próximo;
- falta de perdão dado verdadeiramente de coração;
- pecados graves nunca confessados ou não suficientemente reparados.

Acrescente-se, além de tudo mais, também o tempo que passou entre o fato e a descoberta: freqüentemente a verdadeira origem do mal é descoberta vários anos mais tarde; por isso a libertação sofrerá consistentes adiamentos. É necessário, pois, considerar a força inicial da possessão e do intervalo interposto entre ela e o exorcismo. Podem-se verificar casos em que basta um só exorcismo, mas são raríssimos. Isto acontece quando a intervenção maléfica é muito superficial ou então porque foi reconhecido logo, na sua fase inicial: não estando ainda enraizada a ação do demônio, este foi facilmente expulso. O mais das vezes, porém, deve-se atuar em situações prementes: é já um resultado

ótimo, nos casos muito enraizados, se uma pessoa chega à libertação depois de quatro ou cinco anos de exorcismos, recebendo deles um por semana. Nem todos, porém, chegam à libertação, mas sempre obtêm algum amparo: quando de fato existe uma verdadeira ação extraordinária do demônio, o exorcismo lhe alivia o peso, a intensidade e a opressão, permitindo à pessoa por ele atormentada sentir-se bem por vários dias ou por várias semanas, desenvolvendo normalmente – ou até mesmo com menos fadiga e dificuldade – as atividades quotidianas. Graças aos exorcismos muitas vidas humanas foram salvas da depressão, do desespero e do suicídio ao qual o Maligno queria conduzi-los! Ao contrário, quantos psiquiatras, não compreendendo que alguns dos seus pacientes teriam podido ser ajudados só por um exorcista, tiveram dolorosamente de constatar a falência dos seus cuidados, concluía muitas vezes com o suicídio dos seus pacientes.

## **Ação extraordinária do demônio e doenças.**

### **Distinção entre cura e libertação**

Jesus não atuou só sobre os endemoninhados, descuidando dos doentes, mas, sobretudo, atuou sobre o sofrimento em geral, qualquer que fosse a sua origem. Em alguns casos, nos quais a enfermidade era de origem maléfica, o demônio se manifestava só no momento em que era expulso pela sua presença, que até então não se tinha revelado: “Depois do pôr-do-sol, todos os que tinham enfermos de diversas moléstias lhos traziam. Impondo-lhes a mão os sarava. De muitos

saíam os demônios, aos gritos, dizendo: "Tu és o Filho de Deus!" (Lc 4,40-41). Lemos ainda no Evangelho: "Apresentaram-lhe um mudo, possuído do demônio. O demônio foi expulso, o mudo falou" (Mt 9,32-33); "Apresentaram-lhe, depois, um possesso cego e mudo. Jesus o curou de tal modo, que este falava e via" (Mt 12,22). Considerando estas últimas duas passagens evangélicas, parece que, entre ambos os casos, coexista um estado precedente de grave doença física. Pois bem, expulso o demônio, vem se descobrir que, na realidade, era ele a causa dos males físicos. Assim aparece com bastante evidência que o demônio às vezes consegue gerar doenças também sem, necessariamente, produzir os sinais típicos da possessão (conhecimento de línguas nunca aprendidas ou de coisas ocultas, força notável, aversão ao sagrado, etc.). Estas situações entram, como já vimos, naquelas ações extraordinárias do demônio que são as vexações.

"Estava Jesus ensinando na sinagoga em um sábado. Havia ali uma mulher que, havia dezoito anos, era possessa de um espírito que a detinha doente: andava curvada e não podia absolutamente erguer-se. Ao vê-la, Jesus a chamou e disse-lhe: 'Estás livre da tua doença'. Impôs-lhe as mãos e no mesmo instante ela se endireitou, glorificando a Deus... E disse Jesus: Esta filha de Abraão, que Satanás paralisava há dezoito anos, não devia ser livre desta prisão em dia de sábado?" (Lc 13,10-13.16). Neste segundo episódio entende-se com clareza que não se trata de uma adaptação expressiva de Jesus ou do evangelista, porque Jesus fala explicitamente da doença provocada por Satanás, e não por um instante

ou pela duração de uma sugestão”, mas por exatos dezoito anos. Antes que Jesus fosse indiretamente acusado de curar em dia de sábado, mesmo tendo implicitamente expulsado o demônio daquela mulher, não havia acenado para isso, dizendo simplesmente: “Mulher, estás livre da tua doença”, tratando portanto esta intervenção sobrenatural como uma cura qualquer. Só depois, argumentando a respeito das acusações dos adversários tornará conhecido que essa doença era causada por Satanás. Diversamente não o teria feito, assim como, provavelmente, em sabe-se lá quantas outras ocasiões.

Estes fatos nos revelam claramente que “podem existir doenças que são conseqüências da presença do demônio tanto que, tendo sido expulso o demônio, a pessoa retorna ao seu estado normal; quando a possessão diabólica [ou uma vexação] se instaura em uma pessoa ela pode exprimir-se também através de deficiências físicas ou psíquicas, como o mutismo, a surdez, a cegueira, graves formas de paralisia, a epilepsia, a loucura furiosa. Jesus, expulsando o demônio, cura o doente”.<sup>28</sup> Um outro episódio que isto nos revela é o seguinte: “E quando eles se reuniram ao povo, um homem aproximou-se deles e prostrou-se diante de Jesus, dizendo: ‘Senhor, tem piedade de meu filho, porque é lunático e sofre muito: ora cai no fogo, ora cai na água... Já o apresentei a teus discípulos, mas eles não o puderam curar’. Respondeu Jesus: ‘Raça incrédula e perversa, até quando estarei convosco? Até

---

<sup>28</sup> Cf. *Gesù in lotta col male*, in *La Civiltà Cattolica* 3448 (1994) p. 326; 320; 315.

quando hei de aturar-vos? Trazei-mo'. (...) Vendo Jesus que o povo afluía, intimou o espírito imundo e disse-lhe: 'Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: sai deste menino e não tornes a entrar nele',<sup>29</sup> (...) e o demônio saiu dele e o rapaz curou-se a partir daquele momento" (Mt 17,14-18). No Evangelho vemos, portanto, que às vezes as doenças curadas miraculosamente por Jesus estão ligadas a uma ação extraordinária do demônio, ao passo que em muitos outros casos têm uma origem natural.

Os evangelistas distinguem muito bem três categorias de sofredores:

- os verdadeiramente doentes que Jesus cura;
- os vexados e possessos que Jesus liberta expulsando o demônio;
- os que são ao mesmo tempo doentes e vexados ou possessos, que Jesus cura expulsando o demônio.<sup>30</sup>

"Pela tarde, apresentaram-lhe muitos possessos de demônios. Com uma palavra expulsou ele os espíritos

---

<sup>29</sup> O autor dá nesta nota só a indicação Mc 9,25, o que nos deixa sem saber direito o que queira dizer. A transcrição da passagem da cura do menino lunático (Mt 17,14-20) serve-se de: Mt 17,14-17 + Mc 9,25 + Mt 17,18. (Nota do tradutor).

<sup>30</sup> Compreende-se o motivo pelo qual, com muita sabedoria, o *Rituale Romanum*, na norma n. 3, como também no novo rito dos exorcismos, *De exorcismis et supplicationibus quibusdam*, no n. 14 dos *Praenotanda* (Premissas Gerais) convida o exorcista a prestar atenção, para não confundir a doença (sobretudo de natureza psíquica) com a possessão diabólica. Ao mesmo tempo, porém, o exorcista é colocado em guarda, para não se deixar enganar por truques do demônio que busca esconder-se por trás dos sintomas de uma doença natural. No Evangelho, de fato, temos vários casos de doenças aparentes, nos quais foi alcançada a cura só depois da expulsão do demônio.

e curou todos os enfermos” (Mt 8,16). “Ele curou muitos que estavam oprimidos de diversas doenças, e expulsou muitos demônios” (Mc 1,34). “[Os doze apóstolos] expeliram numerosos demônios, ungiam com óleo a muitos enfermos e os curavam” (Mc 6,13). “Estes milagres acompanharão os que crerem: expulsarão os demônios em meu nome, falarão novas línguas, manusearão serpentes e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal; imporão as mãos aos enfermos e eles ficarão curados” (Mc 16,17-18). “Pois os espíritos imundos de muitos possessos saíam, levantando grandes brados. Igualmente foram curados muitos paráliticos e coxos” (At 8,7). “De modo que lenços e outros panos que tinham tocado o seu corpo (de Paulo) eram levados aos enfermos, e afastavam-se deles as doenças e retiravam-se os espíritos malignos” (At 19,11-12).

Os exorcismos de Jesus distinguem-se, portanto, das curas. Quando Jesus expulsa os demônios, liberta do demônio os corpos das pessoas. Ora, essa libertação é considerada também uma cura física, não padecendo mais a pessoa aquele mal-estar com o qual estava oprimida, por causa da ação extraordinária do demônio. Por esse motivo algumas libertações do demônio são descritas no Evangelho também como curas: por exemplo, como já vimos anteriormente no caso de um mudo e de um cego e mudo endemoninhados.

Um outro episódio evangélico, no qual se define cura uma libertação do demônio, é o da cananéia: “‘Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim! Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio’.

(...) Disse-lhe, então, Jesus: 'Ó mulher, grande é a tua fé! Seja-te feito como desejas'. E na mesma hora sua filha ficou curada" (Mt 15,21.28).

Se se procura ler qualquer nota de comentário a alguns textos evangélicos, fica-se vivamente surpreendidos por certas expressões um tanto ambíguas: "Entre os hebreus tinha-se a convicção de que as doenças mentais fossem causadas por uma presença diabólica". Na prática, se contradiz tudo o que está escrito acima, no próprio Evangelho. Quem aceita de maneira não crítica estas "sugestões", acaba por receber um evangelho muito diferente daquele que nos foi transmitido pelos apóstolos. Segundo o que estes teólogos procuram sutilmente insinuar, a possessão não seria outra coisa senão uma forma particular expressiva – ou, no máximo, uma forma de credence – mediante a qual, 2000 atrás, os hebreus indicavam, na realidade, os normais doentes mentais. Esta afirmação, não apoiada por nenhum elemento a favor, por mais simplista que seja, nos nossos tempos encontra facilmente espaço e crédito. Adapta-se, de fato, muito bem àquela tendência, de caráter iluminista, racionalista e ateu, que tanto contagiou e manchou a teologia, sobretudo nos últimos quarenta anos, segundo a qual se queria, a todo custo, determinar uma origem natural a todos os fenômenos, excluindo *a priori* quaisquer referências ao preternatural ou ao sobrenatural.

Ela, porém, encontra um obstáculo insuperável nas próprias palavras de Jesus: "Ide dizer a essa raposa (Herodes): eis que expulso demônios e faço curas hoje e amanhã; e ao terceiro dia terminarei a minha vida.

É necessário, todavia, que eu caminhe hoje, amanhã e depois de amanhã, porque não é admissível que um profeta morra fora de Jerusalém” (Lc 13,32-33). Jesus é muito claro nas suas expressões e mostra entender e distinguir bem a diferença entre as curas físicas e a libertação do demônio. É um ensinamento de grande importância, que contrasta fortemente com a moderna tendência racionalista que se lança a avaliar tanto o preternatural, quanto o sobrenatural, simplesmente como aspectos “naturais” ainda não conhecidos, definidos como “paranormais”, cujas leis físicas, até hoje ainda não compreendidas, serão posteriormente reveladas em um futuro mais ou menos imediato.

Desta convicção nasceu a conhecida “parapsicologia”, que quer explicar tudo o que é incompreensível ou aparentemente misterioso, compreendidos aí os fenômenos preternaturais e sobrenaturais, com a ação negativa do inconsciente, com a “explosão” das forças profundas do inconsciente, com hipotéticos e absurdos dinamismos desconhecidos da psique. Chega-se ao ponto de explicar como distúrbios psíquicos – ou como fenômenos naturais ainda desconhecidos – tanto as possessões diabólicas, quanto todos os fenômenos místicos das vidas dos santos, compreendidas as suas lutas diretas com o demônio, até a evidente contradição de considerar como possíveis à mente humana coisas que na realidade lhe são e permanecerão absolutamente estranhas e impossíveis, sem uma intervenção ou do demônio (com os seus limites, como já vimos no primeiro capítulo deste livro, *Algumas premissas necessárias*) ou de Deus.

Estas idéias, que de maneira ingente têm manchado a nossa fé cristã, foram devastadoras, sobretudo nos lugares em que foram ensinadas desde os anos do Seminário aos futuros sacerdotes, porque provocaram, quase totalmente, a eliminação do ministério pastoral do exorcismo em várias dioceses do mundo deixando-o, de fato, quase como apanágio da Igreja evangélica ou de várias seitas. Ainda hoje, em algumas faculdades de teologia católicas, é ensinado por alguns que não existe nenhuma possessão diabólica e que os exorcismos são apenas uma recordação do passado da Igreja. Isto, porém, não corresponde de fato ao ensinamento de Cristo nem da Igreja do passado, nem da Igreja da atualidade, nem poderá sê-lo da Igreja do futuro, porque seria preciso chegar a refutar ou a “interpretar” as palavras de Jesus que, ao invés, se expressa com muita clareza, tanto em relação às curas quanto às libertações, forçando além do lícito a tradução das suas palavras e a semântica das suas expressões, até subverter-lhes o significado autêntico.

O Evangelho fala com bastante clareza de “demônio”, de “endemoninhados”, de “espíritos imundos” e cita fatos e milagres de libertação de endemoninhados, recordando a atitude e as palavras de Jesus, com expressões que não podem deixar dúvidas razoáveis sobre a entidade do mal curado e dos personagens a que se referem.<sup>31</sup> Seria portanto muito perigoso e temerário

---

<sup>31</sup> A libertação dos possessos, em todos os casos em que é narrada com alguns detalhes, é apresentada dentro de condições que a diferenciam nitidamente das curas dos doentes. Efetivamente o estado de possessão é atribuído ao demônio. Ele entra no possesso, aí reside, para aí volta.

dar a esses acontecimentos uma interpretação diversa ou contrária a respeito daquela que o texto sagrado entendeu. Entender que Jesus se tenha enganado, ou ao menos que se tenha adaptado à linguagem, à mentalidade e às crenças do tempo, chamando obra do demônio aquilo que era simplesmente efeito de histeria ou de perturbações psíquicas de origem natural, significaria duvidar da própria divindade de Jesus Cristo. Aquele que é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), veio para dar testemunho da Verdade (cf. Jo 18,37), não podia enganar os seus ouvintes, fazendo-os crer no falso como verdadeiro. Ele, que tinha vindo “para destruir as obras do demônio” (1Jo 3,8) e que confiava aos seus discípulos a tarefa de expulsar os demônios, não podia deixar dúvidas sobre uma verdade tão importante e fundamental.

Que o exorcismo seja um ministério não de uma época passada, mas de todas as épocas da Igreja – e o será até o retorno glorioso do Senhor – é o que está fora de dúvida. Recordei, na Introdução, as palavras dirigidas pelo papa Bento XVI aos exorcistas, a 14 de setembro de 2005, com as quais o Pontífice salientava a importância do seu ministério pastoral na Igreja, exortando os bispos a manterem-se próximos deles com o apoio e a solícita

---

Ao aproximar-se de Jesus, manifesta terror, prostra-se, suplica, declara conhecer as qualidades sobrenaturais de Jesus. Este lhe fala, o renega, lhe dá ordens e permissões, impõe o silêncio. Nenhum destes traços se encontra na maneira em que os doentes se comportam em relação a Jesus nem no modo empregado por Jesus para curá-los (Catherinet, F. M. *Les Demoniques dans l'Évangile*, in Aa.Vv. *Satan*. Paris, 1948, pp. 320-321, citado por Gozzelino, G. *Angeli e demoni. L'invisibile creato e la vicenda umana*. Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo [Mi] 2000, p. 36).

atenção e convidando a comunidade cristã a sustentá-los com a sua incessante oração. Nem todos, porém, sabem que também João Paulo II, de santa e venerável memória, falou explicitamente dos exorcismos, em várias circunstâncias. No curso da Audiência Geral do dia 13 de agosto de 1986, o Santo Padre, no tema *Gli angeli ribelli* [*Os anjos rebeldes*], recordou que: “não está excluído que em certos casos o espírito maligno se lance também a exercer a sua influência não só sobre as coisas materiais,<sup>32</sup> mas também sobre o corpo do homem, pelo que se fala de ‘possessões diabólicas’ (cf. Mc 5,2-9). Nem sempre é fácil discernir o que de preternatural acontece nestes casos, nem a Igreja condescende ou secunda facilmente a tendência a atribuir muitos fatos a intervenções diretas do demônio; mas em linha de princípio não se pode negar que, na sua vontade de fazer o mal e de conduzir ao mal, Satanás pode chegar a esta extrema manifestação da sua superioridade”.<sup>33</sup> Na Audiência sucessiva, de 20 de agosto de 1986, sobre o mesmo tema afirmava o papa: “Na vitória de Cristo sobre o diabo participa a Igreja: Cristo, de fato, deu aos seus discípulos o poder de expulsar os demônios (cf. Mt 10,1 e par.). A Igreja exerce tal poder vitorioso mediante a fé em Cristo e a oração (cf. Mc 9,29; Mt 17,19-20), que em casos específicos pode assumir a forma do

---

<sup>32</sup> Aqui o Santo Padre João Paulo II se referia às infestações demoníacas dos lugares, assunto que já examinamos anteriormente.

<sup>33</sup> Por “superioridade do diabo” o papa entendia a possibilidade da possessão diabólica do homem, superioridade relativa e não certamente absoluta, enquanto sabemos que o homem, com a graça de Deus, é mais forte que Satanás.

exorcismo". Além do mais, na Audiência de 3 de junho de 1998, dizia: "Iniciada no deserto, a luta com Satanás prolongou-se por toda a vida de Jesus. Uma sua típica atividade é exatamente aquela do exorcista, pelo que o povo proclama admirado: 'ele manda até nos espíritos imundos e lhe obedecem' (Mc 1,27)". O Santo Padre João Paulo II, não só se limitou a falar dos exorcismos, mas também os realizou.

Em uma carta enviada ao cardeal Stanislaw Dziwisz, durante tantos anos seu secretário pessoal, perguntei se era verdade que o Papa, no decurso do seu pontificado, tinha exercido o ministério dos exorcismos. A resposta do cardeal, datada de 19 de maio de 2006, confirmou-me que por duas vezes ele mesmo tinha sido testemunha dos exorcismos praticados por João Paulo II.

## **O meu modo de proceder para compreender se existe necessidade de exorcismo**

No meu ministério pastoral de exorcista, quando recebo pela primeira vez uma pessoa, passada através do "Centro de Escuta", faço referência, para um posterior discernimento, a diversos elementos. Acima de tudo tenho presente tudo o que me foi referido pelos colaboradores do "Centro de Escuta", mas baseio-me também no diálogo pessoal com o sujeito e no que se verifica nos momentos de oração, feitos junto com ele e com a equipe que me auxilia. Preliminarmente, eu e os meus colaboradores, o mais possível, procuramos sempre desdramatizar os eventos e tranquilizar as pessoas, empenhando-nos em criar em torno delas

um clima de grande serenidade e distensão, às vezes dando também algum toque brincalhão. Este modo de proceder é também muito útil para evitar involuntárias sugestões nas pessoas que se dirigem a mim. Depois disso, simplesmente convido aquela pessoa e os seus acompanhantes a orar junto comigo para pedir ao Senhor que nos ajude a compreender qual é a verdadeira causa do mal que a oprime e a faz sofrer e para assim compreender do que se tem verdadeiramente necessidade.

Este modo de agir é para mim de grande ajuda para o discernimento: enquanto a pessoa ora, de fato, e enquanto a equipe que me acompanha ora com discrição e em voz baixa, elevando a Deus hinos de louvor e de adoração, imponho simplesmente as mãos sobre sua cabeça e peço, em silêncio, que desça sobre ele a bênção de Deus. Depois convido todos a invocar o Espírito Santo (o *Veni creator*, Vinde Espírito Criador). Depois a elevar uma oração a Nossa Senhora, aos anjos, a recitar as ladainhas do Sangue de Jesus e dos Santos e a ler uma passagem do Evangelho. Depois, enquanto a pessoa (se está em condições de fazê-lo, mas nem sempre o está) continua a orar e a equipe retoma a oração de louvor e de adoração, eu, novamente em silêncio, peço ao Senhor discernimento e depois ordeno, repetidamente, ao demônio – sempre mentalmente – que vá embora, se estiver exercendo sobre aquela pessoa uma ação extraordinária. Frequentemente nos casos de possessão isto é suficiente para que o demônio seja constrangido a manifestar-se abertamente, com aqueles comportamentos e com aqueles fenômenos que

precedentemente descrevi. Ao invés, nos casos de real vexação ou de obsessão demoníaca, a menos que ela não esteja associada à possessão, não se patenteia uma manifestação aberta do demônio, pelo que o resultado desta oração não é imediatamente verificável, dado que a intensidade da vexação ou da obsessão diminui ou no dia mesmo ou depois de alguns dias. Quando estes sinais se manifestam de maneira evidente, são suficientes para se ter a certeza moral de uma ação extraordinária do demônio, razão pela qual se pode sucessivamente proceder ao exorcismo.

## **Um episódio**

Narro um meu testemunho, no qual se revela que, como não existem entre nós duas pessoas iguais, assim acontece também entre os anjos e entre os demônios. Santo Tomás de Aquino fala precisamente de “diferença específica” entre anjo e anjo e, conseqüentemente, entre demônio e demônio. O elemento mais importante e seguro é o seu grau de perfeição natural, que determina também a posição que cada um ocupa na hierarquia diabólica e à qual corresponde um grau diverso de inteligência e de força. Um grande truque no qual o demônio, com a sua inteligência, pode procurar fazer o exorcista cair, na fase do primeiro discernimento, é o de fingir orar. Sabendo que a aversão ao sagrado é um dos sinais que podem pôr a descoberto a sua ação extraordinária, os demônios mais fortes e inteligentes, para não se deixarem descobrir, procuram realizar um dos enganos mais dissimulados: o de levar a sua vítima

a dizer verbalmente orações, até belíssimas, mas falsas e vazias na interioridade.

Tive o caso de um rapaz cujos pais e o pároco me haviam mandado para verificar comportamentos e fatos extremamente inquietantes: narrava, de fato, com precisão acontecimentos negativos que não podia conhecer, porque aconteciam à distância e, de maneira especial, se comprazia e se divertia em narrar acontecimentos macabros. Aos genitores eu disse que não o informassem que o levariam a um exorcista. Tinha já havido o discernimento do sacerdote, pelo que não o fiz passar pelo “Centro de Escuta”. Tinha sido submetido também à visita de mais de um psicólogo e de um psiquiatra, que, porém, não tinham chegado a conclusão nenhuma. Quando o encontrei, falamos da sua família, da sua vida quotidiana, da escola, da sua paróquia. Fiz algumas menções espirituosas, depois lhe perguntei se desejava orar com os presentes, enquanto eu ia pedir a bênção de Deus sobre ele e sobre os seus genitores presentes. Respondeu que sim. Procedi então da maneira que descrevi anteriormente, mas parecia não emergir nada. Num certo momento, o rapaz se pôs a exprimir orações espontâneas: a maneira com que as dizia, porém, despertou em mim suspeitas, fazendo-me pensar em uma farsa, não dele, mas do demônio. Os próprios genitores percebiam que tudo o que estava dizendo não parecia vir dele. Então, enquanto me dirigia com a intenção da mente ao demônio, eventualmente presente, exclamei em voz audível duas vezes: “Os nossos lábios devem abrir-se à verdadeira oração e ao verdadeiro louvor a Deus Pai, Filho, Espírito Santo”.

Tinha apenas terminado de dizer pela segunda vez estas palavras, e o rapaz mudou imprevistamente de aspecto e uma voz gritou através dele: "Não, os lábios de... devem louvar a mim! Todos devem louvar a mim, porque eu sou o dono do mundo!" E manifestaram-se vários sinais, típicos da verdadeira possessão diabólica: primeiro de todos, o horror às imagens sacras e a tudo o que era bento, da parte de uma presença que revelava claramente no exprimir-se uma inteligência que não era aquela do rapaz, junto com uma manifestação de perfídia e de ódio indescritíveis e outras coisas desconcertantes que por reserva não posso mencionar. Mesmo que o tivessem mais vezes suspeitado, nunca, antes desse momento, os pais haviam tido a percepção assim tão viva e evidente da presença de "alguém" completamente diverso do filho. No fim da crise, que durou cerca de dez minutos, o rapaz não recordava nada de tudo o que aconteceu. Tudo isto não tem nada a ver com os delírios de fundo religioso ou demoníaco registrados em psiquiatria. O demônio havia procurado fazê-lo recitar aquelas pseudo-orações para me convencer de que não estava possesso.

# Capítulo 4

## O Exorcismo

---

### **O exorcismo, do Evangelho até hoje, na Igreja católica**

O exorcismo é uma atividade que Jesus desenvolveu freqüentemente nos três anos da sua vida pública. Ele, efetivamente, não só anunciou o reino de Deus, não só pregou a conversão do pecado, perdoadando os pecadores arrependidos e realizando curas de pessoas afetadas pelas mais diversas doenças, mas também freqüentemente “expulsou demônios”, isto é, libertou pessoas que estavam possuídas e atormentadas, fisicamente e psiquicamente, pelo demônio. A atividade exorcística é para Jesus uma missão de extrema importância porque, libertando as pessoas da escravidão de Satanás, demonstra ser o Senhor da vida, o Redentor e o Salvador dos homens, capaz de libertá-los de tudo o que os arruína e os destrói. A sua luta contra Satanás é conduzida com um estilo particular,

pelo que ele se afasta profundamente dos exorcistas do seu tempo, os quais realizavam práticas mais ou menos mágicas, valendo-se de formas encantadas e de ritos que Jesus não emprega nunca. Ele expulsa os demônios com a simples força da sua palavra, mandando-lhes que saiam, e eles são constrangidos a obedecer-lhe, sem poder opor a mínima resistência.<sup>1</sup> Não existia além do mais, nos exorcistas judeus contemporâneos de Jesus, traços de uma qualquer ligação entre a expulsão do demônio e a vinda do reino de Deus, ligação que ao invés é essencial em Jesus, para o qual a expulsão dos demônios é “sinal” de que o reino de Deus já está entre os homens e o seu amor salvífico está presente e atuante no mundo: “Se é pelo Espírito de Deus que expulso os demônios, então chegou para vós o Reino de Deus” (Mt 12,28).

Jesus não apenas expulsou ele mesmo os demônios, mas concedeu o mesmo poder também aos seus discípulos, primeiro constituindo o grupo dos doze apóstolos para que “estivessem com ele” e também, “para mandá-los a pregar” e para que tivessem “o poder de expulsar os demônios” (cf. Mc 3,14-15; 6,7.12-13);

---

<sup>1</sup> Há quem se admire de que os exorcistas não expulsem imediatamente o demônio com um só exorcismo, como fazia Jesus, e sustentam que esta é a prova de que não se trata de verdadeira possessão. Tais pessoas, evidentemente, mostram que não conhecem aquele episódio do Evangelho, no qual Jesus recorda aos apóstolos – incapazes no primeiro exorcismo de libertar do demônio um rapaz – a necessidade da oração e do jejum unidos naturalmente a uma sólida fé: “Esta espécie de demônio só se pode expulsar à força de oração e de jejum” (cf. Mt 17,20; Mc 9,29). Existem, portanto, situações nas quais um só exorcismo não basta para libertar uma pessoa: são necessários momentos de jejum e de oração, por períodos de tempo também prolongados.

depois estendendo este poder a todos os cristãos (Mc 16,15-18). Desde então a Igreja conserva esse poder e o exerce mediante a ordem dada no nome de Jesus, que lho confiou (cf. At 5,15; 8,7; 16,18; 19,12). "O exorcismo visa expulsar os demônios ou livrar da influência diabólica, e isto pela autoridade espiritual que Jesus confiou à sua Igreja" (*Catecismo da Igreja Católica* n. 1673). "Nos exorcismos maiores a Igreja, unida ao Espírito Santo, suplica ao mesmo Espírito que venha em socorro da nossa fraqueza para expulsar os demônios e impedi-los de fazer o mal aos fiéis. Confiando no sopro com o qual o Filho de Deus depois da Ressurreição deu o Espírito, a Igreja age nos exorcismos não em nome próprio, mas unicamente no nome de Deus ou do Cristo Senhor, ao qual todos os seres, diabo e demônios aí compreendidos, devem obedecer".<sup>2</sup>

Nos primeiros séculos do cristianismo, a prática dos exorcismos não estava reservada a uma categoria particular de pessoas ou de ministros do culto: todo fiel podia fazer exorcismos.<sup>3</sup> Se prestarmos atenção nos aperceberemos de que os mesmos doze apóstolos praticaram os exorcismos ainda antes de que fossem consagrados bispos da Igreja durante a última Ceia (Mc 3,14-15) e outros setenta e dois discípulos exorcizavam sob mandato de Cristo, sem nunca terem sido consagrados nem bispos, nem sacerdotes (Lc 10,17-20). Também o exorcista, que não fazia parte

---

<sup>2</sup> *De exorcismis et supplicationibus quibusdam, Praenotanda* (Premissas Gerais), n. 12 (tradução do latim para o italiano aos cuidados da CEI).

<sup>3</sup> Cf. Orígenes, *Contra Celso*, 1,6.

nem do grupo dos apóstolos nem dos setenta e dois discípulos, que exorcizava eficazmente no nome de Jesus, evidentemente acreditando nele como Filho de Deus, Messias, Redentor e Salvador (diferentemente dos exorcistas "ambulantes" dos quais se fala em Atos do Apóstolos 19,13-20, que usavam o nome de Jesus com mentalidade mágica, em vez de fazê-lo com fé), não havia recebido a ordenação sacerdotal de Jesus. E, no entanto, aos apóstolos que queriam impedi-lo de exorcizar, Jesus disse: "Não lho proibais; porque, o que não é contra vós, é a vosso favor" (Lc 9,50).

Desde os primeiros tempos do cristianismo era convicção difundida que quem crê em Jesus Cristo, como Filho de Deus e único Salvador e Redentor do mundo, pode expulsar os demônios com a sua graça. Para fazer isto, anotava Orígenes, não é necessário "ser sábio e versado nas demonstrações lógicas a respeito da fé".<sup>4</sup> Não obstante, tornava-se sempre mais evidente que quem se dedicava com maior empenho à oração e à penitência estava também mais adaptado a expulsar os demônios. Por isso, no início da história da Igreja, sobretudo na Igreja do Oriente, os exorcismos eram feitos não depois de ter recebido uma ordem sacra, mas por vocação pessoal, por boa vontade, por fortaleza de ânimo e por graça. Entre as grandes figuras de exorcistas que a Igreja nos recorda não podemos esquecer São Martinho de Tours, e depois os primeiros monges, como Santo Antão abade, Pacômio, Hilário. Gradualmente, porém, na Igreja do Ocidente a forte tendência, em parte devida à influência

---

<sup>4</sup> Cf. Orígenes, *Contra Celso*, 7,4.

do direito romano, que queria regulamentar tudo, levou já no fim do século II à constituição de uma classe à parte de “exorcistas”, embora todos pudessem pertencer a ela. Santo Irineu fala dela com admiração. Em Roma, no ano 251, o papa Cornélio, em uma carta dirigida a Fábio de Antioquia, é o primeiro a falar dos exorcistas como “tendo um ofício sagrado”.<sup>5</sup> Sucessivamente o Concílio de Laodicéia, no ano 364, prescreve que “aqueles que não são ordenados pelo bispo não podem exorcizar, tanto nas igrejas quanto nas casas”. Na prática, os exorcismos podiam ser feitos licitamente só pelos sacerdotes e por todos os sacerdotes, sem permissão do bispo. Pode-se considerar instituído definitivamente o ofício do exorcistato no ano 416, quando o papa Inocêncio I estabeleceu que os exorcismos podiam ser administrados pelos sacerdotes, mas só sob autorização do bispo. Esta é a disciplina ainda hoje vigente na Igreja católica, como lemos no *Código de Direito Canônico*, no cânon 1172 com a especificação de que o bispo pode dar a peculiar e expressa licença de exorcizar só aos sacerdotes;<sup>6</sup> tratando-se de uma instituição eclesiástica, são possíveis eventuais mudanças.

---

<sup>5</sup> O papa Cornélio, nessa carta, faz uma lista dos presbíteros, diáconos, subdiáconos, acólitos, exorcistas, leitores e ostiários de Roma. Encontramo-nos diante de uma Igreja já bem organizada como instituição mesmo que, provavelmente, o mérito dessa reforma deva ser atribuído ao predecessor do papa Cornélio, ou seja, o papa Fabiano (236-251). Em todo caso, estamos em um âmbito que não reflete mais de maneira imediata a natureza carismática do exorcista.

<sup>6</sup> Do *Código de Direito Canônico* [Edições Loyola, São Paulo, 15ª ed. 2002]: “Ninguém pode legitimamente fazer exorcismos em possessos, a não ser que tenha obtido licença peculiar e expressa do Ordinário local” (cânon 1172/1). “Essa licença seja concedida pelo Ordinário local somente a presbítero que se distinga pela piedade, ciência, prudência e integridade de vida” (cânon 1172/2).

Mas, além do ofício de exorcista, como era desenvolvido no passado e como é apresentado hoje pelo *Código de Direito Canônico*, vemos freqüentemente desde o início da história da Igreja, cristãos santos que mesmo não tendo recebido a ordem menor do exorcistato, mesmo não sendo nem sacerdotes nem bispos, mesmo não tendo entre as mãos nenhum ritual dos exorcismos, movidos pelo Espírito Santo mandaram com fé em Cristo e no seu Nome ao demônio, e ele obedeceu.

Todavia é preciso especificar que – como já vimos – se a Igreja bem cedo instituiu e regulamentou o ministério dos exorcismos, ela o fez por um motivo muito importante: o de subtrair os fiéis dos embrulhões e dos falsos carismáticos, que desde o início nunca faltaram. Além do mais, a instituição do ofício sagrado do exorcistato (que, como eu já disse, já está presente na Igreja desde o ano 251) não cancelou o poder concedido por Cristo a todos aqueles que nele crêem, de expulsar os demônios; e nem mesmo deve-se entender que o exorcismo seja a única maneira de poder libertar da ação extraordinária do demônio. Continuam sempre eficacíssimos, e freqüentemente suficientes, os meios comuns de graça: orações, sacramentos, penitências, obras de caridade. E continuam validíssimas as orações particulares de libertação; como também continua a plena liberdade do Espírito Santo de conceder dons e carismas a quem ele quer e quando quer: também o carisma de libertar dos demônios.

## O termo "obsessão" no *Rituale Romanum*, no *Código de Direito Canônico* e no novo rito dos exorcismos

No *Rituale Romanum* e no *Código de Direito Canônico* o termo "obsessão" indica aquilo que hoje chamamos de "possessão". O termo "possessão", usado hoje comumente para indicar o caso mais grave de ação diabólica extraordinária que é a tomada de posse do corpo de uma pessoa e o agir através dos seus membros, não era conhecido aos antigos teólogos. No *Rituale Romanum* usa-se o termo *obsessus* (obsesso), que em latim é palavra derivada do particípio passado de *obsideo*, que quer dizer "estar, manter ocupado, assediar, bloquear". Na linguagem da atualidade, porém, *obsesso* assumiu o significado de pensamentos ou sensações fixos, preocupantes (que, como já vimos, podem ser de natureza psíquica ou de origem maléfica), pelo que se mostrou sempre mais impróprio e inadequado indicar com esta palavra aquilo que é não uma simples perturbação mais ou menos acentuada, mas um domínio despótico exercido pelo demônio sobre um determinado indivíduo, uma verdadeira ocupação, uma tomada de posse. Enquanto, porém, na linguagem dos teólogos e dos exorcistas a palavra *possessão* passou para a terminologia corrente, no *Rituale Romanum* e no *Código de Direito Canônico* não existe essa evolução terminológica, pelo que tanto a última edição do *Rituale Romanum* de 1952 quanto o novo *Código de Direito Canônico* de 25 de janeiro de 1983 (cf. cânion 1172), usam o termo "obsessão" para indicar aquilo que

é hoje concordemente considerado *possessão diabólica* (ou *demoníaca*).

A expressão “possessão” aparece pela primeira vez em um documento oficial da Santa Sé de 29 de setembro de 1985, emanado pela Congregação para a Doutrina da Fé, *Normae de exorcismis revocantur* (no parágrafo 3 encontramos a expressão *possessionem diabolicam*)<sup>7</sup> e sucessivamente na Apresentação do Rito *degli exorcismi e preghiere per circostanze particolari*, aprovado pela CEI em 25 de novembro de 2001. Permaneceu, ao invés, o termo “obsesso” para indicar aquela que é a “possessão” também no novo rito dos exorcismos *De exorcismis et supplicationibus quibusdam* promulgado a 1º de outubro de 1998 pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos e rerepresentado em 2ª edição em 2004. As coisas, porém, se complicam novamente, quando se vê que neste ritual, escrito em latim, também o termo “vexado”, usado freqüentemente nos *Praenotanda*, é atribuído o mesmo significado de “obsesso” entendido no sentido hodierno de *possessão demoníaca*.

Efetivamente aquilo que sofre o obsesso por causa da ação do demônio é certamente também uma forma de vexação, porém, como já vimos no parágrafo sobre as vexações, e no parágrafo sobre as possessões, nem todos aqueles que estão submetidos a

---

<sup>7</sup> Isto é ainda mais significativo se se pensar que neste texto refere-se ao parágrafo 1 (no *Enchiridion Vaticanum* é também o parágrafo 1664) do cânon 1172 e, portanto, também a palavra “obsessos” (cf. *Enchiridion Vaticanum. Documenti Ufficiali della Santa Sede 29-09-1985*, n. 70 do Índice Geral, parágrafos 1663-1667).

vexações demoníacas sofrem necessariamente também a possessão. Parece-me poder assim explicar o motivo pelo qual, todas as vezes que está presente no novo rito dos exorcismos em latim o termo “vexação” ou “vexado”, a CEI no momento da tradução do mesmo rito para a língua italiana preferiu ao invés usar, exceto no n. 10 dos *Praenotanda* (Premissas Gerais), a expressão “fiel atormentado pelo Maligno” (e uma única vez a expressão “irmão atormentado pelo demônio”, n. 35 dos *Praenotanda* [Premissas Gerais]).

## O exorcismo pode ser feito em todos os casos de ação extraordinária do demônio

Segundo o *Catecismo da Igreja Católica* e segundo o novo rito dos exorcismos, através do exorcismo (solene)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Distinguímos entre “exorcismo simples” e “exorcismo solene”. Desde os primeiros tempos do cristianismo, o exorcismo desenvolveu-se em duas direções: ou para libertar os possessos fisicamente do demônio, e é aquele que a seguir, na linguagem da Igreja, tomou o nome de “exorcismo solene”, ou como parte integrante do batismo, e é aquele que a seguir, na liturgia da Igreja, tomou o nome de “exorcismo simples”. A esse era atribuído um grande valor porque se destacava como o catecúmeno, libertado do pecado original, era subtraído do poder de Satanás e incorporado a Cristo. Temos uma ressonância desta passagem nos votos batismais. O exorcismo no batismo pode ser feito por todos os sacerdotes e é aquele contido no *Rito do Batismo* e nos textos litúrgicos referentes aos catecúmenos que se preparam para o Batismo. O “exorcismo solene”, chamado também “grande exorcismo” ou “exorcismo maior”, pode ser feito só por um bispo na sua diocese ou por um sacerdote com a permissão do bispo e é aquele que a Igreja traz no *Rituale Romanum* de 1614 com o título *De exorcizandis obsessis a demonio*, cuja última edição é de 1952, e no novo rito dos exorcismos, publicado em segunda edição em 2004 pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos com o título: *De exorcismis et supplicationibus quibusdam*, traduzido para o italiano pela CEI com o título *Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari* [Rito dos exorcismos e orações para circunstâncias particulares].

a Igreja ou expulsa do possesso os demônios ou liberta as pessoas ou as coisas da influência diabólica (que pode ser definida também como “influência demoníaca” ou “influência maléfica”). Portanto, onde se encontre uma ação extraordinária do Maligno pode-se sempre intervir com o exorcismo. O *Catecismo da Igreja Católica* efetivamente diz: “O exorcismo visa a expulsar os demônios ou livrar da influência demoníaca, e isto pela autoridade espiritual que Jesus confiou à sua Igreja” (CIC n. 1673). Quando se diz “visa expulsar os demônios” nos referimos às possessões; quando se diz “ou livrar da influência demoníaca” faz-se referência às infestações, vexações ou obsessões.

### **O problema do uso da forma imperativa do exorcismo**

O exorcismo tem uma forma invocativa e uma forma imperativa. Na invocativa (cf. *Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari* [Rito dos exorcismos e orações para circunstâncias particulares] nn. 61.81.83, Apêndice I, n. 9), dirigimo-nos a Deus para que ele intervenha, com o seu poder, para a libertação de uma pessoa. Na forma imperativa (cf. nn. 62.82.84, Apêndice I, n. 10), manda-se ao ou aos demônios, em nome de Jesus Cristo, que saia ou saiam de uma pessoa possessa ou que desistam de fazer sentir a sua influência maléfica em um lugar, em um objeto ou em uma pessoa.

O exorcismo em forma imperativa é autoritário, isto é, em forma de comando e não de oração. E o demônio mostra perceber toda a força deste comando, ao qual

não pode subtrair-se ou contra ele revoltar-se. Mesmo que o exorcismo no início não tenha alcançado o efeito esperado, serve, todavia, para restringir sempre mais o campo de ação e de movimento do demônio.

De acordo com as normas do novo rito, o exorcismo na forma imperativa pode ser usado somente nos casos em que se tem certeza de uma possessão: "O exorcista não proceda à celebração do exorcismo na forma imperativa se não está moralmente certo de que a pessoa a exorcizar está verdadeiramente possessa pelo demônio".<sup>9</sup> À luz desta norma pode-se dizer que o exorcismo na forma "imperativa" pode ser usado somente quando se está certo da possessão. A forma "invocativa", ao invés, pode ser empregada também se não se tem a certeza de se encontrar diante de uma possessão. Nestes casos o exorcismo tem uma função, mais que de libertação, de *exploração* e de *diagnose*, do momento que a possessão freqüentemente se manifesta com clareza só durante o exorcismo.

Em muitos casos, como se dizia, os indícios observáveis no sujeito durante as repetidas orações de libertação são o teste decisivo para discernir se são necessários os exorcismos (se não se manifestarem particulares reações durante aquelas orações de libertação em geral não se encontrarão particulares reações nem mesmo no curso dos exorcismos). É também verdade, por outra parte, que em certos casos apenas por meio do exorcismo nos apercebemos realmente se certas

---

<sup>9</sup> *De exorcismis et supplicationibus quibusdam. Praenotanda* (Premissas Gerais), n. 16 (tradução do latim para o italiano aos cuidados da CEI).

manifestações são, ou não, de origem maléfica. A respeito deste problema, já há alguns anos passados o padre Gabriele Amorth escrevia em um livro seu: "Podem ocorrer manifestações diante das quais ficamos perplexos. Também porque, e são os casos mais difíceis, talvez nos encontremos diante de sujeitos que têm ao mesmo tempo males psíquicos e influências maléficas e, uma vez que se chegou a certificar-se disto, será preciso intervir tanto com o trabalho do psiquiatra quanto com o do exorcista. Exatamente por este objetivo diagnóstico, não me apresso a proceder aos exorcismos, e nunca me arrependi de assim ter procedido: basta-me que haja suficientes motivos de suspeita. Na maioria dos casos basta-me um só exorcismo para excluir que se trata de um mal de origem maléfica. Também para os exorcistas é de grandíssima importância a prática; quem tem mais prática faz antes o reconhecimento dos sintomas que são significativos e dos que não o são, tendo também em consideração que o demônio, se ali está, faz de tudo para não ser descoberto. Um pouco como acontece aos médicos que, para usar a linguagem corrente, adquirem o olho clínico.

Nunca me aconteceu ter feito exorcismos não necessários, nunca causaram danos, ao passo que às vezes me arrependi de ter demorado. Não se pode dizer as mesmas coisas das curas psiquiátricas com as quais muitas vezes os doentes são entupidos de medicamentos com o único resultado de intoxicá-los e de estonteá-los. O psiquiatra, dando medicamentos, engana-se, causa danos ao doente; se nós oramos sobre a pessoa, este risco não existe. Um dos máximos

expoentes da psiquiatria, professor de cátedra universitária em Roma, me confiava que quando cura os doentes, 70% do seu trabalho deve empregá-lo para remediar os cuidados errados de outros psiquiatras”.

Há quem conteste a falta de risco afirmada pelo padre Gabriele no emprego do exorcismo e sustente que, pelo valor potencialmente mórbido e sugestivo de que isso se revestiria, os psicóticos, os depressivos e, sobretudo, os histéricos, disso receberiam um grave dano, aumentando os seus delírios. Acima de tudo, não deve ser esquecido, como já disse anteriormente, que não se pode excluir de maneira absoluta que também um doente psíquico pode sofrer uma ação extraordinária do demônio, ou como fenômeno acrescentado, que agrava a alteração psíquica em andamento, ou como causa da mesma doença psíquica, que disso é o efeito”.<sup>10</sup> Deve-se depois ter presente, como diz o padre René Chenesseau, que “os exorcistas parecem ter certa semelhança, em um certo sentido, com os cirurgiões. Antes de fazer a operação o cirurgião interroga-se: ‘É apendicite ou não? É um câncer?’ Algumas vezes o cirurgião fica na dúvida, os sinais clínicos não são seguros. Depois de todos os exames, não podendo resolver a dúvida, o cirurgião opera. Por vezes descobre que não era apendicite. Todavia ele tomou a sério o seu dever de operar. E para

---

<sup>10</sup> “O exorcista é chamado a dar um juízo moral certo, sobre a eventual possessão diabólica. Ela pode ser só um caso de falsa possessão, mas pode tratar-se também, e o caso não é de menor frequência, de uma patologia que é acompanhada de possessão, ou então de verdadeiras patologias cujo agente desencadeador é a entidade espiritual diabólica” (Nanni, G. *Il dito di Dio e il potere di Satana. L'esorcismo*. Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano, 2004, p. 249).

ele tratava-se de um importante dever, não obstante a sua dúvida! Outras vezes ele descobre o inverso: aquele câncer é muito mais grave que tudo o que os sintomas médicos indicavam! E ele se censura por ter esperado tanto para operá-lo. Teria sido necessário operar a mais tempo. O cirurgião tem plena consciência do ensino que recebeu e da experiência. Uma vez que ele procedeu à operação cirúrgica, ele constata de modo certo o que lhe indicavam os sinais. O *Rituale Romanum*, na norma n. 2, convida o exorcista a fazer a mesma coisa. Se o exorcista aguarda uma certeza para agir não agirá nunca. Se ele intervém, pode ser que descubra que se enganou, que não existia ali nenhuma ação diabólica. Isto lhe serve como luz, para ele mesmo, e lhe permite tranquilizar com certeza a pessoa dizendo-lhe: 'Não existe nenhuma clara influência diabólica'. Se, ao contrário, descobre que havia uma influência diabólica 'específica', também isto lhe serve de luz para compreender melhor os sinais. Quando existe uma possessão real, pode ser tão grave quanto um câncer, razão pela qual o exorcista que manda embora o povo com alguma boa palavra e não intervém só porque não tinha a certeza para atuar, esse exorcista assume para si uma enorme responsabilidade diante dos tremendos sofrimentos dos quais teria podido subtrair aquela pessoa e não o fez. Acontece-me freqüentemente advertir as pessoas: 'Parece-me que no teu caso não existe nenhuma influência do Maligno, todavia, vou orar por ti para te poder falar com certeza'. Faço uma longa oração de libertação e, como faz o cirurgião, vejo se devo atuar ou não. Se 'atuo', o critério para mim mais certo para compreender se uma

pessoa estava verdadeiramente submetida a uma ação extraordinária do demônio, não são tanto os posteriores sinais que vejo durante o exorcismo, mas, sobretudo, a mudança no estado físico, moral e espiritual depois do exorcismo".<sup>11</sup>

A experiência dos exorcistas demonstra que, se é verdade que às vezes alguns, ao ver um exorcista, se revoltam, urram, tornam-se violentos (poderia também tratar-se de casos de sugestão e de simulação, pelo que o exorcista avaliará com atenção estas reações) e se é verdade que alguns reagem logo a um aceno à oração ou ao gesto de colocar a mão na cabeça (e também neste caso o exorcista procurará compreender a verdadeira origem destas reações), é também verdade que existem casos em que "o demônio procura esconder-se, mimetizando-se sob a forma de males físicos ou psíquicos, procura não manifestar nenhuma reação. Mas por fim deve ceder; não pode resistir às orações e ao exorcismo, freqüentemente, antes até de o caso ser confiado a um exorcista, não pode resistir à oração dos familiares, dos sacerdotes, às bênçãos com água benta. É constrangido a manifestar a sua presença".<sup>12</sup> E esta presença se torna evidente particularmente quando manifesta a fenomenologia típica de uma autêntica possessão que anteriormente examinamos.

---

<sup>11</sup> Padre René Chenesseau, *Diario di un prete esorcista*, pro manoscritto.

<sup>12</sup> Amorth, G. *Nuovi racconti di un esorcista*. Edizioni Dehoniane, Roma, 1992, pp. 117-118.

## Sugestão e realidade da possessão demoníaca

Com base na minha experiência de exorcista, em particular com aquela amadurecida desde os primeiros anos quando ainda não contava com a preciosa colaboração do “Centro de Escuta” (que, como se recordará, avalia e seleciona, segundo os fatos, as circunstâncias, as condições e o caminho de oração daqueles que entendem ter necessidade deste específico ministério), devo certamente reconhecer ter encontrado às vezes pessoas frágeis psicologicamente ou facilmente sugestionáveis. Nestes casos, porém, foi extremamente simples cientificar-me e, por consequência, certificar os familiares sobre a real origem de algum “fenômeno” estranho. Diante, porém, de situações de autêntica possessão, não encontrei pessoas fracas psicologicamente (não se pode excluir, de maneira absoluta, que também elas podem estar sujeitas a uma possessão: deverão ser sustentadas, então, tanto pelo sacerdote, quanto eventualmente também por um psicólogo crente), mas pessoas normais,<sup>13</sup> equilibradas e psicologicamente estáveis: antes, algumas também psicologicamente muito fortes.

A teoria, sustentada até o extremo pelos céticos, segundo a qual aquilo que se entende por verdadeiras

---

<sup>13</sup> O relativismo imperante em nossos tempos põe em discussão também o conceito de normalidade, pelo que se pode sustentar tudo e o contrário de tudo, não mais existe uma verdade objetiva igual para todos e, portanto, não existe nem mesmo um conceito de normalidade sobre o qual convergem todos. É esse o pensamento da New Age.

possessões seriam casos de natureza patológica, é absolutamente insustentável. Quem faz semelhantes declarações assemelha-se a uma pessoa que nunca viu nem nunca passou por operações cirúrgicas e pretende ensinar como se opera. Somente aqueles que ignoram o rosto autêntico do exorcista e o que seja verdadeiramente um exorcismo, como se desenvolve e a grande ajuda que ele dá a quem sofre uma verdadeira possessão, só esses poderão sustentar tamanho absurdo fundado sobre preconceitos e não sobre a realidade. A primeira preocupação de todo exorcista de bom senso, efetivamente, é a de evitar criar ou manter a ilusão de uma possessão, quando ela não existe. Qualquer que seja a origem do mal do qual sofre quem se aproxima, que seja ou que não seja uma autêntica forma de ação extraordinária do demônio, o exorcista antes de tudo empenha-se em infundir serenidade, paz e esperança:

Quem pretende falar de exorcistas e de exorcismos segundo uma concepção própria, destorcida e afastadíssima da realidade, chega a afirmar o absurdo de que a simples recitação de uma oração sobre uma pessoa, que é levada a um exorcista, provocaria a identificação daquela pessoa com o demônio e a induziria a representar uma farsa diabólica. Na prática insinua-se a suspeita de que, tanto o exorcista, quanto quem o busca, deixaram-se enganar ambos por uma grande sugestão recíproca. Isto poderia talvez acontecer a um exorcista ainda ingênuo e inexperiente, mas normalmente não pode acontecer a quem tem um mínimo de experiência e de bom senso. Recorda o padre franciscano, frei Benigno: "Tarefa do exorcista,

de fato, não é só a de fazer exorcismos onde existe uma possessão. O exorcista tem também a tarefa de acolher e de escutar aquelas pessoas que ‘pensam’ estar perturbadas, para lhes dar segurança; para ajudá-las a não pensar que o seu caso conduza necessariamente ao Maligno, para aproveitar a ocasião e estimulá-las à freqüência dos sacramentos, para ajudá-las a regularizar eventuais situações de convivência não alinhadas com o Evangelho, para ajudá-las a levar a cruz olhando para Cristo crucificado, para uma catequese personalizada e, finalmente, para uma oração: que pode ser um salmo, o *Pai nosso*, a oração de libertação não reservada contida no Apêndice I (do rito dos exorcismos), o *Sub tuum praesidium* (Sob tua proteção, santa mãe de Deus), a oração a São Miguel Arcanjo não reservada contida também ela no Apêndice I. Isto a fim de que essas pessoas possam encontrar paz e conforto, e evitar que se dirijam (ou voltem) aos feiticeiros e charlatões, que sempre “embrulham” os clientes, às vezes pedindo avultada compensação. Recordo que a uma pessoa, que havia se dirigido a mim para orações, um bruxo lhe havia pedido 45.000 euros para resolver os seus problemas. Eminência, quando a atividade do exorcista é entendida desta maneira e é conduzida com equilíbrio – evitando os dois excessos – ver o diabo em toda parte ou então considerar todos os casos a serem reduzidos, sempre e a todo custo, a patologias de caráter psiquiátrico, seria necessário então que todos soubessem da existência e da atividade do exorcista, sem aqueles falsos medos segundo os quais, tornando pública a presença do exorcista, as pessoas seriam induzidas a ver o diabo em toda parte, porque seria,

ao invés, o próprio exorcista fazendo o trabalho de persuasão contrária”.<sup>14</sup>

## **Não nos deixemos condicionar pelo racionalismo**

Em alguns casos de autênticas possessões, a pessoa, levada sem o seu conhecimento a um sacerdote exorcista, sem ter sido expressamente informada pelos seus familiares (que se limitam a dizer: “Hoje vamos à missa em uma outra igreja”), manifesta sinais inequívocos de uma ação extraordinária do Maligno. Aconteceu às vezes, de fato, que embora não houvesse elementos tais que fizessem suspeitar da presença de um sacerdote exorcista, aquele tal empacou na porta da igreja, urrando com uma voz que certamente não era a sua: “Eu não entrarei nunca nesta pocilga!” Outros, ignorando ser conduzidos pela primeira vez a uma igreja onde atuava um exorcista, começaram até mesmo a manifestar os sinais típicos da presença de uma real possessão desde que saíram de casa, coisa que ao invés nunca tinha acontecido, nem antes nem depois, quando iam ao supermercado, ou a uma visita a um parente ou ao médico.

Recentemente uma criança de sete anos teve particulares manifestações, pelas quais a mãe entendeu necessário recorrer ao exorcista. Todas as vezes, de

---

<sup>14</sup> Fra Benigno. *Dalla filosofia all'esorcismo. L'esperienza di un Esorcista "convertito" raccontata al Cardinale di Palermo*. Edizioni Rinascimento nello Spirito Santo, 2006, pp. 118-120.

fato, que a mulher sai de carro, percorrendo um trecho de estrada familiar ao filhinho (porque habitualmente o pequeno o faz com ela, permanecendo sempre bom e calmo) e quer dirigir-se ao exorcista, sem que o filho o saiba, este começa a manifestar reações tão inquietantes que a mãe é constrangida a voltar para casa, porque só assim o filho se tranqüiliza.

É importante, portanto, não se deixar condicionar por certas escolas de “parapsicologia” ou de psiquiatria atéia que não crêem nem na existência de Deus nem na existência do demônio e nem mesmo de certos psiquiatras e psicólogos que se presumem cristãos: “Não basta, de fato, que um médico ou um psicólogo seja batizado, ou se diga católico, para que seja sensível às realidades espirituais. Frequentemente também os cristãos fervorosos, também sacerdotes, são mais racionalistas que os próprios racionalistas”.<sup>15</sup> Aliás, todos sabem que “a psiquiatria dos dias de hoje ainda não é uma ciência clara, orientada por uma só colocação teórica, existem várias abordagens que perscrutam, uns mais outros menos, o sofrimento psíquico e psicológico do homem, tema este, como é fácil imaginar, bastante complexo, enquanto abrange a acepção global de homem-ambiente-cultura”.<sup>16</sup> E muitas destas diversas colocações ignoram a esfera espiritual, confundindo a alma do homem com a psique e, conseqüentemente, pretendendo reduzir tudo à mente humana ou ao

---

<sup>15</sup> R. Laurentin, *Il demonio. Mito o realtà?*, p. 214.

<sup>16</sup> Tufo, Dr. G. *Lo psichiatra di fronte agli incerti confini tra lo psichico e lo spirituale*, do periódico da Associazione Terapisti Cattolici [Associação dos Terapeutas Católicos], *Competenza e passione*, abril de 2005.

inconsciente, também aquilo que não estão em condições de explicar ou então do que não têm conhecimento direto. É, por isso, ignorada toda referência à esfera espiritual do homem e à interação entre esta e o mundo preternatural ou o mundo sobrenatural, porque entendidos como inexistentes.

Sem dúvida, certas afirmações procedem também de um conceito errado a respeito da figura do demônio, para prescindir de crer ou não crer na sua existência. O Evangelho e os Atos dos Apóstolos, efetivamente, não registram particulares reações de terror provocadas nos homens pelos demônios, como acontece ao invés para as outras religiões (nas quais os homens manifestam medo dos demônios: fala-se, freqüentemente, do terror que os mesmos demônios têm de Jesus, dos apóstolos e dos verdadeiros cristãos.<sup>17</sup> Nada é mais contrário ao espírito cristão do que o medo do demônio! Este trabalha às escondidas; mas em nenhum outro momento, como nas possessões autênticas, onde é constrangido a vir a descoberto ou se percebe o seu grande temor diante da majestade de Deus. O demônio sabe com certeza que antes ou depois acabará por ser subjugado pelo poder do Senhor e, por mais que no início procure mostrar-se seguro e forte, isto o assusta tremendamente.<sup>18</sup> Faz de

---

<sup>17</sup> Os demônios sabem que a vitória de Cristo é participada aos verdadeiros cristãos.

<sup>18</sup> Diverso é o caso das almas que se oferecem a Deus como vítimas e, em particular, daqueles chamados por Deus a percorrer o caminho do sofrimento sofrendo também a possessão demoníaca. A eles o exorcismo, nos momentos de luta mais intensa, procura dar um conforto e uma sustentação para combater o demônio que os atormenta ou geralmente enfraquece a mesma força do demônio sobre elas, mas não lhes dá a libertação definitiva, que conseguirão só no momento da morte.

tudo, então, para convencer as mentes de alguns que o exorcismo é algo anormal, monstruoso e assustador, ao qual se deve recorrer quanto menos possível ou, melhor ainda, ao qual se deve renunciar; é inteiramente de seu interesse que esta convicção errada se afirme o mais que se possa na Igreja.

O padre Gabriele Amorth salientou, em diversas ocasiões, os muitos danos provocados por esta mentira: quanta gente, impedida e privada desse apoio espiritual, sente-se não compreendida, abandonada, e se dirige a magos, bruxos, cartomantes, feiticeiros, charlatões, seitas e outras religiões. O exorcismo inicia-se sempre com muita simplicidade e brevidade. Só quem tem uma ignorância total deste ministério imagina que seja algo de pavoroso, de traumático para quem o recebe, ou para quem o assiste. Também quando aí existe uma real possessão, mesmo sofrendo as reações às vezes violentas do demônio, a vítima não sai assustada pelo exorcismo, mas serena, feliz, se não sempre imediatamente, por certo nas horas sucessivas e nos dias seguintes. Sente-se efetivamente mais livre, menos oprimida, mais aliviada, mais capaz de enfrentar as suas atividades quotidianas e, além de tudo o mais, cresce moralmente e espiritualmente, evitando dobrar-se sobre si mesma e sobre os seus próprios problemas. Aí podem existir – e existem certamente – alguns períodos mais duros, porque o demônio, aproximando-se o dia dos exorcismos, procura criar na pessoa inquietações, repugnância, dúvidas, a fim de que não vá ao encontro com o exorcista: o acompanhamento do pároco, porém, e dos familiares e o encorajamento do mesmo exorcista

ajudam a superar estas dificuldades. Tudo isto acontece também porque o sofrimento que o demônio prova durante os exorcismos é algo de inimaginável e repercute na pessoa que está possessa. Quando é descoberto, a princípio sofre com cinismo, mostra-se cheio de desprezo, arrogante, dá sorrisos escarninhos, escarnece e ameaça pesadamente tanto o exorcista, quanto a pessoa que ele atormenta, quanto quem o ajuda; com o passar do tempo, sob o peso crescente da gradual intervenção de Deus, sente aproximar-se o momento da sua expulsão e então muda de atitude: suplica que o deixe em paz, amaldiçoa o dia em que entrou naquela pessoa e as circunstâncias ou as pessoas que lhe permitiram a possessão, procura até mesmo entabular um inútil e enganoso acordo com o exorcista, na vã esperança de que ele aceite as suas propostas. Mas este, ao contrário, continuando inamovível na sua tarefa, logo terá a alegria de ver, junto com a pessoa possessa e os seus familiares e os seus amigos, o momento em que o demônio, completamente subjugado pela suprema autoridade de Deus, será constrangido a sair daquela pessoa.

### **O problema do consentimento a proceder ao exorcismo da parte do possesso**

O novo ritual dos exorcismos *De exorcismis et supplicationibus quibusdam*, no n. 16 dos *Praenotanda* (Premissas Gerais), convida, o quanto for possível, a não proceder ao exorcismo sem o consentimento

da pessoa a ser exorcizada. A experiência ensina que, não estando em condições a pessoa posses de exprimir o seu próprio consentimento ao exorcismo (porque desde os primeiros instantes do rito, se não verdadeiramente já antes, entrou no estado de crise, pelo que está bloqueada a faculdade intelectual e volitiva), o exorcista, certificado de que a pessoa está verdadeiramente posses pelo demônio, procede ao exorcismo com o consentimento dos seus familiares. Existem efetivamente formas de posses em que, desde o início, ou verdadeiramente antes de iniciar “o exorcista se encontra, como Jesus Cristo diante do endemoninhado de Genezaré, em uma ação e em um diálogo que têm a forma de um rude combate mais que de uma pacífica liturgia”.<sup>19</sup>

Como explica muito bem o padre Gabriele Nanni, “o consentimento é fundamental, mas não necessário: às vezes não é possível chegar ao consentimento do exorcizando porque o estado de posses pode causar uma total incapacidade de exprimi-lo ou uma repulsa tal ao sagrado (sacramentos, sacramentais e também o sacerdote) a tornar a pessoa não livre interiormente a ponto de não conseguir ou querer pedir o exorcismo. A liberdade da pessoa é impedida, bloqueada, isto é, não livre para alcançar a fonte da graça que provém dos sacramentos. A pessoa que inicialmente é exorcizada, mesmo sem o seu consentimento, encontrar-se-á em um estado novo, de maior liberdade e dona de si, mas não imediatamente libertada da agressão infernal. O

---

<sup>19</sup> R. Laurentin, *Il demonio. Mito o realtà?*, p. 209.

novo estado de liberdade torna-se o espaço útil para dirigir a própria vontade para os instrumentos de salvação da Igreja, para poder colaborar para a própria libertação, dando a vontade de conversão profunda para Cristo".<sup>20</sup>

## O exorcismo, meio de evangelização

Muitas vezes os parentes e os amigos que assistem uma pessoa, um familiar ou um amigo, que sofre uma possessão, tocam com a mão as realidades invisíveis e o exorcismo torna-se assim um poderoso meio de evangelização, um estímulo para a conversão, para a virtude, para a oração, para um maior empenho na fé, para uma vida cristã mais intensa. Compreende-se então porque alguém o definiu como um *curso rápido de exercícios espirituais*.

O exorcista padre Giuseppe Capra, em um encontro sacerdotal, recordou que no passado, quando acontecia qualquer caso clamoroso, o acontecimento tornava-se para os sacerdotes uma extraordinária ocasião de evangelização e de convite à conversão. Assim ele se expressou: "São João Bosco em 1862 nas *Leituras Católicas* publicou, a respeito do caso de uma endemoninhada, um escrito de um seu amigo capuchinho, frei Carlo Filippo da Poirino, com o título *O poder das trevas*. Enquanto São João Bosco corrigia as provas, o demônio lhe derrubou o tinteiro e borrou tudo. Trata-se de um episódio acontecido em Val della

---

<sup>20</sup> G. Nanni, *Il dito di Dio e il potere di Satana. L'esorcismo*, p. 247.

Torre na diocese de Turim, onde uma camponesa, Teresa Dosio, depois de uma maldição do irmão, sofreu uma vexação demoníaca durante a qual, quer se encontrasse em espaço aberto quer em ambiente fechado, era atingida por pedras atiradas por uma mão invisível, por caroços de pêsego, por feijões, ouriços de nozes e vários objetos. A camponesa tornou-se também muda. Diante destes fatos, todos correram para a igreja para rezar e todos mudaram de vida. E aquela mulher em uma semana foi libertada recuperando ao mesmo tempo a palavra. Diante de episódios também mais graves que este, hoje se prefere o silêncio. O nosso grupo de oração nasceu na festa de Nossa Senhora Auxiliadora em 1989 quando uma garota de 11 anos, atormentada por pesadas vexações (uma força invisível a impelia lançando-a por terra, uma vez arrancou-a do carro abrindo a porta, machucava-lhe dolorosamente as mãos e os braços), foi libertada prodigiosamente no dia da festa e da procissão de Nossa Senhora Auxiliadora depois de vinte noites consecutivas de uma hora de adoração eucarística feitas para ela. Converteu-se toda a família. Para nós aquela libertação foi um verdadeiro milagre que Dom Bosco teria certamente publicado, ao invés devo contentar-me em relembra-lo como um fato maravilhoso da minha experiência pessoal. Há muitos outros exemplos que revelam a grande insensibilidade, a grande diversidade de hoje em relação ao passado, quando a consciência do bem e do mal, de Deus e do diabo, do Paraíso e do Inferno era muito mais viva e também os casos de vexação, de obsessão, de possessão, eram muito menos possíveis e mais facilmente solucionáveis”.

## As catequeses involuntárias do demônio durante os exorcismos

Passo agora a descrever alguns aspectos daquelas que podemos de alguma maneira definir como “catequeses involuntárias” do demônio, tiradas de casos certos de real possessão.

As suas expressões, durante os exorcismos, são múltiplas: algumas delas repetem-se freqüentemente e, diretamente ou indiretamente, confirmam plenamente as verdades da nossa fé cristã.

Muitas vezes, por exemplo, afirmou ele próprio, de maneira muito clara, que a sua principal atividade no meio das pessoas não é a possessão, mas a tentação. Uma vez, no momento em que foi definido pelo *Rituale Romanum* “malorum radix, fomes vitiorum, seductor hominum, proditor gentium” (“raiz de todos os males, fomentador dos vícios, sedutor dos homens, enganador dos povos”), resume a sua atividade tentadora em uma síntese excepcional e categórica: “O nosso ‘dever’ é tentar, sempre, qualquer pessoa, em qualquer lugar e sempre. Quaisquer pessoas que caem na nossa rede, algum aí cai para sempre!” Em um outro exorcismo afirmou “Ele (referia-se a Deus) quer almas livres e santas, eu quero almas escravas”.

Em relação ao poder da oração, um dia no momento do “Sanctus, sanctus, sanctus Dominus Deus Sabaoth” (Santo, santo, santo Senhor Deus do universo), do segundo exorcismo do *Rituale Romanum* foi sem dúvida constrangido a dizer de Deus: “Se vós viverdes de joelhos diante dele e

cantardes os seus louvores, como fazem os anjos, nós não teremos todo o poder que nos dais sobre vós”.

Uma característica costumeira nos exorcismos é a manifestação da sua soberba, tanto que um dia teve de reconhecer: “A minha soberba é o meu poder e a minha condenação”.

Uma sua costumeira exigência é aquela de ser adorado como se fosse Deus. Não querendo aceitar a sua criaturalidade, de fato, ilude-se a si mesmo pretendendo ser deus e é ávido por receber dos homens o culto que diz respeito só a Deus. Frequentemente, enquanto é exorcizado, diz: “Adorai-me, adorai-me, eu sou deus, eu sou deus! Ajoelhai-vos quando se pronuncia o meu nome. Eu sou o onipotente! Invocai-me!” A estas palavras, como sugere o n. 20 das *Normae observandae circa exorcizandos a demônio do Rituale Romanum* (Normas a serem observadas acerca dos que devem ser exorcizados do demônio, do Ritual Romano), pode-se responder com frases tiradas da Sagrada Escritura, por exemplo, as palavras de Jesus no deserto: “Para trás, Satanás, pois está escrito: ‘Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás’” (Mt 4,10). Ou com as palavras de São Paulo: “Ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos. E toda língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor” (Fl 2,10-11). Alguns exorcistas acrescentam frases espontâneas, deste gênero: “Só o Pai, o Filho e o Espírito Santo, é Deus. Não existe outro Deus. Prostrate diante dele e adora-o!” Aos convites a adorar o único Deus verdadeiro, sempre ouvimos responder com raiva e com soberba e presunção: “Nunca, jamais” Eu sou deus! Olha ao redor e vê como todos me seguem, como todos procuram aquilo que eu quero dar!” Uma outra

vez, enquanto lhe era dito: “Não existe outro Deus fora do Pai, do Filho, do Espírito Santo. O teu Deus é o meu próprio Deus: o Pai, o Filho, o Espírito Santo...”, rebateu: “O poder que eu tenho sobre os homens é o meu deus”. Na prática queria dizer que ele se julga deus dos homens que vivem no pecado, longe do verdadeiro Deus. Uma outra vez ainda, enquanto o exorcista dizia: “Adora-o, é o teu Deus, ele te criou, adora-o!”, o demônio protestou: “Foi encarnar-se em vós, tudo o que de mais odioso e humilhante podia fazer. O desprezo que experimentamos quando entrou naquela carne só nós o sabemos”.

O que mais o atinge é o que acontece quando um exorcista repete a oração ensinada por um anjo aos três pastorinhos de Fátima, Francisco, Lúcia e Jacinta. Um ano antes que Ihes aparecesse a Bela Senhora, o Anjo apareceu a eles pela terceira vez tendo na mão um cálice e sobre ele uma Hóstia, da qual caíam no cálice algumas gotas de sangue. Deixando o cálice e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se por terra e repetiu por três vezes a oração: “Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-vos profundamente e vos ofereço o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente em todos os tabernáculos do mundo, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que ele mesmo é ofendido e pelos méritos infinitos do seu Santíssimo Coração e pelo Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores”.<sup>21</sup> Quando um

---

<sup>21</sup> *Memorie di Suor Lucia* [Memórias de Irmã Lúcia]. Vice-postulazione della beatificazione dei veggenti P-2496. Fátima, II ed., maio 1988, p. 156.

exorcista começa a dizer esta oração, o demônio tem reações furiosas, que crescem de intensidade quando chega às palavras “em reparação pelos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que ele é ofendido”. E que se tornam ainda mais fortes durante as expressões finais: “peço-vos a conversão dos pobres pecadores”.

Uma outra característica atitude do demônio, durante os exorcismos, é ameaçar freqüentemente com extermínio e destruição: tudo o que é belo, bom, sadio, harmônico, na sua linguagem escarnecedora, é visado, com a promessa de deturpá-lo e destruí-lo: “Não poucos dos nossos servos no mundo conseguimos colocá-los nos lugares mais eminentes e dali dominamos e destruímos”. De maneira particular percebe-se o ódio que tem contra o sacramento do matrimônio e contra os afetos familiares: reage de maneira violenta quando se abençoa o matrimônio de dois cônjuges ou quando eles são convidados a renovar as suas promessas matrimoniais. Um dia expressou muito bem o seu ódio contra a família com estas palavras: “Não me agradam ainda como são vestidas as mulheres. Devem apresentar-se sempre mais despidas, tanto que o sexo seja sempre mais dominante e eu possa destruir sempre mais as famílias!” Outras vezes definiu os órgãos sexuais com evidente linguagem metafórica: “o centro do mundo”. Outras reações furiosas foram encontradas quando o exorcista abençoa o noivado daqueles jovens que estão seriamente empenhados em viver castamente o seu noivado, definindo esta escolha dos noivos como uma porcaria.

O que sobremaneira chama a atenção, enquanto é exorcizado, é o ódio verdadeiro que manifesta na

uma profunda satisfação pelo mal, em qualquer forma que se realize. Uma vez um exorcista permaneceu horrorizado diante desta saída: "Pega aquele nojento livro do Apocalipse. Está escrito daquela Mulher que dá à luz. Eu procuro sempre mastigar as criancinhas. Sabes como?" E o demônio descreveu, com palavras enregeladoras, tanto o extermínio diário, em toda parte do mundo, de milhares de crianças no seio materno, quanto as violências sexuais sobre as crianças; e, o que tornava ainda mais horripilantes tais descrições, era cada vez o acréscimo da expressão "como gozo!"; esta mesma expressão usou também referindo-se aos jovens que com a droga se reduzem a espectros. Uma outra vez, enquanto era exorcizado, referiu-se novamente ao aborto e disse: "Tendes-me também autorizado!" e deu uma longa e pérfida risada. O que mais fere é o modo com que subverte a realidade e os fundamentais princípios morais considerando o mal um bem e o bem um mal. Por exemplo, várias vezes apresentando-lhe uma relíquia, exclamou: "Que fedor! É a fedentina de quem escolheu a Ele (refere-se a Jesus Cristo que, por ódio e desprezo, ele não nomeia quase nunca)"; apresentando-lhe um tercinho ou rosário, definiu-o: "Cadeia maldita com a cruz no fundo"; na aspersão com a água benta, protestou: "Não quero ser lavado com essa água, que fede a merda e me escalda"; às palavras: "Abençoa, Senhor, este nosso irmão!" prontamente respondeu: "Seja maldito, levá-lo-ei comigo para o inferno!"; às palavras do Evangelho: "Vinde a mim, vós todos, que estais aflitos sob o fardo e eu vos aliviarei" (Mt 11,28), imediatamente disse: "Vinde a mim vós

todos que estais 'alegres', vinde a mim vós todos que sois perversos e eu vos restaurarei”.

Uma vez, chegando o exorcista às palavras do *Rituale Romanum*: “inimice fidei, hostis generis humani, mortis adductor” (“inimigo da fé, adversário do gênero humano, portador da morte”), o demônio expressou toda a sua irresistível aspiração ao “mal pelo mal” com estas palavras metafóricas: “O dia em que fomos afastados dele, nós lhe dissemos: O poder do pecado será o nosso altar, sobre ele sacrificaremos as almas dos teus filhos malditos, sobre aquele altar faremos correr o sangue dos teus filhos malditos. Existe um deus para quem odeia, e este deus é o meu deus”.

Sempre, nas suas invectivas, emerge como ele é verdadeiramente aquele que continuamente tenta dividir os homens e atirá-los uns contra os outros. Efetivamente gosta de reafirmar que lhe agrada o ódio entre os homens e está ávido da malvadeza humana porque, como afirmou mais vezes: “São ‘alimento’ que me nutre e me reforça”; “O que nós queremos é discórdia, nós queremos ódio e guerra, não importa de onde venha”; “Sabes quantos ‘danados’ temos em atividade no mundo?”

Uma vez, no momento em que o *Rituale Romanum* prevê a interrogação do demônio (ver capítulo III, nota 22), à pergunta sobre qual era o seu nome, afirmou chamar-se Sahaar e provir do deserto. Foi-lhe replicado então que voltasse para o deserto. Imediatamente o exorcista ouviu responder: “Eu carrego o deserto!” Pelos exorcismos sucessivos o exorcista compreendeu que queria, dessa maneira, tanto indicar a sua função

específica de suscitar o ódio, do qual brotam aridez, desolação e morte nas relações humanas, quanto demonstrar que se comprazia com a esterilidade, física e espiritual.

Em alguns casos as suas expressões situam-se entre o sério e o engraçado, como quando o exorcista ouviu dizer: "Para nós, os padres que fazem o seu dever são feiticeiros, porque fazem arruinar o que nos diz respeito".

Particularmente consoladora é a experiência mariana nos exorcismos. Quando Nossa Senhora é nomeada, os exorcistas verificam como os demônios, pelo seu grande desprezo e ódio nos confrontos com a Mãe de Deus, enfurecem-se terrivelmente. Sem ousar nunca chamá-la pelo nome, dizem "aquela", acrescentando uma porção de injúrias nos seus confrontos, porque lamentam que ela arruíne muitos dos seus planos. Uma costumeira manifestação antimariana do demônio é aquela de manifestar imensa raiva quando é nomeado o Coração Imaculado de Maria, porque lhe faz recordar, como freqüentemente urrou, que o mundo foi consagrado por aquele... (expressão irreferível dirigida a João Paulo II) a este Coração Imaculado e esta consagração provocou a falência de muitos projetos seus, em escala mundial. Em relação ao santo Rosário, uma vez, colocado no pescoço da pessoa que era exorcizada um terço, o demônio começou logo a gritar: "Está me esmagando, pesa, está me esmagando esta cadeia com a cruz no fundo!" O exorcista exclamou: "De hoje em diante esta nossa irmã rezará o terço todo dia". E o demônio imediatamente respondeu: "Mas

sois tão poucos os que o dizeis (referia-se ao rosário), em comparação com o mundo inteiro! É bom para mim que seja assim porque me desagrada, porque invocais Aquela (referia-se a Nossa Senhora), me recordais a vida Daquele (referia-se à vida de Jesus, que meditamos nos mistérios do rosário)". Num outro dia, enquanto exorcizava o demônio, o exorcista tirou do bolso um terço; logo o demônio gritou: "Leva embora essa cadeia, leva embora". "Que cadeia?". "Essa com a cruz no fundo. Ela nos vergasta com essa cadeia!" Isto também é certamente uma linguagem metafórica que, porém, nos faz entender, de modo muito concreto, o poder do rosário e quanto o demônio o teme.

Um dia, com grande surpresa, um exorcista se apercebeu de que Deus humilhava o demônio constringendo-o a louvar Maria. De fato, enquanto o exorcista invocava Maria, disse: "Ela é a única que está em toda parte, me 'mata', me 'matou' sempre, sempre me 'matou', bota os pés na minha cabeça; o seu maldito véu me estrangula toda vez; nenhum de nós resiste". A estas palavras o exorcista exclamou: "Muito agradecido, Mãe; muito agradecido, Coração Imaculado!" O demônio rebateu imediatamente: "Deixa para lá esse Coração: cravamos nele uma espada e não morreu, crucificamos-lhe o Filho e não morreu: tomou outros filhos!" Em um outro exorcismo, enquanto o exorcista louvava o Coração Imaculado de Maria, o demônio disse: "O seu Coração é a nossa dor, o seu Coração quanto mais o transpassamos mais vivo se mostrou, quanto mais o esmagamos mais Ela nos esmagou, quanto mais sofria tanto mais sofríamos nós. Nós queríamos 'alegrar-nos', e ela ao invés nos matava

com seu pranto: as suas lágrimas são fogo que nos 'mata'". Num outro dia, enquanto o mesmo exorcista invocava o Coração Imaculado de Maria, o demônio falou dos espinhos cravados nele (que representam os pecados da humanidade) e daqueles que reparam as ofensas para com este Coração, e disse: "Os homens me ajudaram a cravar nele milhões de espinhos, haveis-me ajudado vós a espetar nele todos aqueles espinhos, vós é que me ajudastes, mas quanto mais espinhos, mais força; quanto mais sangue, mais poder; quanto mais dor, mais glória; os vossos pecados se transformaram em glória porque outras tantas almas se consagraram a expiá-los e cada alma lhe faz saltar um espinho, e cada espinho que salta finca um pau de fogo no nosso cérebro. Nós os espancamos, nós lhes batemos, nós os queimamos, nós os magoamos, nós os despedaçamos, e eles ali a orar. Nós os insultamos, nós os caluniamos, e eles por terra a orar. Não acabará nunca esta tortura, não acabará nunca esta tortura. São muitos, são demais! Quantos inconscientes se consagram e não esperam outra coisa senão morrer por aquela... e seu Filho!"

Em um outro exorcismo, vangloriando-se ele dos sofrimentos provocados em pessoas inocentes, o exorcista começou a orar decididamente: "Senhor Jesus Cristo, enquanto na cruz parecíeis vencido, enquanto parecia que o poder das trevas tinha vencido para sempre, na realidade éreis vós que estáveis vencendo para sempre". E o demônio retorquiu: "É tudo culpa Dela, é tudo culpa de sua Mãe. Por isso ensinei a esta cretina (referia-se à pessoa que ele atormentava) a odiá-la e ela conseguiu superar também isto. Ela (aqui se

referia a Nossa Senhora) ora sempre, não se cala um momento e nós somos vergastados pelas suas orações". Evidentemente falava tanto da intercessão que Maria estava exercendo junto de Deus por aquela mulher, quanto pelo crescente amor por Maria que aquela mulher estava alimentando. Em outro exorcismo, também aqui com uma evidente linguagem metafórica (não tendo ele nem pele nem cérebro, porque espírito imaterial), acrescentou: "Toda vez que desce nesta terra (referia-se a Nossa Senhora), nós afundamos muitíssimo mais. Cada lágrima sua é um buraco na nossa 'pele', cada olhar seu é um rasgão no nosso 'cérebro', cada passo seu é o nosso fim. Estamos procurando detê-la, não o conseguimos porque ela é mais poderosa que nós. O Mal não tem nenhum poder sobre ela".

Um episódio particularmente comovente é o seguinte: um dia, dirigindo-se a uma imagem de Nossa Senhora, presente na sala onde o exorcista exorcizava, o demônio começou a gritar: "Por que ofereceste tudo àquele...? Por quêeee? Por quêeee?!" O exorcista intrometeu-se e disse: "O que ofereceu?" E ele respondeu: "Sob a cruz Dele, ela sofreu!" Referia-se claramente à oferta que Nossa Senhora fez dos seus sofrimentos e dos sofrimentos de Jesus ao eterno Pai no momento da crucificação. E então o exorcista começou a dizer: "Recorda-te que Maria, aos pés da cruz, ofereceu Jesus ao Pai e ofereceu sua própria pessoa com Jesus ao Pai. Por nós seus filhos ofereceu esse sacrifício". A estas palavras soltou urros indescritíveis e evidentemente esmagado pela força redentora que brota do sacrifício de Cristo e de Maria no Calvário, disse: "Basta, basta.

Não me faças recordar, basta, estás me queimando, estás me queimando!”

Na Sexta-feira Santa de 2006, enquanto um exorcista desenvolvia o seu ministério, lendo no Evangelho de João as palavras que Jesus na cruz dirigiu a Maria: “Mulher, eis teu filho” e aquelas palavras dirigidas a João: “Eis tua mãe”, assim se expressou o demônio: “Em um instante Ela amou todos os seus filhos por todas as gerações e deu o seu segundo ‘sim’. Depois do ‘sim’ dado ao Anjo, deu o seu ‘sim’ ao seu Filho na cruz, porque vós vos tornastes seus filhos”. O exorcista, então, entre o pasmo e a alegria, porque compreendia que o demônio estava claramente constrangido, malgrado seu, a dizer coisas que nunca teria querido dizer, continuou lendo as palavras do Evangelho: “E a partir daquele momento o discípulo a tomou na sua casa”. E o demônio com uma repugnância tremenda, que manifestava na voz e nas atitudes, acrescentou: “As almas puras tomam a Mãe de Deus no seu coração. O vosso corpo e o vosso espírito são a casa do Senhor, e nela deveis tomá-la. Todos os filhos de Deus deveriam tomar Maria dentro de si mesmos e aquilo que Ela vos ensinou com a sua vida. Vós tendes um grande meio que é Maria, usai-o muito. Orai a ela, rezai muito, tornai-a vossa. Ela caminha sempre ao vosso lado”.

Diante destas palavras do demônio enquanto o exorcizava, o exorcista sabendo que a Sexta-feira Santa é um dia especial de graça, recordou-lhe o sacrifício de Jesus na cruz por amor a nós, as suas chagas, o seu sangue, as suas dores, as suas humilhações, a sua oferta ao Pai, juntamente com as lágrimas e as dores de Maria

aos pés da cruz e a sua oferta junto com o Filho ao Pai por amor a nós. E enquanto dizia todas estas coisas, o demônio continuou, afirmando, com grande abatimento do exorcista que escutava: “Estávamos também nós ali ao pé da cruz, alguns os instigávamos contra Ele, os estimulávamos a contestá-lo, a berrar contra ele, a desafiá-lo, a outros tentávamos insinuando em suas mentes dúvidas de que Ele não era verdadeiramente o Messias. Alguns estavam ali para ver algum milagre e convencer-se de que Ele era o Messias: que estúpidos! Fizemos fugir dali debaixo tantas pessoas que não acreditavam mais, apavoraram-se ao ver que morria e os poucos que ali permaneceram convenceram-se quando morreu que nada era verdade, porque se morreu nada mais se podia fazer. Quando tiraram o corpo da cruz, tentamos também João, dizendo na sua mente: ‘Olha que fim teve o vosso Messias, olha que fim teve o teu Messias!’ Tentamos também a tua Mãe. Ela tinha o coração despedaçado, mas ao mesmo tempo existia nele uma grande paz, e perdoava a todos, amava e sofria: o seu perdão era total, o seu amor era total, a sua oferta era total. E isto nos venceuuuu! Inutilmente insidiamos a sua fé. Ela continuou a orar. Ela era a única que conservou a fé na Ressurreição. O seu coração já o sabia e no alvorecer do dia depois do sábado, Ele se apresentou por primeiro a Ela. Não sabemos o que possam ter conversado, só vimos que naquele encontro existia uma grande paz e um infinito amor, mas não podíamos ouvir as palavras, o seu discurso de amor estava fora do nosso alcance. Depois vimos Madalena que ia ao sepulcro”.

Um dia, quando durante o desenvolvimento do seu ministério, o exorcista disse que celebrara a santa Missa por aquela pessoa, o demônio, quase sem forças para reagir, porque já estava próximo da saída, deixou este testemunho: "Não sei como lhe tenha vindo à mente sacrificar-se por vós, lixo imundo que outra coisa não sois. Como fez para sacrificar-se por estes seres que não valem nada, que não entendem quanto ele os tenha amado e quanto os ama, porque o ofendem continuamente. Para Ele a missa não serve, Ele tem tudo; é só para vós que a inventou, só para vós, para aproximar-vos Dele, para fazer-vos tê-lo cada dia, e vós estúpidos escarrais em cima. E vós não o aceitastes, vós que poderíeis verdadeiramente ser como Ele. Ele vos quer a seu lado (isto o demônio o disse com extrema dificuldade) e vos dá todos os dias aquele Corpo e aquele Sangue, nojentos para nós, mas que para vós são tudo, o único meio para chegar à salvação, para não vos perderdes conosco. Como não entendê-lo? Ele ali está e vos diz: 'Estou aqui. Tomai-me'. A nós disse: 'Afastai-vos', a vós disse: 'Estou aqui'".

Um dia durante uma grande batalha, em que o exorcista intuía claramente que o demônio procurava opor-se para não repetir o que Cristo lhe estava mandando dizer, num certo ponto completamente derrotado pela força de Deus, exclamou: "Ele está me ordenando dizer-vos: Não tenhais medo, ide ao encontro do vosso Deus. Abandonai toda ligação com o mal sobre a terra. Enchei do Senhor a vossa vida, abri dentro de vós espaço só para Jesus Cristo, segui Jesus na alegria e no sofrimento. Louvai-o sempre. Ele é a

vossa salvação!” Ahhhhhh (foi o urro que emitiu pelo tremendo esforço que havia empregado para dizer o que a ele aborrece).

## **Espiritualidade do exorcista**

Um sacerdote, e ainda mais um sacerdote que exerce o ministério do exorcismo, precisando discernir para compreender as autênticas razões do mal que oprime uma pessoa (entendida como atormentada pelo demônio ou então vítima de fenômenos estranhos) pede ajuda ao Espírito Santo com fé, com humildade e com sinceridade de coração, em uma prolongada e fervorosa oração. Não lhe será certamente negada aquela ajuda do Alto e aquela luz que permitem indicar os remédios mais idôneos a adotar, para o bem daquele nosso irmão ou daquela nossa irmã. Quando, pois, se encontrasse na efetiva necessidade de receber os exorcismos, o sacerdote exorcista sabe que poderá combater o demônio só olhando para Cristo e estando unido profundamente a Cristo na Igreja, porque é dele que derivam para a Igreja o poder e a tarefa de exorcizar. A eficácia do exorcismo efetivamente brota tanto da autoridade espiritual de expulsar os demônios, que a Igreja recebeu de Cristo, quanto da força de impetração da Igreja.

A atenção do exorcista está acima de tudo dirigida para Cristo, porque é ele que atua. O exorcista sabe que é só um instrumento do qual Jesus se serve: o agente principal é Cristo. Tarefa primária do exorcista é, pois, aquela de abrir espaço em si mesmo para Cristo, para que possa agir sem obstáculos através dele. Expulsar

o demônio não é uma questão de simples fórmulas ou de palavras, mas também e sobretudo de fé e de comunhão com Cristo. A vida de oração, de penitência e de fidelidade a Cristo e à Igreja permitirá a Cristo mesmo atuar o mais eficazmente possível através do ministério do exorcista. Se é verdade que este ministério se beneficia sempre da intercessão da Igreja, a intensidade do seu efeito dependerá *também* das disposições de quem o administra (além das daquele que o recebe). O exorcismo não tem nada de magia bem como nem atitudes mágicas, exatamente porque, como se vem dizendo até agora, é um agir "em Cristo e com Cristo". Os próprios sacramentos são verdadeiramente fonte da vida divina em nós, mas não são nossa atividade vital: são atividade de Jesus Cristo, e nós nos apropriamos do seu fruto na medida das nossas disposições. Também se um sacerdote celebra cada dia a santa Missa e com fidelidade a Liturgia das Horas (o assim chamado "breviário") se não se empenha em cuidar fortemente da sua vida interior e da união pessoal com o Senhor (através da meditação, um tempo para a adoração do Santíssimo Sacramento, a recitação do santo rosário, a confissão freqüente, momentos de retiros espirituais, etc.) então a vida divina que os sacramentos lhe haviam dado não cresce, não progride; antes, pode afrouxar, paralisar-se e até mesmo perder-se! Se, pois, não é concebível que um sacerdote possa desenvolver eficazmente o seu ministério descuidando do próprio caminho interior, muito mais este intenso ritmo de vida espiritual é requerido para um exorcista que deve lutar frente a frente com o demônio. No

*Rituale Romanum*, nas normas a observar a respeito dos exorcismos, no n. 16 do *Titulus XII De exorcizandis obsessi a demonio*, afirma-se que os exorcismos devem ser feitos e lidos mandando com grande fé. É exatamente graças a este empenho de oração, assim como descrevi, que o exorcista desempenhará o seu ministério sempre mais profundamente unido ao Senhor, deixando-o agir da maneira mais profícua possível, para libertar aquele nosso irmão ou aquela nossa irmã atormentados pelo Maligno.<sup>22</sup>

Um posterior – e não desprezível – benefício que provém para o exorcista de uma tal vida de união com Deus é a própria “defesa” pessoal no afastar as diversas formas de tentações, com as quais o Maligno pode procurar atacá-lo no exercício do seu ministério.

Além disso se o exorcismo solene está instituído pela Igreja e é ação da Igreja, então o sacerdote exorcista deve ter grande amor à Igreja. Onde está Cristo está também a Igreja, onde está a Igreja está também Cristo. Eis a importância da comunhão com o próprio bispo, que tem a plenitude do sacerdócio e do qual o sacerdote recebeu a permissão de exorcizar (ver na nota 6, deste IV capítulo: *Código de Direito Canônico*, cânon 1172); todo sacerdote, de fato, age exatamente em virtude

---

<sup>22</sup> “Por sua vez, a santidade dos presbíteros muito concorre para o desempenho frutuoso do seu ministério: ainda que pela misericórdia de Deus a obra da salvação possa ser realizada por ministros indignos, todavia, por lei ordinária, prefere Deus manifestar as suas maravilhas por aqueles que, dóceis ao impulso e direção do Espírito Santo pela sua íntima união com Cristo e santidade de vida, podem dizer com o apóstolo: ‘já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim’ (Gl 2,20)” [*Presbyterorum Ordinis* n. 12 in *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Col. Documentos da Igreja vol. 1. Paulus, São Paulo, 2ª ed. 2001, p. 518].

desta comunhão com a plenitude sacerdotal do bispo, sucessor dos apóstolos, sobre os quais Cristo fundou com todos os poderes divinos, a sua Igreja. É desejável que entre o exorcista e o bispo exista estreito contato, que o bispo siga constantemente e com cuidados paternos o exorcista e que, por sua vez, o exorcista o mantenha informado de tudo e esteja atento aos seus conselhos e às suas recomendações. Na *Apresentação* da CEI ao *Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari*, n. 14, os exorcistas são exortados a proceder também a encontros periódicos entre eles e com o próprio bispo: “É conveniente que os exorcistas da mesma diocese se encontrem algumas vezes entre si e com o bispo, para compartilhar as suas experiências e refletir juntos. Parece oportuno que encontros análogos se desenvolvam às vezes também em nível interdiocesano e nacional”.

Também o Santo Padre Bento XVI, na mensagem dirigida aos exorcistas durante a Audiência Geral do dia 15 de setembro de 2005, os exortou a “prosseguir no seu importante ministério a serviço da Igreja, sustentados pela vigilante atenção dos seus bispos”. Além disso acrescentou: “e pela incessante oração da comunidade cristã”. Os exorcistas e as pessoas que eles assistem com o seu ministério, devem sustentar-se com a sua oração pessoal e com o seu jejum, acompanhados pela oração e pelo jejum da comunidade dos fiéis. O termo “jejum” deve ser entendido certamente no sentido amplo, não só no seu significado “alimentar”, mas entendendo-o como prática de penitência, que se exerce de várias maneiras. “O exorcismo é, efetivamente, um sacramental, e as orações, aí contidas, não são orações

particulares, mas orações da Igreja. O exorcista reza em nome da Igreja, a qual age através dele. Se, portanto, é a Igreja que age no exorcismo, é então a mesma Igreja que, para absolver com fruto tal tarefa de libertação, precisará recorrer àqueles meios propostos por Jesus: a oração e o jejum”.<sup>23</sup>

Finalmente, não podemos esquecer de colocar em evidência a importância decisiva da confiança em Maria Santíssima na luta contra as forças do Mal. Ela não substitui Jesus na luta contra Satanás, mas é ela que Jesus coloca junto de todo homem e em particular ao lado de todo sacerdote, neste grande combate, para manter-nos unidos estreitamente a ele que nos obtém a vitória.

Maria, que Jesus Cristo mesmo nos deu da cruz como Mãe – gerando-nos naquele momento com o sofrimento pela morte do Filho – está ao nosso lado com o seu amor e a sua proteção materna, com a sua ajuda, a sua intercessão e a sua oração continua. Mas se Maria no Calvário se tornou mãe de todo ser humano, ela se tornou particularmente mãe de todo sacerdote, acima de tudo porque Cristo seu filho é o sumo sacerdote, que se ofereceu à morte para a nossa salvação, e visto que no Calvário João, ao qual Jesus, referindo-se a Maria, disse: “Eis aí tua mãe” (Jo 19,27), representava a humanidade, mas também todos os sacerdotes de todos os tempos (tendo sido ordenado sacerdote por Jesus, na tarde anterior, no Cenáculo). Da cruz, Jesus

---

<sup>23</sup> Fra Benigno. *Dalla filosofia all'esorcismo. L'esperienza di un Esorcista "convertito" raccontata al Cardinale di Palermo*, p. 117.

diz a todo cristão e de maneira particular a todo sacerdote: “Eis a tua mãe!”, pelo que “se é verdade que em todo caso a Mãe Santíssima se comporta como mãe de cada um, todavia para poder agir como ela deseja, necessita de que cada um por própria conta a aceite e que a ela se entregue com confiança total. Se isto se realiza e se renova na perseverança quotidiana, pode-se estar certos de que a própria vida está em segurança e que nenhum inimigo poderá fazer-lhe mal. Devemos, porém, ter a coragem de ser filhos seus e de tornar-nos seus filhinhos”.<sup>24</sup> e quem mais que um sacerdote deve ter esta “coragem”?

A missão do sacerdote de fato é imensa, exigente, delicada e por isto tem necessidade, mais que os outros, de ser guiado, protegido e sustentado por esta Mãe. Na medida em que um sacerdote está enamorado por Maria e se confia e se abandona a ela, fazendo-se criancinha que se deixa conduzir por esta Mãe, tanto mais ela poderá tomar aos seus cuidados a pessoa dele e tudo o que ele tem aos seus cuidados, e ao mesmo tempo tanto mais será para ele uma poderosa barreira de proteção contra todo assalto do demônio. Mas se a guia, a proteção e o apoio de Maria são necessários para todo cristão e ainda mais para todo sacerdote, muito mais o são para um sacerdote exorcista que deve combater “frente a frente” o Maligno. Por isto não é imaginável um sacerdote exorcista que não permita a Maria exercer no máximo grau o poder de amor da sua maternidade para com ele. Um sacerdote exorcista, se

---

<sup>24</sup> Fanzaga, L. *L'affidamento a Maria*. Edizioni Ares, Milano, 2005, p. 56.

quiser ter uma grande ajuda do Alto, deve ter um amor ilimitado por esta Mãe, deve imergir-se no seu espírito, no seu candor, na sua plenitude de graça, viver no seu Coração Imaculado, para viver mais estreitamente unido a Cristo, e assim esmagar sempre a cabeça da serpente inimiga demoníaca. Quantos exorcistas enamorados de Maria ouviram o demônio dizer: "Se não fosse por Ela, o que te faria eu! Ela não me permite tocar-te!" E que consolação é, para um exorcista, ouvir dizer com grande repugnância do demônio: "Ela (ou seja, Maria) ordenou-me dizer-te que te ama e te abençoa".

## Considerações finais

Um dia, enquanto exorcizava, fiz uma oração espontânea dizendo: "Senhor Jesus, tu amas tanto esta nossa irmã: tem piedade dela". Logo o demônio respondeu: "Também eu a amo. A meu modo!" Conhecendo os sofrimentos físicos que havia infligido naquela mulher, compreendi mais que nunca que para o demônio – sendo ele expressão pura do ódio, da inveja e da maldade – amar significa atormentar. É esta a condição dos nossos irmãos e das nossas irmãs oprimidos pelo demônio, a de ser atormentados por ele. Quando exerço o ministério pastoral dos exorcismos e me certifico de uma realação extraordinária do demônio, enquanto experimento uma profunda compaixão para com aqueles que tão atrozmente sofrem, sinto ao mesmo tempo todo o ímpeto de quem vai em socorro de uma vítima, junto com uma profunda gratidão nos confrontos do Cristo libertador. É ele de fato que, graças à sua santa Igreja, nos dá a possibilidade de prestar

esta obra de socorro e de libertação em favor daqueles que padecem tal forma de sofrimento, tão particular, provocada pelo grande opressor da humanidade.<sup>1</sup>

O exorcismo é uma forma de caridade para com pessoas que sofrem; a CEI, no n. 16 da *Presentazione* [Apresentação] do *Rito degli esorcismi e preghiere per circostanze particolari* [Rito dos exorcismos e orações para circunstâncias particulares], diz que “o fiel que pede o exorcismo é um membro da comunidade, um daqueles membros que a comunidade deve amar com um amor preferencial: quando está em poder do Maligno, de fato, ele é o mais pobre dos pobres, necessitado de ajuda, de compreensão e de consolação”. Seguindo este convite dos bispos italianos, eu encorajo quem está atormentado pelo demônio a um ato de total, absoluto e incondicional abandono a Deus e à oferta dos próprios sofrimentos a ele, com a certeza de que de tanta dor lhe virá um grandíssimo bem, para si e para os seus queridos, vivos e falecidos, para a Igreja e para a humanidade inteira. Ao mesmo tempo o tranqüilizo, recordando-lhe que mesmo se puderem existir momentos difíceis, com o seu esforço espiritual, a opressão da qual sofre se aliviará sempre mais. Depois o confio, entre um exorcismo e outro, ao acompanhamento do “Centro de

---

<sup>1</sup> O clero é chamado a superar uma interpretação reduitiva, espiritualista, intelectualista, racionalista ou sociopolítica que seja, da palavra de Deus que proclama “Livrar o oprimido das mãos do opressor” (Jr 22,3); aqui se esquece com muita facilidade que, continuando na Revelação, o primeiro dos opressores para todos os efeitos continua sendo o demônio (Dermine, F. *Il discernimento degli spiriti, in Esorcismo e preghiera di liberazione*. Edizioni ART con Editrice Shalom, 2005, p. 103).

Escuta” e o recordeo quotidianoamente na celebração da santa missa e nos outros momentos de oração.

Quando se está diante de formas de tormento tão cruéis de um ser humano, ver gradualmente reencontrar a paz e a tranqüilidade pessoas que tinham procurado inutilmente durante anos – consultando médicos, psicólogos, psiquiatras e psicoterapeutas e, não obstante, também talvez bruxos, magos e charlatões – a libertação dos males que os afligiam, seja sobretudo vê-los seguir um caminho de fé tão rico e profundo que nunca teriam percorrido sem viver aquela experiência tão única e singular de sofrimento, tudo isto representa, para o exorcista e para a equipe que o acompanhou e para a própria pessoa libertada, verdadeiramente um motivo de grande alegria.

E exatamente com um convite à alegria quero encerrar as últimas páginas deste meu estudo. O Evangelho, de fato, não é um anúncio de tristeza, mas de alegria, porque Cristo Jesus veio ao mundo para destruir as obras do diabo e para chamar-nos a participar, por meio dele, da alegria indescritível que é a plena, perfeita comunhão beatífica com o Pai no Espírito Santo. A libertação dos nossos irmãos e irmãs oprimidos pelo demônio, dos quais a comunidade cristã deve se encarregar, antes de tudo naquela primeira forma de caridade que é a oração e a penitência, prefigura a libertação definitiva e total da humanidade em relação ao poder de Satanás no fim dos tempos. A libertação dos irmãos é só um dos aspectos da luta de Jesus contra Satanás: é ela muito mais extensa que a simples infestação, vexação, obsessão e possessão demoníacas,

sendo uma libertação global de tudo o que Satanás suscita para oprimir o homem, no seu ser de filho de Deus. Esta grande “guerra de libertação” já vencida por Cristo na cruz, trará para o mundo a realização definitiva e total no fim dos tempos. Cristo está sempre vivo e presente no meio de nós: “Eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28,20). Virá um dia em que esta sua presença, agora invisível, mas real, tornar-se-á imprevistamente visível; aparecerá no céu o seu sinal, a Cruz (cf. Mt 24,6) e ele se manifestará com todo o seu poder e a sua glória (cf. Mt 24,24; 1Ts 5,1-3; 2Ts 2,1; 1Cor 1,8; 2Cor 1,14). Será a realização solene da história, profundamente desejada por todos aqueles que amam a Deus (cf. 1Cor 16,22; Ap 22,20). O mal será completamente desmascarado. As fileiras do demônio naquele dia serão definitivamente derrotadas, com a vitória final de Cristo e de Maria Santíssima sobre Satanás. A mentira deixará de prevalecer sobre a verdade, os soberbos deixarão de espezinhar os humildes, a justiça será restabelecida plenamente. “A serpente antiga, o diabo, será lançado nas labaredas do fogo que será trancado: ali permanecerá para todos os séculos dos séculos” (cf. Ap 19,20; 20,10; 20,14) e com ele irão todos aqueles que entre os anjos e os homens o tenham seguido (cf. Mt 25,41). O reino de Deus triunfará para sempre sobre o reino do diabo.

Naquele dia, todos os que estavam no paraíso, no purgatório no inferno, por intervenção da onipotência de Deus, recuperarão o corpo, o qual será chamado a existir participando do prêmio ou do castigo que já tinha sido designado à alma: “Vem a hora em que todos

os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz [de Jesus]: os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida, e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados" (Jo 5,28-29).

Se tu, querido irmão, querida irmã, que estás lendo, como espero e te auguro, estiveres entre aqueles que ressuscitarão para a vida, a tua alma recuperará o corpo livre de toda imperfeição, belíssimo, eternamente jovem, fulgurante daquela luz mesma de Deus Trindade que da tua alma se irradiará sobre ele, tornando-o luminosíssimo. Verás Jesus através dos olhos do teu corpo ressuscitado e estarás na plena comunhão com ele. Permanecendo tu mesmo, com a tua personalidade humana e com a tua identidade única e irrepetível, serás semelhante a ele, porque do teu rosto irradiarás a infinita e encantadora beleza do seu rosto. É o que descreve o apóstolo João quando diz: "Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é" (1Jo 3,2).

O teu corpo estando na perfeita felicidade e plenificado pela glória de Deus, não poderá mais sofrer: "Não teremos mais fome, nem teremos mais sede, nem nos atingirá o sol, nem calor de espécie alguma" (cf. Ap 7,16). Deus "enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque passou a primeira condição" (cf. Ap 21,4). Não existirão mais aqueles males físicos, morais e sociais que desde o momento do pecado original sobrecarregam a vida sobre a terra; não serás tocado por mais nenhum mal

nem pela morte, mas só pelo Bem que é o próprio Deus, por ti contemplado e possuído com alegria infinita.

Extraordinárias, pois, serão as qualidades dos nossos corpos gloriosos: como o corpo ressuscitado de Cristo se deslocava em um átimo de um lugar para outro e penetrava os corpos materiais (por exemplo “as portas fechadas”, como lemos em Jo 20,19; 20,26), assim o teu corpo será ágil, perfeitamente submisso e aderente à alma, que poderá transferi-lo de um lugar para outro, movendo-o com suma rapidez. E, livre dos limites da matéria no estado presente, poderá atravessar os corpos sólidos de maneira semelhante a um raio de luz que atravessa o vidro. O profeta Isaías parece preanunciar tudo isto quando escreve: “Mas aqueles que contam com o Senhor renovam suas forças; ele dá-lhes asas de águia. Correm sem se cansar, vão para a frente sem se fatigar” (Is 40,31).

A vida como ressuscitados com o corpo glorioso é o que de maior e de mais extraordinário Deus Trindade preparou para nós: é uma realidade que apagará todo nosso desejo, saciará toda exigência do nosso coração, que anseia amar e ser amado sem medida; satisfará toda exigência da nossa mente, que quer conhecer tudo sem limite nenhum; saciará toda exigência do nosso espírito, que quer imergir-se no infinito e no eterno, para chegar ao estado de felicidade suprema e definitiva. Na glorificação do teu corpo e na visão beatífica que terás da Santíssima Trindade, Deus – Pai, Filho, Espírito Santo – doar-se-á totalmente a ti, de maneira direta e sem véus, e na sua posse gozarás uma alegria indescritível. O que de maior, de mais belo, de

mais maravilhoso, de mais puro e de mais elevado tu podes desejar querer, a Santíssima Trindade o dará a ti, na perfeita condissão e participação da sua natureza divina.

Santo Agostinho, procurando dizer alguma coisa sobre a beleza e a felicidade indescritível que aguarda aqueles que estarão com o Senhor na vida eterna, escreveu no *De Civitate Dei*, 22,30: "Lá em cima, repousaremos e amaremos; amaremos e louvaremos. Eis o que haverá no final, mas sem fim. Que outra coisa será, de fato, o nosso fim senão chegar ao reino que não tem fim?" A vida sobre a terra Deus Trindade no-la deu para preparar-nos para tudo isso. É para isto que nos criou. Desejo para ti que, quando deixares a existência terrena, pelos méritos adquiridos nesta terra, Deus Pai-Filho-Espírito Santo, te dê a bem-aventurança do céu; e quando Cristo Senhor se manifestar para o juízo final, te dê a ressurreição do teu corpo para a vida eterna.

# Apêndice I

---

## **Testemunhos úteis para aprofundar o discernimento e a distinção entre as falsas e as verdadeiras possessões**

Tudo o que eu disse até agora, entendo que possa já ser bastante útil para distinguir as verdadeiras das falsas possessões. Transcrevo agora uma série de testemunhos, que espero contribuirão para facilitar posteriormente essa distinção fundamental.

Já vimos anteriormente vários exemplos narrados pelo padre Gabriele Amorth. Um último episódio, que aqui narro, entre os muitos por ele narrados, é o seguinte significativo caso de autoconvicção, para uma possessão claramente inexistente: "Para algumas bênçãos, veio a mim uma mulher, acompanhada pelo marido. Vinham de longe e com não pouco sacrifício. Fazia muitos anos que a mulher estava aos cuidados dos neurologistas, sem nenhuma melhora. Depois de algumas perguntas, vi que

podia proceder ao exorcismo, mesmo que já tivesse sido exorcizada por outros, mas sem sucesso. No início, caiu por terra e parecia ter perdido a consciência. Continuando nas orações introdutórias, de vez em quando se lamentava: 'Quero um verdadeiro exorcismo, não estas coisas!' No princípio do primeiro exorcismo, que começa com as palavras *exorcizo te*, acalmou-se satisfeita; estas palavras evidentemente tinham permanecido impressas depois dos exorcismos precedentes. Depois começou a se lamentar por uma dor nos olhos: todas atitudes, estas, certamente não concordes com as dos possessos. Quando retornou, nas vezes seguintes, não sabia mais dizer-me se o meu exorcismo havia produzido nela qualquer benéfico efeito ou não. Para maior segurança, antes de a despedir definitivamente, acompanhei-a um dia ao padre Cândido: depois de ter-lhe colocado uma mão em sua cabeça, ele me disse que ali o demônio não tinha nada a ver. Era um caso para psiquiatras, não para exorcistas”.

### *Testemunhos do padre Giancarlo Gramolazzo*

Um fato, no qual se evidencia uma real e forte possessão, nos tempos em que eu colaborava com o padre Cândido, é aquele de uma criança de quatro anos que, entre outras coisas, tinha barba como adulto, falava com voz de adulto, dava saltos impressionantes e levantava armários que nem mesmo um adulto sozinho teria conseguido levantar.

Um caso de falsa possessão, ao invés, é o seguinte: um dia um sacerdote me apresentou, justamente preo-

cupado, uma jovem da sua paróquia, uma garota muito esforçada e muito religiosa, que há um pouco de tempo apresentava inexplicavelmente sintomas pouco claros e preocupantes: falta de apetite injustificado, falta de motivação para fazer qualquer coisa, tendência ao isolamento do grupo paroquial, mesmo continuando a fazer parte dele. Mas, o que mais realmente o preocupava, era a manifestação de uma forte aversão ao sagrado, quando entrava na igreja, quando rezava, etc. Pediu-me que a exorcizasse porque, fazendo-lhe uma oração de libertação, havia percebido que a moça tinha fortes reações. Comecei a oração: começaram logo os fenômenos que encontramos quando benzemos algumas pessoas muito perturbadas pelo demônio. Todavia reparei que havia alguma coisa que não me convencia. Parei a oração, pedi que me deixasse falar com a jovem em particular, e a ajudei a que dissesse o que é que lhe pesava no coração. Violentada, depois de ter sido embriagada por um jovem insuspeito do grupo paroquial, percebeu que estava esperando um filho ela que desejava tanto chegar ao matrimônio virgem. Caiu em uma crise depressiva, abortou. Ninguém se apercebeu de nada. Drama sobre drama, ela se confessava regularmente, mas não confessava nunca o acontecido. Toda a sua preocupação estava em procurar esconder o que lhe tinha acontecido. Tendo lido vários livros sobre exorcismos, acabou por somatizar os efeitos exteriores. Sofria realmente, mas não era certamente endemoninhada. Devia só confessar-se e assim fez. Concordamos sobre a maneira de terminar a oração, para assim salvar tudo. A oração terminou com

um compreensível grande grito de libertação. Daquele momento em diante, não era mais endemoninhada e todos o acreditaram, mas ela nunca o tinha sido, devia só fazer uma confissão sincera. Tinha aquilo que eu chamo de “possessão do coração”.

Um outro caso de falsa possessão é este: um dia dois genitores me trouxeram a filha de 18 anos, muito agitada. O seu pároco me havia falado dela dias antes, pedindo-me o favor de dar uma bênção para ver o que acontecia, visto que a moça era insustentável, diabolicamente irascível diante de quadros de santos, que invariavelmente despedaçava; não orava, blasfemava, manifestava uma violência inaudita; na igreja, nada dava certo com ela, etc. Tinha todos os sintomas de uma endemoninhada. Comecei a oração de exorcismo, visto que com ela eu não conseguia falar: logo tornou-se violenta, revirava os olhos, babava, etc. Pareceu-me que havia alguma coisa que não se enquadrava. Interrompi a oração, acalmou-se, comecei a interrogá-la de uma maneira muito espirituosa. Para abreviar o assunto, a jovem me revelou que sofria de forte ciúme em relação a sua irmã, considerada mais bela que ela, e estava convencida de que seus pais tivessem ou agissem com parcialidade e pensavam somente na irmã dela. Para atrair a atenção dos genitores para com ela, não encontrou outra maneira senão fingir-se endemoninhada. Visto que fazia parte de um grupo de oração, onde se falava muito de todas as coisas estranhas que um endemoninhado realiza, e tendo também lido livros sobre o assunto, pensou reproduzi-los em suas atitudes. Tinha aprendido bem

a lição e como atriz esperta desempenhava o seu papel de maneira magistral e magnífica.

Um outro caso autêntico de possessão, ao contrário, é o seguinte: uma vez me encontrava falando mais ou menos com uma pessoa que me havia sido apresentada, para examiná-la. Falávamos de coisas comuns, e de quando em quando eu fazia alguma pergunta concernente ao assunto. Depois, fiz sobre ela um simples sinal da cruz: a pessoa caiu imediatamente da cadeira, encolhida entre os quatro pés da cadeira, de um modo que também um ágil contorcionista, penso eu, teria tido dificuldade humanamente em imitá-la. Tinha também perdido momentaneamente os sentidos, pelo que, quando se reanimou, admirou-se e me perguntou o que é que ela estava fazendo debaixo da cadeira e como é que tinha conseguido acabar ali. Eu não soube o que lhe responder, assim, perguntei-lhe eu o que estava fazendo debaixo da cadeira. Repeti o sinal da cruz outras duas vezes com o mesmo efeito. Então pensei bem em começar o exorcismo. O que aconteceu eu deixo ao menos em parte imaginar: um braço começou a rodar por sua conta, como se fosse um corpo estranho; assim também a cabeça e, sobre as mãos e sobre os braços, apareceram uns sinais estranhos. Os exorcismos duraram dois anos. A pessoa fizera parte, no passado, de uma seita satânica – e ninguém sabia disso – dentro da qual tinha alcançado postos de relevo, e estava progredindo nos graus para se tornar sacerdotisa. Tinha-se assustado, porque deveria submeter-se a um rito sangrento, e por isso fugiu. Durante alguns rituais específicos, tinha oferecido e

tinha colocado a serviço incondicional de Satanás a sua inteligência e a sua vontade. O acompanhamento na fé não foi, e não é ainda hoje, fácil.

Para concluir, narro um último caso de real e forte possessão: um pároco, empenhado na recuperação dos jovens extracomunitários, apresentou-me uma jovem nigeriana que, como tantos compatriotas seus, rumara para a Itália para trabalhar, mas, enganada pelos seus patrícios, encontrou-se trabalhando junto das estradas. Sem passaporte, foi ameaçada com violências e aterrorizada com ritos vudu, realizados em sua presença. Arrancada dos seus atormentadores, a seguir quis tornar-se católica e ser batizada. O pároco me narrou fenômenos estranhos que pouco depois começaram a acontecer a essa jovem: transformava-se completamente, parecendo uma outra pessoa, com voz totalmente masculina; tinha estados de sonambulismo inexplicáveis, e outras manifestações inquietadoras. Eu a exorcizei. Durante o exorcismo se comportava como uma serpente, algumas vezes levitava, falava perfeitamente em italiano, coisa que normalmente não fazia, entendia até mesmo o dialeto que se fala na minha aldeia natal. Exorcizei-a durante um ano. Na Nigéria, tinha sido consagrada aos espíritos desde o seu nascimento.

### *Testemunhos do padre Alfonso Santoriello*

Em 1994, durante o Ano Mariano extraordinário anunciado na diocese, o bispo me encarregou de ajudar o reitor de um santuário. Era a festa da Assunção de

Nossa Senhora e, durante a santa missa, uma mulher, no momento de receber a eucaristia, rangeu os dentes, começou a esquivar-se, cuspiu em mim e tentou me agredir, mas foi impedida pelos familiares. No fim da missa, enquanto colocava no lugar os cálices litúrgicos, aquela mulher me foi levada à sacristia. Assim que me viu, rangeu novamente os dentes e começou a me ameaçar e cuspir em cima de mim como já havia feito durante a celebração. Com simplicidade perguntei à mulher: “Mas quem és tu?” E uma voz grave, com um timbre marcadamente masculino e cavernoso, me respondeu através da mulher: “Eu sou Beelzebul, Satanás e o espírito da ansiedade”. Como quem está brincando, eu disse: “Prazer em conhecê-lo, sou o padre Alfonso!” A essa resposta aquela voz reagiu com mais pesadas invectivas em relação a mim. Eu então disse: “Ah, está bem, tu tens necessidade de brincar!” Como se o tivesse feito de propósito, pouco antes, tendo percebido que o baldinho da água benta estava vazio, eu o havia enchido com água, mas não tive tempo de benzê-la: nenhum deles, porém, podia sabê-lo. Respinguei-lhe no rosto daquela água, ainda não benta. Normalmente, quem vê um sacerdote com aspersório e água em um baldinho, não pode senão pensar que é água benta, mas aquela voz que falava através da mulher, depois de ter pronunciado um palavrão, disse: “Lavo o assento com esta água que tu não benzeste!” Aquela voz demonstrou claramente que sabia que a água daquele baldinho não estava benta. Isto foi um primeiro sinal de que aquela mulher não estava afetada por uma doença psíquica. Eu me perguntei como é que o demônio o

descobriu, deixando-se assim descobrir. Recordo que eu tinha pedido ao Senhor, no momento da comunhão eucarística e depois no momento seguinte de oração, que me ajudasse a compreender se aquela mulher estava verdadeiramente possuída por uma perturbação do Maligno ou se era simplesmente uma mulher doente, e entendo que aquela foi uma sua primeira resposta à minha oração: constranger o demônio a me dar uma indicação sobre a sua real presença. Com os familiares que a acompanhavam e com expressa autorização do meu bispo, para um eventual exorcismo estabelecemos um outro encontro. Quando nos encontramos de novo levaram-me também um jovem que me foi apresentado como endemoninhado: para ele, porém, eu não tinha nenhum indício prévio. No santuário, iniciei, de portas fechadas, o exorcismo para ambos. A mulher, no momento dos comandos imperativos dirigidos ao demônio em latim não respondia, mas sibilava como uma serpente e depois expelia o ar como esponja e o seu corpo assumia a forma como se fosse um saco plástico que se submete à técnica do "saco-roto". No momento em que perguntei, sempre em latim, o nome; a mulher não respondeu, ao passo que o jovem disse: "Pergunta-o a mim, pergunta-o a mim, que eu te respondo!" Estas palavras me deram uma primeira suspeita de um provável fingimento do rapaz. O jovem, de fato, tendo freqüentado muitos outros exorcistas, havia aprendido de memória as palavras: "dicas me nomen tuum". A resposta que dava não correspondia àquela que normalmente o possesso exprime quando ali está verdadeiramente o demônio: e é o seu nome específico

(por exemplo, Asmodeu, Azazel, Lúcifer, etc.). O jovem respondia genericamente: "o demônio". Anteriormente, ao longo do caminho que conduz ao santuário, vendo uma lasca de madeira na beirada do caminho, veio-me a idéia de recolhê-la e de envolvê-la em um pano. Tirei então fora do bolso aquele objeto e disse: "Eis a relíquia da Santa Cruz" e a apoiei sobre a sua cabeça. O jovem exclamou: "Tira-a, tira-a, ela me queima!" Este foi um segundo indício sobre o fingimento do rapaz. Quando ao invés a apoiei na frente da mulher, da qual suspeitava uma real possessão, riu na minha cara como para dizer-me: "Que pensas tu fazer com este pedaço de pau?" Um terceiro teste foi o seguinte: eu tinha comigo uma campainha que eu havia benzido e comecei a tocá-la. A pessoa verdadeiramente endemoninhada gritou: "Basta, basta, basta, a voz de Deus não a quero ouvir!"; o jovem, ao invés, me perguntou imediatamente se podia ele tocar a sineta. Este último comportamento me havia já convencido de todo que o rapaz apresentava apenas uma simulação. Todavia, para evitar qualquer dúvida, quis recebê-lo ainda uma vez para uma última e definitiva verificação. Fingi ler o ritual: na realidade li um livro de poesias em latim e ele igualmente reagia movendo-se e urrando. Depois desse último teste, não tive mais nenhuma dúvida sobre a falsa possessão e convidei os seus familiares a levarem o rapaz a um médico.

Uma outra vez trouxeram-me um garoto de 11 anos cujos médicos atestavam não estar doente: externamente, porém, aparecia com todos os sintomas de autismo. Nele, descobri tanto a doença psíquica

quanto uma ação extraordinária do demônio. Quando, de fato, dirigi mentalmente ordens ao demônio, o rapaz me respondia de maneira vulgar ou rangendo os dentes. Um dia, senti dor de estômago, mas ninguém sabia. Depois de uma ordem que lhe havia dado mentalmente, aproximou-se e com uma risada de escárnio me deu um soco exatamente no lugar dolorido do estômago. Depois se pôs a rir e exclamou: “Desta vez eu te peguei!”

Uma vez, levaram-me uma menina de três anos: tinha a caixa craniana maior do que normalmente têm os meninos e meninas dessa idade. Era muito exigente, nunca havia falado, gesticulava somente, esboçando de vez em quando expressões incompreensíveis. Os médicos tinham diagnosticado uma forma particular de autismo. No momento em que lhe impus as mãos sobre a cabeça e lhe perguntei mentalmente em latim: “Dize-me o teu nome”, logo começou a dizer “Não, não, não”. Não tinha jamais dito “não” antes desse momento. Continuei a falar mentalmente e lhe ordenei sempre em latim: “Cede a Deus”. A menina de novo: “Não, não, não”. Então, na dúvida, comecei a falar-lhe de maneira audível e disse: “Tu gostas de Jesus?” E a menina respondeu: “Não, querojo!” Havia acrescentado duas palavras mais que nunca havia pronunciado antes disso. Continuei a falar-lhe verbalmente e disse: “Como te chamas?” E ela: “E tu como te chamas?” Os pais estavam admirados. Também neste caso, como no caso do garoto de 11 anos que já descrevi, a menina sofria de uma forma de autismo, agravada por uma real presença maléfica.

Por outro lado, um grande e desconcertante caso de falsa possessão, que desmascarei, é o seguinte. Um dia, a mim, com os seus pais, alguns tios e com alguns primos, uma jovem de 25 anos aproximadamente. Os familiares me disseram que ela fazia tempo que vinha recebendo exorcismos, durante os quais se desencadeava, urrava, se cortava e devia ser mantida firme por cerca de cinco pessoas fortes. Enquanto eles falavam, comecei a dar mentalmente ordens contínuas ao demônio, caso ele estivesse presente, mas não se manifestava o mínimo sinal da sua presença. O que mais me parecia estranho era que, enquanto eu continuava a dar ordens ao demônio eventualmente presente, a jovem, ao invés, me descrevia as coisas com grande calma. Num certo momento eu disse à jovem: "Que tens tu entre os cabelos? Tens alguma coisa!" E a jovem: "Padre, tire-a". Com a desculpa de que lhe precisasse tirar aquela coisa, apoiei a mão sobre sua cabeça e dei mentalmente ordens ainda mais enérgicas ao demônio. Mas como me haviam descrito as reações da jovem durante os exorcismos que recebia, ao menos então certamente deveria acontecer alguma coisa e, ao invés, continuou a permanecer tranqüila. Dirigi-me aos familiares e pedi que me deixassem falar a sós com a moça, mas eles se assustaram: "Padre, se se desencadear pode causar-lhe mal". Eu respondi: "Não vos preocupeis, é Deus que nos protege!" Assim que saíram, eu disse à jovem: "Deixa-me entender uma coisa: essa encenação de endemoninhada onde é que tu a aprendeste?" A jovem, admirada e ao mesmo tempo assustada com a minha rápida compreensão do seu fingimento, disse: "Padre,

como é que o senhor descobriu?” E eu lhe respondi: “Desde quando aqui estás, não deixei passar um instante sem orar e tu não fizeste nada daquilo que tu e os teus familiares me disseram”. A jovem depois me explicou que havia aprendido a sua maneira de fingir freqüentando uma igreja na qual se faziam orações de libertação e onde freqüentemente chegam pessoas que, à vista de todos, manifestavam reações violentas e urravam. Não só: tinha tão habilmente aperfeiçoado a representação de falsa possessa que, quando se dirigia ao exorcista que tinha sido enganado por sua tramóia e que a recebia para os exorcismos já há quase um ano, o fingido demônio procurava condicionar o mais possível o mesmo exorcista e os seus colaboradores. Ameaçava-os, de fato, dizendo que, voltando para casa, iria se vingar, enchendo de susto os pais: coisa que, depois, ela procurava realmente fazer.

Havia criado toda esta encenação porque havia se casado com um jovem que ela amava, mas que se drogava e que era ele mesmo vendedor de droga. Esperava, casando-se com ele, tirá-lo daquele mau caminho, mas os pais nunca tinham aceitado aquele matrimônio, tanto que se encontraram com ele só no dia do casamento, e depois não quiseram mais saber de vê-lo e insistiam freqüentemente com a filha para que o largasse. Ela, então, pensou em fazer crer que estava possessa do demônio, na esperança de que o marido, vendo que o demônio existia realmente, abandonasse o caminho do mal. Além do mais, tinha intuído que a situação provocada pela falsa possessão demoníaca teria criado momentos de encontro entre o marido e

os seus pais para ajudá-la, como de fato aconteceu, e esperava que os pais dela finalmente fizessem as pazes com ele. Os pais, porém, na necessidade de socorrer a filha, mesmo começando a encontrar-se com o genro, convenceram-se que a filha tinha caído vítima do demônio por causa do marido e, portanto, continuaram a insistir com ela para que o abandonasse.

Um último e interessante episódio de real possessão, que recorro ter encontrado, é este. Fui chamado por pessoas amigas, que me quiseram submeter um caso de particular delicadeza, para o qual os melhores pediatras da área não eram capazes de fornecer explicação nem encontrar uma cura eficaz. Tratava-se de um bebê de oito meses, o qual, desde o nascimento, chorava noite e dia, comia e vomitava, a ponto de que seu pai havia decidido abandonar a família, deixando a mulher com os outros filhinhos no mais absoluto desespero. Deve-se especificar que as análises demonstravam-se sempre normais, tanto que os médicos se admiravam de como a criança podia sobreviver sem comer. Preocupava grandemente os pais também o fato de que, quando brincavam com ele, como em geral se faz com as criancinhas, ele não havia nunca esboçado um sorriso. Entrei na casa da criança numa quinta-feira de noite, levando comigo uma imagem do Coração Imaculado de Maria. Depois de ter apoiado a imagem no altarcinho, preparado pelos familiares para aquela ocasião, começaram a verificar-se os fenômenos, que chamá-los de estranhos é dizer pouco. Havia ali um lampadário com sete lâmpadas acesas que passaram a funcionar de maneira intermitente. Explico-me melhor: Ao traçar

o sinal-da-cruz, enquanto eu dizia "Em nome do Pai" quatro lâmpadas se apagaram e três permaneceram acesas, emanando, todavia, uma intensidade tão forte, que parecia estivessem para explodir; quando disse "e do Filho" as três lâmpadas que tinham permanecido acesas se apagaram e as quatro que tinham se apagado acenderam-se, tornando-se incandescentes, a ponto de parecer que também elas estivessem para explodir; quando eu disse "e do Espírito Santo" acenderam-se todas as sete com a mesma fortíssima intensidade luminosa, diferente daquela que as lâmpadas normalmente têm. Procurei refazer o sinal-da-cruz em um outro aposento da casa, onde existia uma lâmpada só e também ela começou a se tornar intermitente e a desprender uma luminosidade fortíssima. Tudo isto acontecia sob os olhos dos presentes, que se assustaram muito: precisei esforçar-me não pouco para convencê-los a permanecerem calmos. Aproximei-me, portanto, do menino, procurando traçar sobre ele um sinal-da-cruz, mas imediatamente mostrou um rosto brutal como o de um adulto raivoso. Desconfiado, peguei as relíquias que havia levado comigo e, sem que o percebesse, aproximei-me com elas do lado do menino. Imediatamente o pequeno grunhiu e ao mesmo instante tentou dar-me um murro no olho. Os pais estavam literalmente aterrorizados porque antes daquele momento não tinham visto nunca o seu filhinho comportar-se daquela maneira assustadora. Os fenômenos que aconteciam diante dos nossos olhos não deixavam nenhuma dúvida sobre uma presença extraordinária do maligno. Falei disso ao meu bispo,

o qual me autorizou a proceder os exorcismos ao menino. Iniciei no dia seguinte. O êxito foi positivo. Nos exorcismos, feitos na casa da criança com a duração de três dias, o Senhor manifestou a sua grandeza e poder. O menino foi libertado e pela primeira vez, com oito meses de idade, esboçou um sorriso e continuou a viver como uma criança normal. Agora é um pré-adolescente e passa bem.

O que eu queria salientar e apresentar à vossa atenção são os objetos enfeitiçados que emergiram por ocasião deste exorcismo. Tratava-se de pequenos saquinhos costurados, fornecidos como talismãs por bruxos, aos quais se tinham dirigido os pais: um, quem o tinha era o pai da criança que o trazia na carteira, e os outros dois se encontravam colocados nos respectivos criados-mudos, no quarto de dormir. Sobretudo, porém, chamaram-me a atenção três suspeitas máscaras de pau, apoiadas sobre a lareira, para decorar e embelezar o fogão da cozinha: uma maior no centro com uma de cada lado, compradas pelos pais da criança de ambulantes de cor, alguns anos atrás em uma viagem que fizeram a Rimini. Cheios de curiosidade e atraídos por uma estranha dança, aparentemente folclórica, que estavam dançando na praia os ambulantes de cor, aproximaram-se deles: pela descrição que me foi feita, compreendi que, na realidade, se tratava de um rito de vudu. É claro que os pais não conheciam o perigo que esse rito escondia e não imaginaram certamente as conseqüências que, dali a um ano, teriam produzido. Aquelas máscaras, trazidas pelos ambulantes, estavam colocadas ali em bela posição

pelos malfadados compradores, ignorantes do perigo que aquilo representava. Foi o Maligno em seguida que revelou o segredo. Durante o exorcismo, de fato, aquelas máscaras começaram a emanar uma fedentina e, com grande admiração dos pais, a mesma fedentina se desprendia também da pele do menino enquanto se libertava da presença do Maligno. O outro fato curioso foi que, quando botei no fogo aquelas máscaras, precisei orar intensamente com muita fé no Senhor, porque, não obstante fosse derramada sobre elas benzina, que os camponeses empregam para os tratores, as chamas se esquivavam e não as queimavam. Só quando, num certo ponto, me veio à idéia de aspergir sobre o fogo água benta, então finalmente se incendiaram e se consumiram. Para concluir: deve-se considerar que o início dos males, naquela família, começou quando três máscaras foram adquiridas e conseqüentemente levadas para casa.

Ao fim deste testemunho, a respeito do discernimento, diz o padre Alfonso:

Imponho as mãos em silêncio e mentalmente faço uma oração de libertação. Se o demônio está verdadeiramente, já não suporta as mãos consagradas na cabeça e quando a pessoa reage de uma certa maneira e responde aos comandos mentais, quem não pode conhecer, lá existe a sua presença. Alguns dizem: Mas o demônio pode esconder-se! Isto pode acontecer uma vez, mas na segunda, se ele lá esta, é sempre constrangido a dar algum sinal. Ele é o orgulhoso, soberbo por excelência e não suporta que uma miserável criatura humana, como é o sacerdote, seja revestido desta dignidade enorme e

lhe possa colocar as mãos na cabeça: então consegue esconder-se por bem pouco tempo, porque “explode” de raiva. Todavia individualizar a real presença da ação extraordinária do demônio, depende também da fé e da oração do sacerdote. O padre Gabriele Amorth, alguns anos atrás, em um Encontro Internacional de Exorcistas, referiu que às pessoas que ele recebe, a respeito do uso da água, do sal e do óleo bentos, diz sempre: “pouca água e muita fé, pouco sal e muita fé, pouco óleo e muita fé!” Isto vale não só para as pessoas perturbadas pelo Maligno, mas também para os próprios sacerdotes.

### *Testemunho do padre Fulvio di Fulvio*

Ele esclarece que não devemos nos iludir de poder resolver, com o exorcismo, todos os males que afligem qualquer pessoa, ou então todo fato insólito ou estranho que possa acontecer. Muitos males podem ser provocados por causas muito diversas, em particular pelas opressões da alma, as quais impedem viver os benefícios da redenção trazida por Jesus. Por isto é importante reconstruir a história de uma pessoa, para examinar os problemas no seu contexto, especificando os caminhos pelos quais, aqueles problemas, perturbações, danos, foram introduzidos e poder assim usar em consequência os meios mais adaptados para resolvê-los ou para repará-los. Ele cita vários exemplos. Vejamos alguns, assim como ele mesmo os conta.

Faz tempo, veio ver-me um homem com a mulher dele, a qual tinha recebido em outro lugar exorcismos já

há quase dez anos. Falamos uma hora e meia, depois fiz menção de despedi-los. Até aquele momento não havia falado com eles nem de diabos nem de exorcismos, mas, de vários assuntos: a mulher, porém, naquele ponto pediu-me o exorcismo. Então eu a conduzi diante do Crucifixo para uma breve oração. Assim que comecei a orar, ela começou a descabelar-se, a agitar-se, a blasfemar, a cuspir contra o Crucifixo; eu e o marido dela a seguramos, mas ela deu ponta-pés, atirando os sapatos contra o Crucifixo. O modo com que se haviam manifestado aquelas reações despertaram em mim suspeitas, levando-me a pensar em uma simulação. Dei-lhe dois piparotes no rosto e lhe disse que aquelas cenas não me agradavam. Despedindo-me, convidei-a a voltar ainda uma vez. Quando se apresentou novamente, pedi-lhe que me contasse um pouco da sua vida. Quando jovem tinha tido muitos pretendentes que queriam manter relações pré-matrimoniais, mas ela queria chegar virgem ao matrimônio. Aos 37 anos, porém, casou-se porque estava grávida. Depois do nascimento do segundo filho, começaram as perturbações. Quando terminou de me contar tudo isto, pus-me a orar, e ela começou a dizer palavras e a fazer gestos obscenos. Impus-lhe as mãos e orei dizendo: "Senhor, perdoa esta pobre mulher que nunca perdoou a si mesma, porque queria tanto chegar virgem ao matrimônio". Acalmou-se chorando e não teve mais reações. Qual era o caminho para a sua cura? Neste caso, o caminho para resolver o problema era a libertação da culpa.

Um outro caso semelhante é este. Uma vez veio um jovem que costumava fazer-se exorcizar com

freqüência. O sacerdote ao qual se dirigia, num certo momento, aconselhou-o a dirigir-se ao exorcista mais próximo. Convidei-o a conversar, mas ele escarneceu, mostrando todas as contrações do rosto que o perturbavam e começou também a fazer provocações. Então mencionei o exorcismo. Disse a uma irmã, que estava presente e que segurava o bastão: "Vem aqui: tu impões as mãos e eu agarro o bastão. Quando o diabo se agitar eu baterei nele". "Epa!, isso não?", falou ele. "Mas tu não sentirás nada!", falei eu. Quando ele se agitava eu levantava o bastão e ele ria e se acalmava. Então orei dizendo: "Senhor, ajuda este pobrezinho: sua mãe não gostou dele". Começou a chorar e abriu seu coração. Sua mãe não o tinha aceitado e nunca o tinha amado. Nós podíamos também aspergi-lo mais vezes com água benta, mas aquele jovem tinha dentro de si outros problemas dos quais devia se libertar.

Um pobre mecânico tinha uma mulher muito boa, que gostava um pouco do marido e gostava também um pouco de muitos outros homens... De vez em quando, sumia de casa, mas jurava ao marido que não fazia nada de mal com ninguém: era tomada simplesmente por "raptus affectivi" (arroubos afetivos) por parentes próximos. Uma tarde aquele homem teve a certeza de que a esposa o traía, exatamente com parentes próximos e enlouqueceu. Chamamos a ambulância e veio um médico para levá-lo. Ele agarrou o telefone e o atirou no médico, que fugiu com todos os enfermeiros. Eu me retirei para o quarto ao lado, tomei um Crucifixo, ajoelhei-me e mandei ao demônio que fosse embora daquela criatura. Depois de um pouco de tempo adormeceu,

dormindo até o dia seguinte. Quando despertou, não recordava nada do acontecido. Tinha simplesmente exorcizado aquele demônio para que se retirasse, e aquele demônio havia ido embora. Não havia outra solução: não se podia fazer sentar aquela pessoa junto da escrivaninha, fazê-la confessar, porque estava como que enlouquecida. Os caminhos de Deus são muitos: neste caso a solução passava através do exorcismo. É indispensável ser prudente e discernir, à luz do Espírito Santo, qual é a situação real caso por caso. Em certos casos, a solução é o exorcismo, em outros, ao invés, a confissão dos pecados nunca confessados (ou porque não são considerados pecados ou porque se tem medo ou vergonha de confessá-los, mesmo reconhecendo-os como pecados graves): todavia, feita uma boa confissão, certos incômodos desaparecem. Em outros casos, a solução é constituída, junto com a confissão, também pela cura interior, ou seja, pela cura das feridas que a pessoa traz no coração, provocadas por falta de afeto ou por medos ou por ódio ou por violências que sofreu. Em outros casos ainda, a solução é a oração pelos próprios falecidos; em outros, finalmente, é simplesmente o repouso, porque se está por demais estressado.

Continua o padre Fulvio: um caso de real ação extraordinária do demônio, que me ficou gravado mais que os outros, no qual houve necessidade de dar uma ordem ao demônio é o seguinte:

Uma mulher andava com dificuldade, porque tinha uma grave artrose em uma das pernas e estava sendo tratada por um especialista. Visto que o marido a traía, algumas amigas, pensando ajudá-la, tinham feito sessões

espíritas para ela, até que uma vez chegaram até mesmo a convidá-la a participar com elas, fazendo-a crer que estavam indo a um encontro de oração. Todavia, a seguir, aquela mulher recorreu também a um feiticeiro que lhe disse: "Olha, se tu mi deres 300.000 libras (estávamos em 1983 [antes da introdução do euro]), amanhã de noite aquela pessoa que te fez o mal farei cair em um despenhadeiro". Ouvindo aquilo, ela pôs as mãos nos cabelos e fugiu dali, mas o feiticeiro, enquanto a mulher ia embora ameaçou fazê-la pagar. Depois, começou a ser perturbada por vozes e gritos que lhe enchiam o cérebro, pelo que veio pedir-me uma oração de libertação. Ela se pôs de joelhos e eu lhe impus as mãos em sua cabeça dizendo: "Senhor, se existe um espírito do mal nela, em teu nome, que ele se vá". Ela bufou, agachou-se e depois se levantou, exclamando: "Agora eu me sinto libertada!" "Espera um pouco", disse-lhe eu, e continuei: "Em nome de Jesus Cristo, se existir um espírito do mal na origem desta enfermidade, que se vá embora!" Ela bufou de novo, agachou-se e depois de alguns instantes se levantou para ir sentar-se, mas caminhava bem. Então eu fiz que ela andasse para a frente e depois para trás por um pouco de tempo, na sala, e ela percebeu então que estava curada. Depois desse dia já se passaram 18 anos e, graças a Deus, continua caminhando bem.

Sempre neste discernimento, para individualizar as causas de certos fatos, o padre Fulvio explica que se descobre, às vezes, que alguma pessoa está "amarrada" porque perdeu pessoas queridas que nunca confiou ao Senhor ou porque recorreu a abortos, nunca confessados.

Uma vez falei com uma mulher cujo filho havia morrido há 35 anos e que não encontrava paz. A pobrezinha não queria saber de nada, estava desarvorada pela dor. Então, eu lhe perguntei: "Irmã, por acaso tu perdeste outro filhinho?" Respondeu-me ela: "Padre, eu matei outros dois filhinhos meus com o aborto e Deus me castigou, fazendo morrer também este que, ao invés, eu quis". Levando-a a confiar aquelas criaturas a Deus e a reparar os pecados passados, foi libertada daquele peso e manteve-se tranqüila e serena também pela morte do filho.

Existem mulheres que cometeram aborto e que apresentam perturbações, percebem rumores, e até mesmo sentem presenças maléficas que as perturbam. É necessário talvez o exorcismo, nestes casos? Se aquele mal entrou nelas pelo caminho do aborto, é necessário acima de tudo remover a causa específica, apresentando ao Senhor o pecado cometido, confessando-o, confiando-lhe aquele filhinho ou aqueles filhinhos abortados e reparando. Se depois os fenômenos subsistem, pode-se passar ao exorcismo.

Uma vez, veio ao meu encontro um jovem. Os pais dele não o quiseram; os sogros tinham-no feito trabalhar para organizar a sua casa e depois lhe disseram para se arranjar sozinho e que fosse cuidar da sua vida. O jovem caiu por isso em uma fortíssima depressão. Visto que estava tão aflito, aconselhei-o a perguntar a sua mãe se por acaso ela tinha perdido algum filho. Voltou na semana seguinte e me contou que não foi sua mãe que perdeu, mas a sogra é que tinha perdido dois filhinhos enquanto trabalhava nos campos. Verdadeiramente cerca de duas

vezes aconteceu-lhe sentir que lhe jogavam nas costas, por uma mão invisível, pedaços de argila, exatamente lá onde ela havia enterrado os fetos.

Pergunta-se ao padre Fulvio: o presente reflete acontecimentos passados? Parece que sim. Duas primas moravam em edifícios adjacentes; os pais delas tinham comprado uma casa de colônia muito grande e a tinham dividido pela metade, tornando-se assim duas moradias, uma para cada uma delas. As duas primas, quase todas as noites, apresentavam um fenômeno de paralisia noturna (que nós chamamos "pantafega"), pelo que se sentiam paralisadas e sufocadas por uma presença invisível, sem conseguir reagir ou mover nenhuma parte do corpo, embora entendessem tudo e estivessem plenamente conscientes. Vieram pedir-me uma oração. Visto que o fenômeno acontecia a ambas, pedi-lhes que me contassem a história da sua casa, para verificar se existia aí uma raiz comum para o seu problema. Da busca feita, resultou que um dos antigos proprietários tinha se suicidado naquela casa. Por sugestão minha mandaram celebrar missas de sufrágio por aquela alma e para pedir a Deus perdão por aquele pecado que aquela pessoa cometeu. Quando fui à casa delas, para benzê-la, elas sorrindo me asseguraram que aqueles fenômenos tinham desaparecido.

Um outro episódio significativo que recordo é este: Uma viúva e a filha dela, quando dormiam, freqüentemente sentiam-se possuídas sexualmente por uma estranha presença. A viúva preocupava-se sobretudo com o que acontecia à filha. Perguntei-lhe se por acaso, na sua família, alguém tinha feito mal a

qualquer mulher. Na minha experiência de exorcista, frequentemente constatei que um fato, por semelhança, recorda um outro análogo, acontecido no passado na família. Ela voltou e me disse recordar-se que, quando era menina, seu pai se divertia contando aos amigos que, durante a guerra, na África, junto com os outros seus companheiros, raptava e violentava as garotas africanas. Então fizemos juntos uma oração de perdão para o pai falecido, pedindo ao Senhor também reparar os danos provocados àquelas meninas violentadas. A mulher perdoou seu pai e pediu perdão ao Senhor por ele, assumindo as culpas do pai; aquelas pessoas inocentes, violentadas, efetivamente, gritavam por vingança na presença de Deus. Eu disse para a filha da viúva: "Pensas que naquele estado, teu pai (e disse à mulher: teu marido) possa ter se encaminhado direto para o Paraíso para cantar os louvores de Deus? Os pecados devem ser reparados!" Então fizeram celebrar algumas santas missas de sufrágio e realizaram obras de caridade em memória do defunto. À mãe, aquele fenômeno noturno terminou imediatamente; e para a filha cessou no decurso de algumas semanas, quando deixou de ter relações pré-matrimoniais com seu noivo. A moça por um tempo diverso, porém, continuou a sofrer de uma presença que a arrancava do leito, fazendo-a fazer coisas estranhas. Só então procedi ao exorcismo de toda a casa e o fenômeno acabou completamente. É importante notar que o fenômeno da violência física sexual desapareceu quando, através de sufrágios e boas obras, aquelas duas mulheres tomaram a seu cargo o pecado do falecido, pedindo a Deus não só

que o perdoasse, mas também que reparasse os danos acarretados por ele às vítimas.

### *Testemunho do padre Cipriano De Meo<sup>1</sup>*

O padre Cipriano De Meo, franciscano, é dentre os exorcistas italianos o mais idoso no exercício deste ministério que iniciou em dezembro de 1952, enquanto se encontrava no convento de Gesualdo na província de Avellino, onde lhe foi levada uma mulher possessa. Ele narra:

Devido à gravidade do caso, entendi necessário falar dele ao padre Pio por ocasião de uma excursão feita a San Giovanni Rotondo com os alunos do meu Seminário. Encontrei o venerando padre nas proximidades da cozinha. Cumprimentei-o e fiz com que o cumprimentassem também todos os confrades de Avellino que acompanhavam os seus alunos. Aproximei-me e lhe disse: “Padre, o senhor sabe que estou em Gesualdo, ali tenho uma mulher possessa...”. Padre Pio me interrompeu com o seu incisivo e bonachão modo de ser: “Embe?” Queria dizer: “Que queres?” E eu disse: “Queria trazê-la aqui, que é que o Senhor pensa a respeito?” Padre Pio respondeu: “Tenho tantos demônios ao redor de mim e tu queres me trazer também este? Orarei por ti, a fim de que não te canses”.

---

<sup>1</sup> As experiências de exorcista do padre Cipriano De Meo foram narradas em um volume publicado em 2006, com o título *Il divino e l'umano nella mia vita di esorcista*. Pode ser pedido à Grafica Francescana de Foggia ou ao próprio autor: Convento Cappucini – 76016 San Severo (FG).

No decorrer dos exorcismos, manifestou-se uma primeira presença que afirmava ser Satanás, depois a uma certa distância de tempo, em um período de cerca de oito ou nove meses, manifestaram-se, vez ou outra, mais três presenças que afirmaram ser almas danadas, disseram o seu nome e narraram as circunstâncias e os pecados que as teriam conduzido à condenação eterna, na realidade era um truque de Satanás, para fazer o novo exorcista perder tempo.

Se é verdade, como o Evangelho revela e a experiência demonstra, que uma pessoa pode ser possuída ao mesmo tempo por mais de um espírito demoníaco, é também verdade que um só deles pode fingir estar presente com outros produzindo vozes diversas e pode até mesmo fingir ser “a alma de qualquer santo ou de um defunto ou de um Anjo”.<sup>2</sup> Prossegue o padre Cipriano:

Convencido de precisar lutar contra quatro espíritos e conhecedor dos compromissos de professor no nosso Seminário, pensei nas dificuldades que estava arranjando para mim. A Providência veio ao meu encontro através de uma intervenção esclarecedora do padre Pio. Alguns dias depois o padre Agatangelo da Sant’Elia em Pianisi, que estava comigo em Gesualdo e era o meu vigário, iria dirigir-se a San Giovanini Rotondo.

---

<sup>2</sup> Cf. *Rituale Romanum. Titulus XII Normae observandae circa exorcizandos obsessos a daemónio*, norma n. 14. Uma coisa é invocar Nossa Senhora, os anjos, os santos, as almas do Purgatório, para que intervenham durante os exorcismos para ajudar o exorcista, outra coisa é que o demônio através do possesso, mudando a voz e a atitude, finge ser um santo ou um falecido ou um anjo bom.

Disse-lhe: "Por favor, lembre ao padre Pio o caso desta mulher endemoninhada. Soube durante os exorcismos que no seu corpo estão quatro espíritos maus: eu tenho as aulas, o Seminário, como fazer para atender às minhas obrigações?" O padre Agatangelo falou disso ao padre Pio, o qual, certamente por intervenção divina, respondeu: "Diz a Cipriano que não são quatro, mas um só, e é o verdadeiro diabo que responde com quatro vozes". A lição me serviu também para os outros casos posteriores: o Maligno é um ator maravilhoso, muda de tonalidade, de inflexão da voz, chora, ri, imita vozes de homens, de mulheres, de crianças. Devo agradecer ao padre Pio que me livrou de muitas armadilhas.

O arcepreste padre Gaetano Di Iorio e o doutor Martino Canonico, ambos de Villamaina, uma aldeiazinha nas proximidades de Gesualdo, um dia se dirigiram ao padre Cipriano para conversarem. Visto que eu estava ocupado em exorcizar, esperaram na igreja. O demônio, através daquela mulher, com voz masculina disse: "Vês aqueles dois? Não acreditam que eu seja o diabo".<sup>3</sup> Narra o padre Cipriano:

Respondi: "Que me importa se não acreditam em ti?" Ao terminar o exorcismo encontrei-me com os dois "incrédulos" e logo o doutor disse com ar de brincadeira: "Padre Cipriano, não percais vosso tempo, aquela é uma louca!" Do mesmo parecer era o arcepreste. Respondi: "Vós tendes o vosso modo de pensar, eu estou convencido do contrário". Os dois voltaram para

---

<sup>3</sup> O diabo é o chefe dos demônios, ou seja, Satanás, como vimos na p. 28.

casa para as suas costumeiras ocupações. O doutor saiu em visita a seus pacientes e de noite, depois de ter fechado na garagem o seu carro, subiu para a sua casa (situada acima da garagem) e estava indo para o quarto de dormir, para repousar.

Enquanto estava subindo a rampa das escadas ouviu estranhamente um ronco do motor do carro. Desceu para verificar aquilo, mas estava tudo em ordem; subiu de novo as escadas e na metade da rampa ouviu dois roncões do motor, voltou novamente para verificar. Viu que tudo estava em ordem, e pensou que fosse a canseira que o fazia ouvir o ronco de um motor que ele havia acionado durante o dia todo. Subiu para o quarto, estava para se enfiar na cama quando ouviu três outros roncões. Admirado e apavorado, pegou o revólver e desceu para a garagem pensando encontrar-se diante de um delinqüente, mas de novo na garagem tudo estava em ordem. Na manhã seguinte, o doutor e o arcipreste encontraram-se na pequena praça da aldeia, estavam trocando dois dedos de prosa. Viram passar a mulher que, acompanhada pela mãe, estava se dirigindo ao convento em que eu residia. O arcipreste perguntou: "Tu estás te dirigindo a Gesualdo para falar com o padre Cipriano?" A mulher não respondeu ao arcipreste, mas dirigindo-se ao doutor disse com zombaria e com voz masculina: "Eu te apavorei esta noite, einh?" O doutor, que não tinha dito absolutamente nada disso ao arcipreste, querendo manter a dignidade de profissional, respondeu: "Mas o que estás dizendo? Quem te conhece... Cai fora, ó tu!" Pouco depois, porém, o doutor disse tudo ao

arcipreste e, deixando-o na praça, de carro chegou ao convento antes da mulher que estava indo a pé. Contou-me tudo e acrescentou: "Padre Cipriano, toda vez que esta mulher vier aqui para os exorcismos, chamai-me logo e virei. Creio não seja uma louca como entendia até agora" e manteve a sua palavra vindo sempre orar com os presentes.

Um dia encarreguei um seminarista de encher na sacristia um copo com água benta e com aquele copo na mão, considerando que ninguém tinha podido assistir à cena, dirigi-me ao parlatório. Depois o copo na mesa e disse: "Um pouco de água fresca te fará bem. Bebe". Olhou repetidamente para o copo sem tocá-lo, pelo que eu a encorajei: "Não tenhas medo, não está envenenada, olha, também eu a bebo" e bebi um gole. Depois de uma recusa, torceu o nariz, com voz lenta e forte, em dialeto irpino, disse: "Esta não é água que nós bebemos". Respondi: "E que água de Torella dei Lombardi (aldeia da mulher) é melhor que esta?" Com tonalidade de quem não quer ser enganado, em voz alta e em dialeto, respondeu: "Não te faças de imbecil, esta é água benta". Negando, sabendo que estava negando, eu disse: "Não é água benta, eu a peguei da torneira, com as minhas mãos". Olhou-me com rudeza dizendo-me: "Agora o mentiroso és tu, esta água pegaram-na outros, e não tu". Era verdade, de fato anteriormente eu tinha ido à cozinha e tinha pedido ao cozinheiro que pegasse na sacristia um copo de água benta, mas me respondeu que estava ocupado, pelo que pedi a um seminarista. Exortei repetidamente o espírito a beber e por fim cedeu e bebeu. Perguntei-lhe: "Mas como,

é água benta e tu a bebes?” Respondeu: “Não fui eu quem a bebeu, mas ela”. Voltei para a cozinha, enchi o copo na torneira e levei-lho; bebeu-o dizendo: “Esta tu a pegaste da torneira”.

Um dia, veio-me uma idéia maluca (que nunca mais me ocorreu depois) e disse: “Eu quero ver-vos”. Aceitou a proposta e disse: “Viremos esta noite às onze e meia”. E eu: “Está bem, mas como fareis para entrar? Eu me fecho à chave”. Respondeu: “Nós entramos como vento (queria dizer como os espíritos). Porém, tu precisas tirar todas aquelas Senhoras e Crucifixos que tens em teu quarto”. “Está certo, tirarei tudo”, disse. Ele acrescentou: “Bem, mas tu deves tirar este manto que vestes (referia-se ao hábito religioso que os frades vestiam também quando iam dormir)”. Respondi eu: “Está bem, mas fico com o cordão”. “Não, esse tu o deves tirar em primeiro lugar”. Enquanto eu dava prova de disponibilidade, ele disse: “Esta noite te faremos as carnes negras negras” e fez o gesto das mãos à maneira de garras e a boca alongada para a direita e para a esquerda mostrando os dentes trancados de raiva. Desafiei-o dizendo: “Vinde, espero-vos”. Foi uma loucura, mas certamente controlada pelo Alto. Disse ele ainda: “Porém, precisas tirar uma outra coisa, todas aquelas coisas da missa que conservas na valise”. Pensei comigo mesmo: “Mas vê, até onde meteu o nariz este aqui, até na minha valise”. De fato, em uma valise eu conservava o necessário para a missa e a camisa da minha primeira Missa que eu usava em poucas ocasiões. Nem mesmo os superiores sabiam disso. Admirado e intrépido confirmei o acordo. Neste ponto, vi que deu marcha à ré o adversário que,

enfurecido e humilhado, mudou de assunto. Deu um murro fortíssimo na mesa e permaneceu com o olhar fixo no chão e os cotovelos apoiados nos joelhos. A cena me deixou cheio de curiosidade e perguntei: "O que aconteceu? Tu mudaste de idéia?" Enraivecido e com a mão esquerda entre os dentes disse: "A Senhora nos disse que não te toquemos". Perguntei: "Como? Está Nossa Senhora no meio de nós?" Respondeu: "Sim, está atrás de ti, mas não posso olhar para ela", e dizendo isto, apontou o indicador da mão direita para as minhas costas e o olhar enfurecido fixado no chão. Saiba-se que na parede atrás de mim não estava pendurada nenhuma imagem sacra a que pudesse estar se referindo. Disse com tom seguro: "Se no nosso negócio entra a Senhora, estou frito". Naquela ocasião eu me conscientizei de três coisas: a prova pedida (as coisas pertinentes à missa que eu conservava em uma valise), o meu presunçoso desafio e, de maneira maravilhosa, a intervenção de Nossa Senhora que me salvou de uma tragédia certa.

No decorrer dos exorcismos, padre Cipriano descobriu que a mulher estava possessa porque um feiticeiro lhe havia dado de beber água com cinzas e ossos de mortos depois de ter feito sobre ela sinais estranhos. O demônio, interrogado com perguntas sobre teologia, filosofia, história respondia de maneira a tirar toda dúvida sobre a sua presença real. Respondia sempre em dialeto gesualdino, também às perguntas feitas em latim ou em inglês, línguas desconhecidas para aquela mulher que foi completamente libertada depois de quase um ano do primeiro exorcismo.

## Apêndice III

### **O malefício no *Rituale Romanum* e no novo rito dos exorcismos de *Exorcismis et Supplicationibus Quibusdam***

O *Rituale Romanum* entende atual o malefício e considera real a possibilidade de que possa ter efeito. Mas, do que é que se trata? O malefício (termo que deriva da expressão latina *malum facere* = fazer o mal) segundo os antigos manuais de teologia moral é *uma forma de magia exercida pelo homem com objetivo de fazer o mal ao próprio próximo ou aos seus bens com a ajuda e a intervenção do demônio*, o qual, contente por servir-se da maldade dos homens para realizar os seus projetos de ódio e de destruição, se intromete nos projetos maléficis do feiticeiro ou bruxo em colaboração com ele para causar prejuízos a alguém. O efeito maléfico, portanto, não seria produzido pelo rito mágico em si, mas pelo demônio, que age através do bruxo. E tanto mais

devastadoras serão as conseqüências, quanto maior for o grau de “comunhão” do bruxo com o demônio.

Na Nota pastoral da Comissão Episcopal Toscana, *A proposito di magia e di demonologia* [A respeito de magia e demonologia] n. 13, de abril de 1994, a respeito da real eficácia dos malefícios, afirma-se que uma “resposta é certamente difícil para os casos particulares, mas não se pode excluir, na prática deste gênero, uma certa participação no gesto maléfico do mundo demoníaco, e vice-versa”.

A nossa experiência quotidiana no ministério dos exorcismos averigua casos de ação extraordinária do demônio, sobre as pessoas, devidas também a malefícios. Não existe nenhuma dúvida, efetivamente, que às vezes, em particular nos travesseiros, sem que nenhuma mão humana os tenha materialmente ali introduzido, tenham sido encontrados cordas amarradas, mechas de cabelos estritamente embaraçados, manchas de sangue, bonequinhos de cera ou de pano transpassados por alfinetes, ou bonequinhas cheias de sinais ou de talhos, pilhas, pequeninos féretros, lã finamente trançada, penas em forma de coroa ou de animais (especialmente sapos) ou de figuras geométricas, seixos, pedaços de pau ou de ferro, fios metálicos enrolados, corações feitos com a mesma substância do material esponjoso do travesseiro e até mesmo sapos ou cobras vivos. Algumas vezes – como escreve o padre Amorth – foram encontradas manchas inexplicáveis de sangue ou pequenas cruces aparecidas nas roupas, nos lençóis, nas cobertas, nas paredes; ou então se sentiram improvisos e intensíssimos odores desagradáveis, sobretudo de

enxofre, de queimado, de esterco, de urina de gato, de carniça; ou então se verificaram estranhas invasões de insetos em uma casa, a ponto de encontrá-los até mesmo dentro da geladeira e do freezer!

Os malefícios são uma realidade e podem às vezes ser a causa de uma ação extraordinária do demônio que vai da infestação dos lugares até a verdadeira e própria possessão. O n. 15 dos *Praenotanda* (Premissas Gerais) da primeira edição do *De exorcismis et supplicationibus quibusdam*, apresentado pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos no dia 26 de janeiro de 1999, tinha deixado os exorcistas extremamente perplexos, quando não verdadeiramente desorientados, porque empregando a palavra latina *credulitate* (credulidade), parecia fazer pensar que o malefício se devia considerar apenas como fruto da imaginação popular e, por este motivo, não se devia absolutamente fazer exorcismos àqueles que se julgavam atingidos por ele. O *Rituale Romanum*, ao invés, considerava possível que uma possessão diabólica fosse originada também de um malefício, como de fato às vezes os exorcistas verificam no decorrer do seu ministério, nos casos de real ação extraordinária do demônio.

O problema suscitado pela afirmação aparentemente cética do novo ritual dos exorcismos, em relação à realidade do malefício, parece, porém, já superada. O padre Gabriele Nanni, laureado em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Lateranense, com uma tese sobre as fontes canônicas que regulamentam o exorcismo, publicada pela Libreria Editrice Vaticana

em 2004 com o título *Il dito di Dio e il potere di Satana. L'esorcismo*, nota como a publicação em 2004 da segunda edição do *De exorcismis et supplicationibus quibusdam*, modificando a expressão *credulitate* [credulidade] por *falsa opinione* [falsa opinião], queria dizer que *o exorcista deve distinguir se uma pessoa está realmente atacada de maneira extraordinária pelo demônio por causa de um malefício ou se, ao invés, a pessoa tem a opinião errada de ser vítima de malefício que na realidade não lhe foi feito.*

Na primeira edição, no n.15 dos *Praenotanda*, se dizia:

“Recte distinguat casus impetus diabolici *ab illa credulitate* qua quidam, etiam fideles, putant se esse obiectum maleficii, malae sortis vel maledictionis, quae sint ab aliis allata super ipsos vel eorum propinquos vel bona eorum”. ([O exorcista] “distinga justamente o caso de ataque do diabo *daquela credulidade* pela qual alguns, também fiéis, julgam ser objeto de malefício, de desventuras ou de maldições, que seriam lançadas sobre eles ou sobre os pais ou sobre os seus bens”).

Na segunda edição do *De exorcismis et supplicationibus quibusdam*, publicada em 2004, a expressão *ab illa credulitate* foi substituída pela *a falsa opinione*, pela qual torna-se:

“Recte distinguat casus impetus diabolici *a falsa opinione* qua quidam, etiam fideles, putant se esse obiectum maleficii, malae sortis vel maledictionis, quae sint ab aliis allata super ipsos vel eorum propinquos vel bona eorum” ([O exorcista] “distinga justamente o caso de ataque do diabo *daquela falsa opinião* pela qual alguns, também fiéis, julgam ser objeto de malefício, de desventuras ou de maldições, que seriam lançadas sobre eles ou sobre os pais ou sobre os seus bens”).

Acrescenta, além disso, frei Benigno: “Pensar que o n. 15 dos *Praenotanda* considere o malefício sempre e em todo caso fruto de uma crença popular isenta de todo fundamento, significaria afirmar que o (novo) ritual dos exorcismos consideraria fruto de credulidade popular a convicção que encontramos presente no *Catecismo da Igreja Católica*, segundo a qual existem magos que, dirigindo-se à intervenção dos demônios, praticam o mal para outros. Tal convicção submete-se em tudo ao que está dito no n. 2117, quando o *Catecismo da Igreja Católica*, avaliando as práticas de magia e de feitiçaria sob um ponto de vista moral, afirma textualmente: ‘*Essas práticas são ainda mais condenáveis quando acompanhadas de uma intenção de prejudicar a outrem, ou quando recorrem ou não à intervenção dos demônios*’. Ninguém pensará que os *Praenotanda* querem tomar posição contra uma tal afirmação”.<sup>1</sup>

O assunto “Malefício” é para nós exorcistas um dos mais delicados, porque facilmente se presta ao perigo de gerar psicoses: compreende-se, portanto, a legítima preocupação daqueles que prepararam o novo rito dos exorcismos. Os redatores desse texto, mesmo não excluindo verdadeiramente a concreta possibilidade de que às vezes o malefício seja realizado realmente e de maneira eficaz (como claramente afirma o *Rituale Romanum* no n. 8 e no n. 20 das *Normae observandae circa exorcizandos a demonio*), a meu parecer, querem que se

---

<sup>1</sup> Fra Benigno. *Dalla filosofia all'esorcismo. L'esperienza di un Esorcista "convertito" raccontata al Cardinale di Palermo*. Edizioni Rinnovamento nello Spirito Santo, 2006, p. 65.

evite o risco de atribuir toda dificuldade ou evento negativo a um malefício, feito por alguém contra nós. De fato, mesmo se não se negue que possa acontecer efetivamente a realização de um malefício contra alguém, não se deve, porém, fomentar a mentalidade segundo a qual o malefício, verdadeiro ou presumível que seja, torna-se um cômodo álibi para não assumir as próprias responsabilidades. A primeira e eficaz tutela de toda a forma de ocultismo, eventualmente empregada contra nós, é uma normal vida de oração e de união com o Senhor. O malefício, de fato, salvo raras exceções permitidas por Deus, encontra um objetivo obstáculo na intensidade de vida cristã da pessoa contra a qual é dirigido: quanto mais válida é a defesa espiritual que encontra, mais se anulam os perversos propósitos que o bruxo tinha procurado impetrar com seus ritos. E se também, em raras situações, os efeitos maléficis vicejam em uma pessoa que está na graça de Deus, em geral os danos produzidos são bastante limitados.

Para evitar falsos medos, o padre Gabriele Amorth recorda que “freqüentemente os malefícios não alcançam os seus objetivos por vários motivos: porque Deus não o permite; porque a pessoa visada está bem protegida por uma vida de oração e de união com Deus; porque muitos feiticeiros são inábeis, quando não são meros embrulhões; porque o demônio mesmo ‘mentiroso desde o princípio’, como o identifica o Evangelho, engana os seus próprios sequazes. Seria um gravíssimo erro viver com o medo de receber malefícios. Nunca a Bíblia nos diz para temer o demônio. Diz-nos sim para resistir-lhe, certos de que ele fugirá de nós (Tg

4,7); diz-nos para ficarmos vigilantes contra os seus anjaltos, permanecendo fortes na fé (1Pd 5,9). Temos a graça de Cristo que derrotou Satanás com a sua Cruz; temos a intercessão de Maria Santíssima, inimiga de Satanás desde o início da humanidade; contamos com a ajuda dos Anjos e dos Santos. Sobretudo temos o zelo da Trindade, que nos foi impresso no Batismo. Se vivermos em comunhão com Deus, é o demônio com todo o inferno que tremerá diante de nós. A menos que não sejamos nós quem lhe vá abrir a porta".<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Amorth, G. *Un esorcista racconta*. Edizioni Dehoniane, Roma, 1990, 1ª ed., pp. 128-129.

**“Gostaria que este livro fosse um salutar desafio para os bispos, sacerdotes e educadores, para que não se continue a esnoabar um pedido talvez não expressado, mas sofrido por muitos fiéis e também infiéis que se encontram atormentados. Costuma-se dizer que a primeira vitória de Satanás é convencer, até mesmo com pretextos pseudoculturais, que ele não existe ou, no máximo, que ele é apenas um boneco agitado para assustar crianças más ... Eis por que é indispensável um conhecimento, ao menos sumário, dos modos habituais de intervenção do Maligno que podem chegar até às raias da possessão.**

**E a importância deste livro está em oferecer critérios seguros para aproximar-se do tremendo mistério que este gênero de luta comporta”.**

**(Texto extraído do *Prefácio* escrito por Mons. Gaetano Bonicelli)**